

MICHIKO KAKUTANI

A MORTE DA VERDADE



NOTAS SOBRE A MENTIRA NA ERA TRUMP



A MORTE DA VERDADE

NOTAS SOBRE A MENTIRA
NA ERA TRUMP

MICHIKO
KAKUTANI

TRADUÇÃO DE
ANDRÉ CZARNOBAI E MARCELA DUARTE





Copyright © 2018 by Michiko Kakutani

TÍTULO ORIGINAL

The Death of Truth

A [gravura](#) *Murió la Verdad (A verdade morreu)*, de Francisco Goya, é de propriedade de The British Museum Images.

REVISÃO

Victor Almeida

Ângelo Lessa

PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Christopher Brand

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Túlio Cerquize

REVISÃO DE E-BOOK

Marina Góes

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0386-2

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



[_intrinseca.com.br](https://www.intrinseca.com.br)

*Para os jornalistas em todo o mundo que trabalham para noticiar os
fatos*

SUMÁRIO

[FOLHA DE ROSTO](#)

[CRÉDITOS](#)

[MÍDIAS SOCIAIS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[1. O DECLÍNIO E A QUEDA DA RAZÃO](#)

[2. AS NOVAS GUERRAS CULTURAIS](#)

[3. “MOI” E A ESCALADA DA SUBJETIVIDADE](#)

[4. O DESAPARECIMENTO DA REALIDADE](#)

[5. A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM](#)

[6. FILTROS, BOLHAS E TRIBOS](#)

[7. DÉFICIT DE ATENÇÃO](#)

[8. PROPAGANDA E FAKE NEWS](#)

[9. A FELICIDADE DOS TROLLS COM A DESGRAÇA ALHEIA](#)

[EPÍLOGO](#)

[NOTAS](#)

[OUTRAS REFERÊNCIAS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

INTRODUÇÃO

Dois dos regimes mais abomináveis da história da humanidade chegaram ao poder no século XX, e ambos se estabeleceram com base na violação e no esfacelamento da verdade, cientes de que o cinismo, o cansaço e o medo podem tornar as pessoas suscetíveis a mentiras e falsas promessas de líderes determinados a alcançar o poder incondicional. Como Hannah Arendt escreveu em seu livro de 1951, *Origens do totalitarismo*: “O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento).”¹

O alarmante para o leitor contemporâneo é que as palavras de Arendt soam cada vez menos como um comunicado do século passado e mais como um terrível reflexo do panorama cultural e político em que vivemos hoje — um mundo no qual as *fake news* e as mentiras são divulgadas em escala industrial por “fábricas” de *trolls* russos, lançadas num fluxo ininterrupto pela boca e pelo Twitter do presidente dos Estados Unidos, e espalhadas pelo mundo todo na velocidade da luz por perfis em redes sociais. O nacionalismo, o tribalismo, a sensação de estranhamento, o medo de mudanças sociais e o ódio aos estrangeiros estão novamente em ascensão à medida que as pessoas, trancadas nos seus grupos partidários e protegidas pelo filtro de suas bolhas, vêm perdendo a noção de realidade compartilhada e a habilidade de se comunicar com as diversas linhas sociais e sectárias.

No entanto, não quero fazer uma analogia direta entre as circunstâncias atuais e os horrores opressivos da época da Segunda Guerra Mundial, apenas olhar para determinadas condições e atitudes — ao comentar as obras de George Orwell *1984* e *A revolução dos bichos*,² Margaret Atwood as chamou de “sinais de alerta” — que tornam um povo suscetível à demagogia e à manipulação política, e transformam uma nação numa presa fácil para os aspirantes a autocratas. Quero examinar como o descaso pelos fatos, a substituição da razão pela emoção, e a corrosão da linguagem estão diminuindo o valor da verdade, e o que isso significa para os Estados Unidos e para o mundo.

“O historiador sabe o quão frágil é a tessitura dos fatos no cotidiano em

que vivemos”, escreveu Arendt em 1971, no ensaio “A mentira na política”. “Ela está sempre correndo o risco de ser perfurada por uma única mentira ou despedaçada pela mentira organizada de grupos, países ou classes, ou negada e distorcida, muitas vezes cuidadosamente acobertada por calhamaços de mentiras, ou simplesmente autorizada a cair no esquecimento. Fatos necessitam de testemunhos para serem lembrados, e de testemunhas confiáveis para serem oficializados, de modo a encontrar um lugar seguro para habitar o domínio dos interesses humanos.”³

O termo “declínio da verdade” (usado pelo *think tank* Rand Corporation para descrever “o enfraquecimento do papel dos fatos e análises” na vida pública norte-americana)⁴ entrou para o léxico da era da pós-verdade, que inclui também expressões agora corriqueiras como “*fake news*” e “fatos alternativos”. E não só as notícias são falsas: também existe a ciência falsa (produzida por negacionistas das mudanças climáticas e *anti-vaxxers*, os ativistas do movimento antivacina), a história falsa (promovida por revisionistas do Holocausto e supremacistas brancos), os perfis falsos de norte-americanos no Facebook (criados por *trolls* russos) e os seguidores e “*likes*” falsos nas redes sociais (gerados por *bots*).

Trump, o 45º presidente dos Estados Unidos, mente de forma tão prolífica e com tamanha velocidade que o *The Washington Post* calculou que ele fez 2.140 alegações falsas ou enganosas no seu primeiro ano de governo — uma média de quase 5,9 por dia.⁵ As mentiras dele — sobre absolutamente tudo, desde as investigações sobre a interferência russa nas eleições, passando por sua popularidade e suas conquistas, até o tempo que passa vendo TV — são apenas o mais espalhafatoso entre os vários sinais de alerta acerca de seus ataques às instituições democráticas e normas vigentes. Ele ataca rotineiramente a imprensa, o sistema de justiça, as agências de inteligência, o sistema eleitoral e os funcionários públicos responsáveis pelo bom funcionamento do governo norte-americano.

Entretanto, os ataques à verdade não estão limitados aos Estados Unidos. Pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões. Alegações falsas sobre as relações financeiras do Reino Unido com a União Europeia (em anúncios da campanha do partido Vote Leave num ônibus)⁶ ajudaram a mudar a votação em favor do Brexit; e a Rússia intensificou a propagação da sua *dezinformatsiya* durante as

campanhas eleitorais na França, na Alemanha, na Holanda e em outros países, em esforços orquestrados de propaganda para desacreditar e desestabilizar democracias.

O papa Francisco nos lembra: “Não existe desinformação inofensiva; acreditar na falsidade pode ter consequências calamitosas.”⁷ O ex-presidente Barack Obama comentou que “um dos maiores desafios que temos em nossa democracia é o fato de não compartilharmos a mesma base de fatos” — atualmente as pessoas estão “operando em universos de informação completamente diferentes”.⁸ E o senador republicano Jeff Flake fez um discurso no qual alertou que “2017 foi o ano em que nós vimos a verdade — objetiva, empírica, baseada em evidências — ser mais agredida e atacada do que em qualquer outro período da história norte-americana, por meio das mãos da figura mais poderosa do nosso governo”.⁹

Como isso aconteceu? Quais são as raízes da falsidade na era Trump? Como a verdade e o bom senso se tornaram espécies ameaçadas de extinção, e o que sua morte iminente sugere para o futuro do nosso discurso público, da nossa política e dos nossos governantes? Esse é o tema deste livro.

* * *

É MUITO FÁCIL encarar Trump — um candidato que baseou sua carreira política no pecado original do nascimentismo (ou *birtherism*) — como um cisne negro que conquistou seu cargo graças a uma soma perfeita de fatores: um eleitorado frustrado ainda se recuperando da ressaca da crise financeira de 2008; a interferência dos russos na eleição com uma enxurrada de *fake news* a favor dele nas redes sociais; uma oponente altamente polarizada que simbolizava a elite de Washington, acusada pelos populistas; e uma publicidade espontânea estimada em 5 bilhões de dólares graças à cobertura dos veículos de imprensa obcecados com as visualizações e os cliques gerados pelo ex-astro de reality show.¹⁰

Se um escritor criasse um vilão como Trump — uma personificação megalomaníaca e extravagante do narcisismo, mendacidade, ignorância, preconceito, grosseria e demagogia com impulsos tirânicos (isso sem falar que é alguém que consome até uma dúzia de Coca-Cola diet por dia)¹¹ —, seria acusado de ter produzido um personagem muito fantasioso ou sem nenhuma verossimilhança. Na verdade, o presidente dos Estados Unidos frequentemente se apresenta como um personagem menos convincente do

que seria uma mistura de Ubu Rei, Triumph the Insult Comic Dog e um personagem descartado de Molière.

No entanto, por mais que a personalidade de Trump possua traços cômicos, não devemos nos cegar diante das consequências tremendamente sérias de seus ataques à verdade e ao Estado de direito, que evidenciam a vulnerabilidade de nossas instituições e comunicações digitais. Um candidato tão exposto durante a campanha por seu histórico de mentiras e práticas comerciais enganosas¹² dificilmente conseguiria tanto apoio popular se setores do público não tivessem adotado uma postura um tanto quanto blasé em relação à verdade. É inegável que existem problemas sistêmicos em relação ao modo como as pessoas obtêm as informações e como passaram a pensar de forma cada vez mais polarizada.

Com Trump, a esfera pessoal é política e, em muitos sentidos, ele é menos uma anomalia caricata e mais um bizarro epítome de uma série de atitudes mais amplas e interligadas que corroem lentamente a verdade nos dias de hoje, desde a mistura do noticiário e da política com o entretenimento até a polarização tóxica que tomou conta da política norte-americana, passando pelo crescente desprezo populista em relação ao conhecimento especializado.

Essas atitudes, por sua vez, são símbolos das dinâmicas que foram ganhando corpo por anos a fio, criando um ambiente perfeito no qual Veritas, a deusa da Verdade (conforme foi retratada por Goya na famosa gravura *Murió la Verdad*), poderia adoecer e cair morta.

Já faz décadas que a objetividade — ou mesmo a ideia de que as pessoas desejam conhecer a melhor verdade disponível — está fora de moda. A famosa frase do ex-senador Daniel Patrick Moynihan — “Todo mundo tem o direito de ter suas próprias opiniões, mas não seus próprios fatos”¹³ — é mais atual do que nunca: a polarização se tornou tão extrema nos Estados Unidos que os eleitores dos estados de maioria republicana e dos de maioria democrata estão tendo dificuldades para entrar em consenso sobre os mesmos fatos. Isso vem acontecendo desde que um verdadeiro sistema solar de sites de notícias de direita passou a orbitar a Fox News e o Breitbart News e consolidou sua força gravitacional sobre a base republicana. E esse cenário vem sendo exponencialmente acelerado pelas redes sociais, que conectam usuários que pensam da mesma forma e os abastecem com notícias personalizadas que reforçam suas ideias preconcebidas, permitindo que eles vivam em bolhas, ambientes cada vez mais fechados e sem comunicação com o exterior.

Quanto a isso, o relativismo está em ascensão desde o início das guerras culturais, na década de 1960. Naquela época, ele foi abraçado pela Nova Esquerda, ansiosa para expor os preconceitos do pensamento ocidental, burguês e primordialmente masculino; e por acadêmicos que pregavam o evangelho do Pós-modernismo, que argumentava que não existem verdades universais, apenas pequenas verdades pessoais — percepções moldadas pelas forças sociais e culturais de um indivíduo. Desde então, o discurso relativista tem sido usurpado pela direita populista, incluindo os criacionistas e os negacionistas climáticos, que insistem que suas teorias sejam ensinadas junto com as teorias “baseadas na ciência”.

O relativismo, é claro, combina perfeitamente com o narcisismo e a subjetividade que estão em expansão, desde “A década do eu”, de Tom Wolfe, até a autoestima na era das *selfies*. Não é nenhuma surpresa, portanto, que o efeito Rashomon — o ponto de vista de que tudo depende do seu ponto de vista — venha permeando nossa cultura, desde livros de sucesso como *Destinos e Fúrias*, de Lauren Groff, até séries de TV como *The Affair*, baseados na ideia de realidades conflitantes e narradores em quem não se pode confiar.

Tenho lido e escrito sobre muitos desses assuntos nas últimas quatro décadas, desde a ascensão do conceito de desconstrução e das batalhas acerca do cânone literário nos campi universitários; debates sobre a releitura ficcional de fatos históricos em filmes como *JFK*, de Oliver Stone, e *A Hora Mais Escura*, de Kathryn Bigelow; esforços feitos pelos governos Clinton e Bush para se furtar à transparência e definir a realidade em seus próprios termos; a guerra de Donald Trump contra a linguagem e seus esforços para normalizar o anormal; e a influência da tecnologia na forma como processamos e compartilhamos informações. Nestas páginas pretendo recorrer à leitura de livros e da realidade atual para ligar alguns pontos acerca dos ataques à verdade e situá-los num quadro mais amplo de dinâmicas sociais e políticas que vêm se infiltrando em nossa cultura há anos. Também pretendo chamar a atenção para alguns livros e artigos proféticos do passado, que ajudam a entender melhor o dilema em que nos encontramos hoje.

A verdade é um dos pilares da democracia. Como observou a ex-procuradora-geral interina Sally Yates, a verdade é uma das coisas que nos separam de uma autocracia: “Nós podemos — e devemos — debater políticas e questões, mas esses debates devem se basear em fatos em comum, e não em apelações baratas à emoção e ao medo na forma de mentiras e de uma

retórica polarizante.”

“Não apenas existe uma verdade objetiva, como deixar de dizê-la é uma questão importante. Não temos como controlar se os agentes públicos mentem para nós. Mas temos como controlar se eles devem responder por essas mentiras ou se então, seja por exaustão ou para proteger nossos interesses políticos, vamos olhar para o outro lado e igualar a indiferença à verdade.”¹⁴

1

O DECLÍNIO E A QUEDA DA RAZÃO

“Isto é uma maçã.
Algumas pessoas vão tentar dizer que é uma banana.
Talvez elas gritem repetidas vezes: ‘Banana, banana, banana.’
Talvez elas escrevam BANANA em letras maiúsculas.
Talvez você até mesmo comece a acreditar que isto é uma banana.
Mas não é.
Isto é uma maçã.”

— Comercial da CNN, mostrando a foto de uma maçã¹

Em seu discurso de 1838 no Young Men's Lyceum, o jovem Abraham Lincoln demonstrou preocupação com o fato de que, à medida que as lembranças da Revolução ficavam para trás, a liberdade da nação era ameaçada por um desprezo pelas instituições governamentais, que protegiam as liberdades civis e religiosas deixadas como legado pelos Fundadores. Para preservar o Estado de direito e evitar a ascensão de um pretenso tirano que poderia “surgir entre nós”, seria necessária uma razão sóbria — “uma razão fria, calculada, imparcial”.² Para permanecer “livre até o último dos homens”, ele incitou o povo norte-americano a abraçar a razão, junto com uma “moralidade sólida e, em particular, uma reverência pela constituição e pelas leis”.

Como Lincoln sabia, os fundadores dos Estados Unidos haviam baseado sua jovem república nos princípios iluministas da razão, da liberdade, do progresso e da tolerância religiosa. E a estrutura constitucional que haviam arquitetado se fundamentava num sistema racional de separação dos poderes para evitar a possibilidade, nas palavras de Alexander Hamilton, do surgimento de “um homem sem princípios em sua vida privada”, “de temperamento insolente”, que talvez “viesse montado no cavaleiro de pau da popularidade” e “exaltasse e se alinhasse com o disparate propagado pelos extremistas de sua era”, de modo a constranger o governo, “lançando ainda mais coisas nessa confusão para dominar a tempestade e direcionar o furacão”.³

Esse sistema estava longe de ser perfeito, mas resistiu por mais de dois séculos graças à sua resiliência e à capacidade de acomodar mudanças essenciais. Líderes como Lincoln, Martin Luther King Jr. e Barack Obama viam os Estados Unidos como uma obra em progresso — um país em processo de autoaperfeiçoamento. E eles tentaram acelerar essa obra, cientes, nas palavras do Dr. King, de que “o progresso não é automático nem inevitável”,⁴ mas algo que necessita de esforços e dedicação contínuos. O que fora conquistado desde a Guerra Civil e o movimento dos direitos civis eram lembretes do trabalho que ainda havia por fazer, mas também um tributo à crença do presidente Obama de que os norte-americanos “podem se reinventar constantemente para se adaptar a sonhos cada vez maiores”,⁵ e à crença iluminista no que George Washington chamou de “o grande experimento confiado às mãos do povo norte-americano”.⁶

Junto a essa visão otimista dos Estados Unidos como uma nação que poderia se tornar uma reluzente “cidade edificada sobre um monte” também existe uma contranarrativa irracional e sombria na história do país, que se reafirmou com uma vingança — a tal ponto que a razão não apenas está sendo minada, mas ao que parece foi simplesmente defenestrada junto com os fatos, com o debate bem informado e com a criação de políticas deliberativas. A ciência está sendo atacada, bem como a autoridade de especialistas de todos os campos — seja em política internacional, segurança nacional, economia ou educação.

Philip Roth chamou essa contranarrativa de “selvageria nativa americana”,⁷ e o historiador Richard Hofstadter notoriamente a descreveu como “estilo paranoide” — uma visão alimentada por “fervorosos exageros, desconfiança e fantasia conspiratória”⁸ e focada na percepção de ameaças a “uma nação, uma cultura, um modo de vida”.⁹ O ensaio de 1964 de Hofstadter foi inspirado pela campanha de Barry Goldwater e pelos movimentos de direita ao seu redor, assim como seu livro de 1963, *Anti-Intellectualism in American Life*, concebido em resposta à notória caça às bruxas promovida pelo senador Joseph McCarthy e também ao panorama político e social mais amplo dos anos 1950.

Goldwater perdeu a eleição presidencial, e o macarthismo se autodestruíu depois que um advogado do Exército norte-americano, Joseph Welch, teve a coragem de enfrentar McCarthy: “Afinal de contas, o senhor não tem nenhum senso de decência?”, perguntou Welch. “Não lhe sobrou nenhum senso de decência?”¹⁰

O malicioso McCarthy, que havia acusado pessoas de deslealdade por todos os cantos de Washington (“o Departamento de Estado abriga um ninho de comunistas e simpatizantes dos comunistas”, avisou ao presidente Truman em 1950),¹¹ foi admoestado pelo senado em 1954. E, com o lançamento do Sputnik pelos soviéticos, em 1957, o alarmante movimento antirracionalista começou a recuar, dando lugar a uma corrida espacial e a uma série de esforços orquestrados para aprimorar os programas científicos dos Estados Unidos.

Hofstadter notou que o estilo paranoico tende a se manifestar em “ondas episódicas”.¹² O movimento anticatólico e anti-imigrante Know Nothing atingiu seu auge em 1855, quando 43 membros do Congresso admitiram abertamente defender suas próprias ideias.¹³ A força do movimento começou

a se dissipar rapidamente no ano seguinte, depois que o partido se fragmentou em várias dissidências. No entanto, a intolerância que ele incorporava permaneceu, como um vírus, incubado no sistema político esperando para emergir outra vez.

Hofstadter argumenta que a direita moderna tende a ser mobilizada por um sentimento de ressentimento e desapropriação: “Os Estados Unidos, em grande parte, foram tomados dessas pessoas”, escreveu ele, e elas podem acabar achando que “não têm acesso à barganha política ou à tomada de decisões”.¹⁴

No caso dos Estados Unidos dos *millenials* (e de grande parte da Europa Ocidental também), esse ressentimento é exacerbado pelas mudanças demográficas e pelos costumes sociais que fizeram alguns membros da classe operária branca se sentirem cada vez mais marginalizados; por conta de desigualdades de renda cada vez maiores, aceleradas pela crise financeira de 2008; e por forças como a globalização e a tecnologia, que estão acabando com os trabalhos de manufatura e injetando uma nova dose de incerteza e angústia na vida cotidiana.

Trump e outros líderes nacionalistas e anti-imigrantes da direita europeia, como Marine Le Pen na França, Geert Wilders na Holanda e Matteo Salvini na Itália,¹⁵ inflamavam esses sentimentos de medo, ódio e privação de direitos, oferecendo bodes expiatórios em vez de soluções; enquanto liberais e conservadores, preocupados com a ascensão do nativismo e de agendas políticas preconceituosas, alertaram para o fato de que as instituições democráticas estavam cada vez mais ameaçadas. “A segunda vinda”, poema que Yeats escreveu em 1919 em meio aos escombros da Primeira Guerra Mundial, passou por um tremendo *revival* em 2016 — citado mais vezes em matérias na imprensa durante o primeiro semestre do que ao longo das últimas três décadas,¹⁶ uma vez que articulistas políticos evocaram seus famosos versos: “Tudo se parte, o centro não sustenta./ Mera anarquia avança sobre o mundo.”¹⁷

O ataque à razão e à verdade atingiu seu ápice nos Estados Unidos durante o primeiro ano de mandato do presidente Trump, mas vinha sendo incubado havia anos pela extrema direita. Durante a campanha de 2016, opositores de Clinton que fabricavam acusações delirantes sobre a morte de Vince Foster na década de 1990 se uniram a membros paranoicos do Tea Party que afirmaram que os ambientalistas queriam controlar a temperatura das casas e as cores dos carros.¹⁸ A eles se juntaram blogueiros do Breitbart e *trolls* da

direita alternativa. Quando Trump ganhou a indicação dos republicanos para concorrer à presidência, as ideias extremistas dos seus apoiadores mais radicais — sua intolerância racial e religiosa, seu ódio pelo governo anterior e sua aceitação das teorias da conspiração e das notícias falsas — chegaram ao grande público.

De acordo com um levantamento feito em 2017 pelo *The Washington Post*, 47% dos republicanos erroneamente acreditam que Trump venceu no voto popular; 68% acreditam que milhões de imigrantes ilegais votaram em 2016; e mais da metade dos republicanos afirmaram não ver problemas em adiar as eleições presidenciais de 2020 até que se resolvam problemas como a votação dos imigrantes ilegais.¹⁹ Outro estudo, conduzido por cientistas políticos na Universidade de Chicago, demonstrou que 25% dos norte-americanos acreditam que a quebra da bolsa em 2008 foi secretamente orquestrada por um pequeno grupo de banqueiros; 19% acreditam que o governo tem algum envolvimento com os ataques terroristas do 11 de Setembro; e 11% acreditaram numa teoria que os próprios pesquisadores inventaram, que dizia que lâmpadas fluorescentes faziam parte de um plano do governo para tornar as pessoas mais passivas e fáceis de serem controladas.²⁰

Trump, que lançou sua carreira política promovendo descaradamente o nascimentismo (*birtherism*) e já falou positivamente sobre o radialista e teórico da conspiração Alex Jones,²¹ preside uma administração que se tornou, em seu primeiro ano, a própria personificação dos princípios anti-iluministas, repudiando os princípios do racionalismo, da tolerância e do empirismo tanto nas políticas quanto no *modus operandi* — um reflexo do estilo impulsivo e errático de seu comandante em chefe em tomar decisões, baseado não em conhecimento, mas no instinto, em caprichos e em ideias preconcebidas (e frequentemente delirantes) a respeito do funcionamento do mundo.

Trump não fez nenhum esforço para acabar com sua ignorância a respeito das políticas interna e externa quando se mudou para a Casa Branca. Seu ex-estrategista chefe, Stephen Bannon,²² disse que o presidente só “lê o que reafirma suas crenças”²³ e sempre negou, minimizou ou desconsiderou qualquer informação a respeito da interferência russa nas eleições de 2016. Como menções a esse assunto costumavam provocar a ira do presidente e podiam atrapalhar o andamento dos relatórios diários de inteligência, funcionários do governo contaram em entrevista ao *The Washington Post* que, às vezes, incluíam esse tipo de material somente na versão impressa do

PDB (*President's Daily Brief*, o relatório diário do presidente), que todos sabiam que ele raramente lia.²⁴

Em vez disso, ao que parece o presidente prefere obter suas informações na Fox News, sobretudo no programa matinal bajulador *Fox & Friends* e em veículos como o Breitbart News e o National Enquirer.²⁵ De acordo com relatos, ele costuma passar até oito horas por dia vendo TV²⁶ — um hábito que deve fazer com que muitos leitores se recordem de Chauncey Gardiner, o jardineiro viciado em TV que virou celebridade e estrela política em ascensão no romance *O Videota*, de Jerzy Kosiński, publicado em 1970. A Vice News também relatou que Trump recebe, duas vezes por dia, uma pasta contendo um clipping elogioso, incluindo “tuítes de admiradores, trechos de entrevistas bajuladoras na TV, matérias jornalísticas repletas de elogios e, de vez em quando, apenas fotos de Trump na TV parecendo poderoso”.²⁷

Esse tipo de detalhe absurdo é mais preocupante do que apenas cômico, porque não estamos falando de um mero episódio de *Além da imaginação* sobre um lunático morando numa enorme casa branca em Washington. A propensão de Trump para o caos não só não foi contida pelos mais próximos a ele, como contaminou toda a sua administração. Ele garante ser “o único que importa”²⁸ quando o assunto é a criação de políticas e, dado o seu desprezo pelo conhecimento institucional, ignora com frequência os conselhos de membros do gabinete e de agências, isso quando não os exclui por completo da discussão.

* * *

IRONICAMENTE, A DISFUNÇÃO que esses hábitos alimentam tende a confirmar a desconfiança que seus apoiadores têm em relação a Washington (um dos principais motivos pelos quais votaram em Trump, em primeiro lugar), criando uma espécie de profecia autorrealizável que, em contrapartida, produz mais cinismo e uma relutância em participar do processo político. Um número crescente de eleitores percebe um descompasso gritante entre suas crenças e as políticas do governo. Políticas de bom senso,²⁹ como a obrigatoriedade de um atestado de antecedentes criminais para quem quiser comprar uma arma de fogo, apoiada por mais de nove em cada dez norte-americanos, têm encontrado entraves no Congresso, que está repleto de integrantes que dependem de doações da Associação Nacional de Rifles, a NRA. Numa pesquisa feita em 2018, 87% dos norte-americanos disseram ser

favoráveis à permanência dos *dreamers* nos Estados Unidos (os jovens imigrantes que chegaram ao país ainda crianças).³⁰ Mesmo assim, o Daca, que concede autorização temporária de estadia e trabalho aos *dreamers*, se transformou num verdadeiro jogo político. E 83% dos norte-americanos (incluindo 75% dos republicanos) afirmaram ser favoráveis à neutralidade da rede — que foi derrubada pela FCC (*Federal Communication Commission*, a Comissão Federal de Comunicações) de Trump.³¹

* * *

O DECLÍNIO DA importância do discurso racional — e do papel desempenhado pelo bom senso e pela política de checagem dos fatos — certamente não começou com Donald J. Trump. Ele apenas representa a culminação das tendências apontadas nos livros visionários escritos por Al Gore, Farhad Manjoo e Susan Jacoby, publicados mais de uma década antes de Trump se mudar para o número 1.600 da Pennsylvania Avenue. Entre as causas desse declínio, Jacoby (*The Age of American Unreason*) cita um “vício no infoentretenimento”,³² a força persistente do fundamentalismo religioso, “a famosa equação que diz que o intelectualismo associado ao liberalismo supostamente está em desacordo com os valores tradicionais norte-americanos”³³, e um sistema educacional que “oferece um mau serviço não apenas no ensino das habilidades mais básicas, como também no das lógicas que regem essas habilidades”.³⁴

Al Gore (*O ataque à razão*), por sua vez, chama atenção para a situação moribunda dos Estados Unidos como democracia participativa (baixa participação eleitoral, um eleitorado muito mal informado, campanhas dominadas pelo dinheiro e pela manipulação da mídia) e para “uma persistente e contínua crença em falsidades como base para políticas, mesmo diante de extensas e bem-aceitas evidências que provam o contrário”.³⁵

O ponto de partida para o raciocínio de Al Gore foi a desastrosa decisão do governo Bush de invadir o Iraque, além da maneira cínica como essa guerra foi vendida ao público, distorcendo “a realidade política norte-americana ao alimentar um novo medo pelo Iraque que era imensamente desproporcional ao seu perigo real”,³⁶ vindo de um país que não atacou os Estados Unidos no 11 de Setembro e não possuía as assustadoras armas de destruição em massa que os falcões do governo (os membros pró-guerra) fizeram os norte-americanos acreditarem que possuía.

Na verdade, a Guerra do Iraque permanece como uma lição sobre as calamidades que podem ocorrer quando decisões importantes que afetam o mundo inteiro são tomadas não por meio de uma política racional e de uma criteriosa ponderação de informações e análises de especialistas,³⁷ mas, em vez disso, inflamadas por convicções ideológicas e pela supressão de evidências para comprovar ideias fixas preconcebidas.

Desde o começo, os falcões de guerra comandados pelo vice-presidente Dick Cheney e pelo secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, pressionaram para que houvesse “ofensivas” de informação que ajudassem a justificar uma guerra. Uma unidade controversa chamada Office of Special Plans (Agência de Planos Especiais) chegou a ser criada no Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Sua missão, de acordo com um conselheiro do Pentágono citado por Seymour M. Hersh na *The New Yorker*, era coletar provas de algo que Rumsfeld e o vice-secretário de Defesa Paul Wolfowitz acreditavam ser verdade — Saddam Hussein tinha laços com a al-Qaeda e o Iraque possuía um enorme arsenal de armas biológicas, químicas e, possivelmente, nucleares.

Enquanto isso, o planejamento para a guerra terrestre ignorou sérias advertências de especialistas, como o Chefe do Estado-Maior do Exército, Eric K. Shinseki, que declarou que o pós-guerra no Iraque necessitaria de “algo na escala de várias centenas de milhares de soldados”.³⁸ Sua recomendação foi rapidamente desconsiderada, assim como os relatórios da Rand Corporation e do Army War College alertando para o fato de que a segurança no pós-guerra e a reconstrução do Iraque exigiriam um grande número de tropas por um período prolongado. Essas análises foram ignoradas — e com consequências fatídicas — porque não se encaixavam nas promessas deliberadamente otimistas do governo de que o povo iraquiano daria as boas-vindas às tropas americanas como seus libertadores e de que a resistência em solo seria limitada. “Uma barbada”, como descreveu um aliado de Rumsfeld.³⁹

O fracasso em enviar tropas para garantir a segurança e restaurar a lei e a ordem no país; o engavetamento do projeto Future of Iraq, do Departamento de Estado (por conta de tensões com o Pentágono); as decisões *ad hoc* de dissolver o Exército iraquiano e expulsar todos os membros seniores do Partido Baath: todas essas trapalhadas desastrosas que poderiam ter sido evitadas resultaram numa ocupação americana confusa, que um dos soldados destacados para a Autoridade Provisória da Coalizão descreveu, de forma

memorável, como “um monte de penas coladas na esperança de parecer um pato”.⁴⁰ Na verdade, a Guerra do Iraque acabaria se provando um dos eventos mais catastróficos do começo do século, incendiando a geopolítica da região, dando origem ao Estado Islâmico e a uma série de desastres para o povo iraquiano, a região e o mundo, cujas consequências se desenrolam até hoje.

* * *

EMBORA TRUMP TENHA criticado com frequência a decisão de invadir o Iraque durante a campanha de 2016,⁴¹ sua Casa Branca não aprendeu nada com a maneira como o governo Bush lidou com essa guerra trágica e desnecessária. Em vez disso, a administração de Trump ampliou ainda mais as decisões políticas com o uso de engenharia reversa e o repúdio pelos especialistas.

Por exemplo, houve um racha no Departamento de Estado como resultado da promessa de Steve Bannon de lutar pela “desconstrução do estado administrativo”⁴² e pelo fato de a Casa Branca suspeitar de integrantes do *deep state*, ou “Estado profundo”. O genro do presidente, Jared Kushner, um investidor imobiliário de 36 anos sem nenhuma experiência governamental, foi nomeado e recebeu a incumbência de lidar com todos os assuntos relativos ao Oriente Médio, enquanto o Departamento de Estado encolhia e ficava cada vez mais marginalizado. Diversas posições importantes permaneciam vagas no final do primeiro ano do mandato de Trump. Isso aconteceu em parte devido à redução do tamanho do governo e ao abandono de cargos; em parte devido à relutância em indicar diplomatas que haviam expressado reservas em relação às políticas do presidente (como no caso de seu papel como embaixador na Coreia do Sul)⁴³ e, em parte, devido ao êxodo de funcionários estrangeiros qualificados de uma agência que, sob nova direção, não valorizava mais suas habilidades na diplomacia, seu conhecimento em política ou sua experiência em regiões remotas do planeta. Somando as rupturas de Trump com aliados e acordos comerciais de longa data aos seus constantes ataques aos ideais democráticos, o descuido do seu governo em relação à política externa provocou uma queda na confiança do mundo no tocante à capacidade de os Estados Unidos liderarem, atingindo, em 2017, um novo recorde negativo, de 30% (abaixo da China e logo acima da Rússia), de acordo com uma pesquisa da Gallup.⁴⁴

Em alguns aspectos, o desprezo que a Casa Branca de Trump nutre pelo conhecimento especializado e pela experiência refletem atitudes mais amplas

que permeiam toda a sociedade americana. Em seu livro *O culto do amador*, publicado originalmente em 2007, o empreendedor do Vale do Silício Andrew Keen fez um alerta para o fato de que a internet havia não apenas democratizado a informação de maneira inimaginável, como também estava fazendo com que a “sabedoria das multidões”⁴⁵ tomasse o lugar do conhecimento legítimo, nublando perigosamente os limites entre fato e opinião, entre argumentação embasada e bravata especulativa.

Uma década depois, o acadêmico Tom Nichols escreveu, em *The Death of Expertise*, que uma hostilidade deliberada contra o conhecimento estabelecido havia surgido tanto na direita quanto na esquerda, com pessoas argumentando de forma agressiva que “toda opinião sobre qualquer tema é tão boa quanto as outras”.⁴⁶ Agora, a ignorância está na moda.

“Quando não têm interesse em se informar em um nível básico sobre os assuntos que afetam suas vidas”, escreveu Nichols, “os cidadãos abdicam de ter controle sobre esses assuntos, gostando deles ou não.”⁴⁷ E quando os eleitores perdem o controle sobre estas importantes decisões, correm o risco de que suas democracias sejam sequestradas por demagogos ignorantes, ou de que suas instituições democráticas sejam corroídas, de forma mais gradual e silenciosa, até se transformarem numa tecnocracia autoritária”.

* * *

A PREFERÊNCIA DO governo Trump por lealdade e afinidade ideológica em detrimento da expertise está bem clara. Juízes sem qualificações⁴⁸ e diretores de órgãos foram indicados com base em nepotismo, conexões políticas ou por estarem comprometidos com o enfraquecimento de agências que pudessem atrapalhar os planos desregulatórios de Trump para beneficiar a indústria de combustíveis fósseis e os grandes doadores corporativos. Rick Perry, que ficou famoso por querer abolir o Departamento de Energia, foi nomeado para comandá-lo, ordenando cortes nos programas relacionados a fontes renováveis de energia;⁴⁹ e o novo diretor da EPA (Environmental Protection Agency, Agência de Proteção Ambiental), Scott Pruitt, que processou repetidas vezes a EPA ao longo dos anos, começou rapidamente a dismantelar e travancar a legislação criada para proteger o meio ambiente.⁵⁰

A população — que se opunha à reforma tributária proposta pelos republicanos e temia que o sistema de saúde pudesse ser extinto — foi completamente ignorada sempre que suas ideias não estavam de acordo com

os objetivos do governo Trump ou do Congresso republicano. E quando especialistas em determinados campos — como mudanças climáticas, política fiscal ou segurança nacional — levantavam questões inconvenientes, eram colocados para escanteio, ou coisa pior. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Congressional Budget Office [Escritório do Orçamento do Congresso]⁵¹ (criado há décadas como um órgão independente e apartidário para fornecer estimativas de custos para as legislaturas) quando apresentou um relatório alertando que o orçamento proposto pelos republicanos para o sistema de saúde deixaria milhões de pessoas sem cobertura. Republicanos começaram a atacar o órgão — não apenas o relatório, mas sua própria existência. O diretor do Departamento de Gestão e Orçamento de Trump, Mick Mulvaney, questionou se a era do Escritório do Orçamento do Congresso não havia “chegado ao fim”, e outros republicanos propuseram cortes em seu orçamento e redução de pessoal, passando de 235 para 89 funcionários.

Quanto a isso, o mecanismo rotineiro de criação de políticas — e o processo normal de análise e discussão — foi contornado frequentemente pelo governo Trump, que violou as normas como todos esperavam que fizesse. Vários movimentos foram o resultado irracional de uma espécie de engenharia reversa: primeiro se decidia um resultado que a Casa Branca ou o Congresso republicano desejava, e só depois se tentava produzir justificativas ou argumentos a seu favor, o exato oposto do método científico, em que dados são coletados e avaliados de forma sistemática para que hipóteses sejam formuladas e testadas. Esse é um método que o governo claramente despreza, levando em conta as ordens que deu aos analistas dos CDC (Centers for Disease Control and Prevention, Centros de Controle e Prevenção de Doenças), para que evitassem usar as expressões “base científica” e “baseado em fatos”.⁵² Vale lembrar que na distopia orwelliana *1984* não existe uma palavra para “ciência”, uma vez que “o método empírico de pensamento, no qual todos os avanços científicos do passado estão baseados”, simboliza uma realidade objetiva que ameaça o poder que o Grande Irmão possui de determinar o que é verdade.⁵³

Além de anunciar sua retirada do Acordo de Paris (depois que a Síria assinou o acordo global, os Estados Unidos se tornaram o único país do mundo a repudiá-lo),⁵⁴ o governo de Trump também prometeu solenemente acabar com o Plano de Energia Limpa, do presidente Obama, e cancelou o veto à exploração de petróleo e gás natural nas águas costeiras.⁵⁵ Cientistas

foram desligados de conselhos consultivos do governo, e planejou-se o corte no financiamento de uma vasta gama de programas de pesquisa, em áreas como biomedicina, ciência ambiental, engenharia e análise de dados.⁵⁶ Só a Agência de Proteção Ambiental, por exemplo, viu-se diante de uma proposta de corte de 2,5 bilhões de dólares do seu orçamento anual relativo aos financiamentos da Casa Branca — uma redução de mais de 23%.⁵⁷

* * *

EM ABRIL DE 2017, a Marcha pela Ciência, organizada em Washington para protestar contra as políticas anticiência do governo Trump, acabou se transformando em mais de quatrocentas marchas em mais de 35 países, com manifestantes fazendo passeatas em solidariedade aos seus colegas nos Estados Unidos, e também por estarem preocupados com a situação da ciência e da razão nos seus próprios países.⁵⁸ Decisões tomadas pelo governo norte-americano a respeito das mudanças climáticas e outros problemas globais, no fim das contas, acabam tendo um efeito dominó sobre o mundo inteiro — afetando parcerias e pesquisas colaborativas, bem como os esforços para encontrar soluções internacionais para as crises que afetam o planeta.

Os cientistas britânicos estavam preocupados com a maneira como o Brexit poderia afetar as universidades e instituições de pesquisa no Reino Unido, e as possibilidades para que estudantes britânicos fizessem intercâmbios pela Europa.⁵⁹ Cientistas em países como Austrália, Alemanha e México estavam preocupados com o crescimento de atitudes de desvalorização da ciência, das evidências e da revisão por pares. E médicos na América Latina e na África estavam preocupados porque *fake news* sobre a zika e o ebola estavam disseminando medo.

Mike MacFerrin, aluno de pós-graduação em glaciologia que trabalha em Kangerlussuaq, uma cidade de quinhentos habitantes na Groenlândia, explicou à revista *Science* que os moradores tinham motivos reais para se preocupar com as mudanças climáticas, pois o volume de água decorrente do derretimento da camada de gelo já havia encoberto parcialmente uma ponte local: “Eu comparo os ataques à ciência ao ato de desligar os faróis”, disse ele. “É como se estivéssemos num carro a toda velocidade, e as pessoas não quisessem ver o que vem pela frente. Nós, os cientistas, somos os faróis.”⁶⁰

* * *

UM DOS RELATOS mais pungentes sobre a velocidade com que “o domínio da *raison*” — a crença na ciência, o humanismo, o progresso e a liberdade — dá lugar ao “seu oposto, o terror e a emoção das massas”⁶¹ foi escrito pelo austríaco Stefan Zweig na sua autobiografia de 1942, *O mundo de ontem*. Zweig testemunhou duas calamidades que abalaram o mundo — a Primeira Guerra Mundial, seguida de uma breve trégua, e então a cataclísmica ascensão de Hitler e a derrocada até a Segunda Guerra. Sua biografia é um testemunho de como a Europa se destruiu de forma suicida duas vezes em poucas décadas — a história da “terrível derrota da razão” e do “selvagem triunfo da brutalidade”, e também, como ele esperava, uma lição para as futuras gerações.

Zweig escreveu sobre crescer em um tempo e em um lugar em que os milagres da ciência — a cura de doenças, “a transmissão de informações no mesmo segundo através do globo terrestre” — faziam com que o progresso se mostrasse como algo inevitável.⁶² Mesmo os problemas mais terríveis, como a pobreza, “não pareciam mais intransponíveis”. A geração do pai de Zweig estava arrebatada por um otimismo (que talvez lembre alguns leitores da onda de esperança que tomou o mundo ocidental após a queda do Muro de Berlim, em 1989). Como ele mesmo se recorda: “Imaginavam genuinamente que as fronteiras divergentes entre nações e credos religiosos se dissolveriam gradualmente em prol do humanitarismo, beneficiando, com isso, a humanidade inteira com paz e segurança, os mais elevados de todos os bens.”

Quando eram jovens, Zweig e seus amigos passavam horas em cafés, conversando sobre arte e assuntos pessoais: “Descobrir e estar na vanguarda daquilo que era mais recente, mais novo, extravagante, fora do comum (...), era nossa paixão.”⁶³ Naquele tempo, a classe média e as classes altas tinham uma sensação de segurança: “A casa era assegurada contra incêndio e arrombamento, a lavoura contra geadas e intempéries, o corpo contra acidentes e doenças.”

As pessoas demoraram a perceber o perigo que Hitler representava. “Os poucos entre os escritores que realmente haviam se dado o trabalho de ler o livro de Hitler”, escreveu Zweig, “ironizavam o estiloso pomposo de sua prosa em vez de se preocupar com o seu programa”.⁶⁴ Os jornais asseguravam aos seus leitores que o movimento nazista “ruiria em pouco tempo”. E muitos presumiram que caso “um agitador antisemita” se tornasse o chanceler, “certamente abandonaria esse tipo de vulgaridade”.

Os sinais apocalípticos começaram a se acumular. Grupos de jovens

ameaçadores perto da fronteira da Alemanha “pregavam seu evangelho acompanhado de ameaças, dizendo que qualquer um que não se juntasse a eles imediatamente pagaria mais tarde”.⁶⁵ E “as fendas subterrâneas entre raças e classes que a era da conciliação fechara à custa de tanto esforço” estavam se abrindo mais uma vez e, em breve, seriam “abismos e precipícios”.

Mas os nazistas tiveram o cuidado, recorda Zweig, de não revelar toda a extensão de seus planos logo de cara. “Era assim que praticavam cuidadosamente o seu método: uma dose de cada vez, e depois de cada dose uma pequena pausa. Sempre só um comprimido e depois esperar um pouco para verificar se não era forte demais” — para ver se o público e a “consciência do mundo toleravam essa dose”.⁶⁶

Zweig escreveu que, como relutavam em abandonar as vidas a que estavam acostumadas, seus hábitos e rotinas diários, as pessoas não quiseram acreditar na velocidade com que seus direitos estavam sendo tirados. Perguntavam-se o que o novo líder da Alemanha poderia “fazer à força num Estado em que a lei estava firmemente ancorada, onde a maioria do Parlamento era contra ele, e onde todo cidadão acreditava na sua liberdade e igualdade de direitos garantidos por uma constituição solenemente homologada” — aquele rompante de loucura, elas diziam a si mesmas, “não vingaria em pleno século XX”.⁶⁷

2

AS NOVAS GUERRAS CULTURAIS

“A morte da objetividade ‘me alivia da obrigação de estar certo’.
Ela ‘apenas exige que eu seja interessante.’”
— Stanley Fish^{[1](#)}

Num artigo profético de 2005, o falecido David Foster Wallace escreveu que a proliferação de veículos de comunicação — impressos, na TV e on-line — havia produzido “um caleidoscópio de opções informativas”. Wallace observou que uma das ironias dessa estranha paisagem midiática, que deu origem a uma proliferação de veículos de comunicação com viés ideológico (incluindo vários de direita, como a Fox News e o Rush Limbaugh Show), foi que ela criou “precisamente o tipo de relativismo que os conservadores culturais condenam, uma espécie de caos epistemológico em que ‘a verdade’ é totalmente uma questão de perspectiva e agenda política”.²

Essas palavras foram escritas há mais de uma década, antes das eleições de 2016, mas previram espantosamente o cenário cultural pós-Trump, em que a verdade cada vez mais parece estar nos olhos de quem vê, os fatos são intercambiáveis e socialmente construídos e, com frequência, nos sentimos transportados para um mundo invertido, onde as premissas e posições em vigor há décadas foram substituídas de repente pelo seu contrário.

O Partido Republicano, que já foi um bastião para os soldados da Guerra Fria, e Trump, que concorreu com uma plataforma baseada na lei e na ordem, hoje fazem pouco-caso dos perigos da interferência russa nas eleições americanas; e os membros republicanos do Congresso falam sobre grupos conspiratórios secretos dentro do FBI e do Departamento de Justiça.³ Como certos membros da contracultura de 1960, muitos desses novos republicanos rejeitam a racionalidade e a ciência. Na primeira rodada das guerras culturais, a Nova Esquerda rejeitou os ideais do Iluminismo como vestígios do antigo pensamento patriarcal e imperialista. Hoje, esses ideais de razão e progresso são atacados pela direita por serem vistos como parte de uma conspiração liberal para minar valores tradicionais ou como possíveis indicativos de um elitismo intelectual da Costa Leste. Em relação a isso, a paranoia com o governo tem migrado cada vez mais da esquerda — que culpou o complexo militar-industrial pelo Vietnã — para a direita, com *trolls* da direita alternativa (*alt-right*) e membros republicanos do Congresso que acusam agora o assim chamado Estado profundo de conspirar contra o presidente.

A campanha de Trump se apresentou como uma força insurgente e revolucionária, lutando em nome de seu eleitorado marginalizado e utilizando uma linguagem pouco sincera que estranhamente ecoava aquela usada pelos radicais nos anos 1960. “Nós queremos acabar com esses conchavos entre os

doadores ricos, as grandes corporações e os executivos da mídia”, declarou Trump em um comício.⁴ E, em outro, clamou por mudanças nessas “instituições políticas falidas e corruptas”.⁵

Ainda mais irônica é a apropriação de argumentos pós-modernistas pela direita populista e sua adoção do repúdio filosófico da objetividade — escolas de pensamento associadas há décadas à esquerda e aos próprios círculos acadêmicos de elite que Trump e companhia desprezam. Por que deveríamos nos importar com esses argumentos acadêmicos incompreensíveis? Podemos afirmar com segurança que Trump nunca teve contato com as obras de Derrida, Baudrillard ou Lyotard (se é que já ouviu falar deles), e os pós-modernistas dificilmente poderiam ser culpados por todo esse niilismo que paira livremente pelo planeta. Mas alguns corolários simplificados de seu pensamento se infiltraram na cultura popular e foram sequestrados pelos defensores do presidente, que querem usar seus argumentos relativistas para desculpar suas mentiras, e por direitistas que querem questionar a evolução, negar a realidade das mudanças climáticas ou divulgar fatos alternativos. Até mesmo Mike Cernovich, o notório *troll* da direita alternativa e teórico da conspiração, mencionou o Pós-modernismo em uma entrevista de 2016 para a *The New Yorker*: “Olha, eu li teoria pós-moderna na faculdade. Se tudo é uma narrativa, então precisamos de alternativas para a narrativa dominante.” E acrescentou: “Eu não pareço um cara que lê Lacan, pareço?”⁶

* * *

DESDE A DÉCADA de 1960, tem ocorrido uma queda progressiva da confiança nas instituições e nas narrativas oficiais. Parte desse ceticismo tem sido um corretivo necessário — uma resposta racional às calamidades do Vietnã e do Iraque, a Watergate, à crise financeira de 2008 e aos preconceitos culturais que havia muito contaminavam tudo, desde o ensino da história nas escolas primárias até as injustiças do sistema jurídico. Mas a democratização libertadora da informação possibilitada pela internet não apenas estimulou a inovação e um empreendedorismo de tirar o fôlego, como também deu origem a uma enxurrada de desinformação e relativismo, conforme evidenciado pela atual epidemia de notícias falsas.

Um elemento fundamental para o colapso das narrativas oficiais na academia foi a constelação de ideias que se enquadram no amplo cenário do

Pós-modernismo, que chegou às universidades americanas na segunda metade do século XX por meio de teóricos franceses como Foucault e Derrida (cujas ideias, por sua vez, devem muito aos filósofos alemães Heidegger e Nietzsche). Na literatura, no cinema, na arquitetura, música e pintura, os conceitos pós-modernistas (destruindo tradições de narração de histórias e rompendo as fronteiras entre os gêneros, e entre cultura popular e a alta cultura) se revelariam emancipadores e, em alguns casos, transformadores, dando origem a uma ampla gama de trabalhos inovadores de artistas como Thomas Pynchon, David Bowie, os irmãos Coen, Quentin Tarantino, David Lynch, Paul Thomas Anderson e Frank Gehry. Quando aplicadas às ciências sociais e à história, no entanto, as teorias pós-modernas acabaram dando origem a todo tipo de implicações filosóficas, tanto intencionais quanto não intencionais, que, mais tarde, teriam repercussões em nossa cultura.

Há muitas linhas diferentes de Pós-modernismo, assim como muitas interpretações diferentes. No entanto, de modo geral, os argumentos Pós-modernistas negam a existência de uma realidade objetiva independente da percepção humana, argumentando que o conhecimento é filtrado pelos prismas de classe, raça, gênero e outras variáveis. Ao rejeitar a possibilidade de uma realidade objetiva e substituir as noções de perspectiva e posicionamento pela ideia de verdade, o Pós-modernismo consagrou o princípio da subjetividade. A linguagem é vista como não confiável e instável (parte da lacuna intransponível entre o que é dito e o que se entende); e mesmo a noção de pessoas que agem como indivíduos totalmente racionais e autônomos é descartada, pois cada um de nós é moldado, conscientemente ou não, por um tempo e uma cultura específicos.

Abaixo a ideia de consenso. Abaixo a visão da história como uma narrativa linear. Abaixo as grandes metanarrativas universais ou transcendentais. O Iluminismo, por exemplo, é descartado por muitos pós-modernistas de esquerda como uma leitura hegemônica ou eurocêntrica da história, destinada a promover noções colonialistas ou capitalistas de razão e progresso. A narrativa cristã da redenção também é rejeitada, assim como o caminho marxista para uma utopia comunista. Para alguns pós-modernistas, observa o acadêmico Christopher Butler, até os argumentos dos cientistas podem ser “vistos como não mais que seminarrativas que competem com todas as outras por aceitação. Não se encaixam de uma forma particular ou confiável no mundo, não possuem nenhuma correspondência inquestionável com a

realidade. São apenas outra forma de ficção”.⁷

* * *

A MIGRAÇÃO DE ideias pós-modernas da academia para o mainstream político é um lembrete de como as guerras culturais — como os debates acalorados sobre raça, religião, gênero e currículos escolares foram chamados durante os anos 1980 e 1990 — sofreram mudanças inesperadas. Os ataques terroristas do 11 de Setembro e a crise financeira de 2008, pensou-se, tinham marginalizado esses debates e havia a esperança, durante o segundo mandato do presidente Barack Obama, de que as guerras culturais em sua forma mais virulenta talvez estivessem arrefecendo. Legislação do sistema de saúde, o Acordo de Paris, uma economia em ritmo de estabilização após o *crash* de 2008, o casamento homoafetivo, esforços para lidar com as desigualdades do sistema de justiça criminal — embora várias reformas essenciais ainda devessem ser feitas, muitos norte-americanos acreditavam que o país estava, pelo menos, determinado a percorrer um caminho progressista.

Em seu livro de 2015, *A War for the Soul of America*, o historiador Andrew Hartman escreveu que os tradicionalistas que “resistiram às mudanças culturais colocadas em movimento durante os anos 1960” e “identificaram-se com o americanismo normativo dos anos 1950” pareciam ter perdido as guerras culturais das décadas de 1980 e 1990. No século XXI, escreveu Hartman, “uma maioria crescente de norte-americanos passou a aceitar e até a aprovar o que na época parecia ser uma nova nação. Sob essa luz, as guerras culturais do final do século XX devem ser entendidas como um período de adaptação. O país se debateu com a mudança cultural de modo a se ajustar a ela. As guerras culturais levaram os norte-americanos, mesmo os conservadores, a reconhecer as transformações na vida nos Estados Unidos. E embora o reconhecimento muitas vezes viesse na forma de rejeição, era também o primeiro passo para a resignação, se não a aceitação total”.⁸

Mas acontece que essa avaliação otimista foi radicalmente prematura, da mesma forma que o ensaio de Francis Fukuyama, de 1989, “O fim da história” (argumentando que, com a implosão do comunismo soviético, a democracia liberal triunfou e se tornou “a forma final do governo humano”).⁹ Um relatório da Freedom House concluiu que “com forças populistas e nacionalistas obtendo ganhos significativos em estados democráticos, 2016

marcou o décimo primeiro ano consecutivo de declínio na liberdade global”.¹⁰ E em 2017, Fukuyama disse estar preocupado com “uma lenta erosão das instituições” e das normas democráticas sob o governo Trump; 25 anos antes disso, havia declarado que “não tinha uma percepção ou uma teoria sobre como as democracias poderiam retroceder”, mas agora percebeu que “claramente podem”.¹¹

As guerras culturais rapidamente voltaram com força total. As alas mais extremistas da base republicana — o Tea Party, os nascimentistas, a direita cristã, os nacionalistas brancos — se mobilizaram contra o presidente Obama e suas políticas. E Trump, tanto como candidato quanto como presidente, jogaria gasolina nessas fraturas sociais e políticas como maneira de ampliar sua base e desviar a atenção de seus fracassos políticos e seus muitos escândalos.¹² Ele explorou as divisões partidárias na sociedade americana, apelando para os medos dos eleitores brancos da classe operária, preocupados com um mundo em mudança, e ao mesmo tempo lhes oferecia bodes expiatórios — imigrantes, afro-americanos, mulheres, muçulmanos — como alvos para sua raiva. Não é coincidência que os *trolls* russos, trabalhando para eleger Trump e tentando minar a fé no sistema democrático norte-americano, estivessem, ao mesmo tempo, usando perfis falsos em redes sociais com o intuito de ampliar ainda mais as divisões entre os norte-americanos. Por exemplo, descobriu-se que *trolls* russos usaram um perfil falso no Facebook chamado “Heart of Texas” para organizar um protesto chamado “Acabe com a islamização do Texas” em maio de 2016, e outro perfil falso chamado “United Muslims of America” para organizar um contraprotesto no mesmo horário e local.¹³

Alguns dos críticos mais eloquentes da política de medo e divisão de Trump foram conservadores como Steve Schmidt, Nicole Wallace, Joe Scarborough, Jennifer Rubin, Max Boot, David Frum, Bill Kristol, Michael Gerson e os senadores republicanos John McCain e Jeff Flake. Mas a maioria do Partido Republicano ofereceu apoio a Trump, racionalizando suas mentiras, seu desprezo pela expertise e seu menosprezo por muitos dos ideais que serviram de base para a fundação dos Estados Unidos. Para os apoiadores de Trump, o partido estava acima de tudo — moralidade, segurança nacional, responsabilidade fiscal, bom senso e decência. Durante a polêmica sobre o suposto caso de Trump com a estrela pornô Stormy Daniels, a direita cristã veio em sua defesa: Jerry Falwell Jr. alegou que “todas essas coisas aconteceram anos atrás”¹⁴ e Tony Perkins, presidente da Family Research

Council,¹⁵ disse que ele e seus partidários estavam dispostos a não levar em conta o comportamento pessoal de Trump.

Este é um acontecimento bastante irônico, se levarmos em conta a forma como os conservadores se posicionaram durante a primeira onda das guerras culturais nos anos 1980 e 1990. Na época, foram os conservadores que se promoveram como guardiões da tradição, da expertise e do Estado de direito, contrapondo-se ao que consideravam ser o declínio da razão e o repúdio aos valores ocidentais. Em seu livro de 1987, *The Closing of the American Mind*, o professor de filosofia política Allan Bloom protestou contra o relativismo e condenou os protestos em campi universitários na década de 1960 nos quais “o comprometimento foi considerado mais importante que a ciência, e a paixão mais importante do que a razão”.¹⁶ E a acadêmica Gertrude Himmelfarb alertou para o fato de que a escrita e o ensino da história haviam sido politizados por uma nova geração de pós-modernistas: ao ver o passado através das lentes de variáveis como gênero e raça, argumentou ela, os pós-modernistas não estavam sugerindo apenas que todas as verdades eram fortuitas, mas também que “não é apenas fútil, mas positivamente danoso buscá-las”.¹⁷

Alguns críticos tentaram injustamente colocar os impulsos pluralistas do multiculturalismo ao lado dos argumentos mais radicais dos pós-modernistas que ridicularizavam a possibilidade de ensinar (ou escrever) a história de uma forma justa. O primeiro oferecia um antídoto crucial às narrativas tradicionais do excepcionalismo norte-americano e do triunfalismo ocidental, abrindo os limitados portões da história para as até então menosprezadas vozes de mulheres, afro-americanos, nativos americanos, imigrantes e outros pontos de vista marginalizados. O multiculturalismo enfatizava a incompletude de muitos registros históricos, como argumentaram Joyce Appleby, Lynn Hunt e Margaret Jacob em seu livro incisivo e repleto de bom senso *Telling the Truth About History*. Além disso, o multiculturalismo oferecia a possibilidade de uma perspectiva mais inclusiva e plural. Mas eles também advertiram que pontos de vista extremos poderiam levar à crença perigosamente reducionista de que “o conhecimento sobre o passado é simplesmente uma construção ideológica destinada a servir interesses particulares, fazendo da história uma série de mitos, estabelecendo ou reforçando identidades grupais”.¹⁸

A ciência também foi atacada por pós-modernistas radicais, que argumentaram que as teorias científicas são socialmente construídas — influenciadas pela identidade da pessoa que postula a teoria e pelos valores

da cultura em que é formada; portanto, a ciência não pode alegar neutralidade ou verdades universais.

“A visão pós-moderna casa bem com a ambivalência em relação à ciência que surgiu após a produção da bomba nuclear e durante a Guerra Fria”, escreveu Shawn Otto em *The War on Science*. Entre os acadêmicos de esquerda nos departamentos de ciências humanas das universidades, continuou ele, “a ciência passou a ser vista como a província de uma estrutura de poder de direita linha-dura e pró-negócios — poluidora, indiferente, gananciosa, mecanicista, sexista, racista, imperialista, homofóbica, opressiva, intolerante. Uma ideologia desumana, que pouco se importava com o bem-estar espiritual ou holístico de nossas almas, nossos corpos ou nossa Mãe Natureza”.¹⁹

Era ridículo, claro, argumentar que a experiência cultural de um pesquisador poderia interferir em fatos científicos verificáveis — ou como Otto colocou de forma sucinta, “o CO₂ atmosférico permanece sempre o mesmo, seja o cientista uma mulher somali ou um homem argentino”.²⁰ Mas tais argumentos pós-modernos abriam caminho para os adeptos do movimento antivacina e os negacionistas do aquecimento global, que se recusam a aceitar a opinião consensual da esmagadora maioria dos cientistas.

Como em tantos outros assuntos, Orwell percebeu os perigos desse tipo de pensamento décadas atrás. Em um ensaio de 1943, escreveu: “O que é peculiar à nossa época é o abandono da ideia de que a história possa ser escrita com verdade. No passado, as pessoas mentiam deliberadamente, ou inconscientemente floreavam o que escreviam, ou se debatiam em busca da verdade, sabendo muito bem que provavelmente estavam cometendo muitos erros; mas, em todos esses casos, elas acreditavam que os ‘fatos’ existiam e eram mais ou menos detectáveis.”²¹

“É exatamente essa base comum de concordância”, prossegue ele, “com a implicação de que os seres humanos são uma espécie de animal, que o totalitarismo destrói. A teoria nazista, de fato, nega especificamente que exista ‘a verdade’. Não existe, por exemplo, uma ‘ciência’. Existe apenas a ‘ciência alemã’, ‘ciência judaica’ etc.”. Quando a verdade é tão fragmentada, tão relativa, observou Orwell, abre-se um caminho para que algum “líder ou algum grupo dominante” dite em quem deve se acreditar: “Se o líder diz que determinado evento ‘nunca aconteceu’ — bem, aquilo nunca aconteceu.”

Pessoas tentando ganhar respeitabilidade por teorias claramente desacreditadas, ou, no caso dos revisionistas do Holocausto, tentando ocultar

capítulos inteiros da história, exploraram o argumento pós-moderno de que todas as verdades são parciais. A história desconstrucionista, como aponta a acadêmica Deborah E. Lipstadt em *Denying the Holocaust*, tem “o potencial de alterar radicalmente a forma como a verdade estabelecida é passada de geração em geração”.²² E isso pode fomentar um panorama intelectual em que “nenhum fato, nenhum evento e nenhum aspecto da história tem qualquer significado ou conteúdo fixo. Qualquer verdade pode ser recontada. Qualquer fato pode ser reformulado. Não há uma realidade histórica definitiva”.

* * *

O PÓS-MODERNISMO NÃO apenas rejeitou todas as metanarrativas, como também enfatizou a instabilidade da linguagem. Um dos fundadores do Pós-modernismo, Jacques Derrida — que alcançaria status de celebridade nos campi norte-americanos nos anos 1970 e 1980, em grande parte graças a discípulos como Paul de Man e J. Hillis Miller — usou a palavra “desconstrução” para descrever um tipo de análise textual da qual foi pioneiro e que seria aplicado não apenas à literatura, mas também à história, à arquitetura e às ciências sociais.

A desconstrução postulou que todos os textos são instáveis e irreduzivelmente complexos, e que os significados, eternamente variáveis, são imputados pelos leitores e observadores. Ao se concentrar nas possíveis contradições e ambiguidades de um texto (articulando os argumentos com uma prosa deliberadamente empolada e pretensiosa), promulgou um relativismo extremo que foi, em última análise, niilista em suas implicações: qualquer coisa poderia significar qualquer coisa; a intenção do autor não importava e não podia ser discernida objetivamente; não havia uma leitura óbvia ou de senso comum, já que tudo tinha uma infinidade de significados. Em suma, não existia uma verdade.

Como David Lehman relatou em seu perspicaz *Signs of the Times*, as piores suspeitas dos críticos da desconstrução foram confirmadas quando explodiu o escândalo de Paul de Man em 1987, e argumentos desconstrucionistas foram utilizados para defender o indefensável.²³

De Man, professor em Yale e um dos nomes de maior destaque da desconstrução, alcançou um público nos círculos acadêmicos que lembrava quase um culto.²⁴ Alunos e colegas o descreviam como um intelectual brilhante, carismático e charmoso que havia fugido da Europa nazista —

onde, segundo ele insinuou, teria feito parte da resistência belga. Um retrato muito diferente seria revelado pela biografia escrita por Evelyn Barish (*The Double Life of Paul de Man*): um vigarista impenitente — um bígamo oportunista e narcisista perigoso, que havia sido condenado na Bélgica por fraude, falsificação e adulteração de documentos.²⁵

A notícia mais chocante foi revelada em 1987, quatro anos após sua morte: um jovem pesquisador belga descobriu que Paul de Man havia escrito pelo menos cem artigos durante a Segunda Guerra Mundial para uma publicação belga pró-nazista chamada *Le Soir*²⁶ — um periódico que propagava um violento antissemitismo e que chegou a declarar num editorial: “Estamos determinados a nos abster de todo tipo de miscigenação e a nos libertar espiritualmente de sua influência desmoralizante nos campos do pensamento, da literatura e das artes.”²⁷

No mais notório dos seus artigos para o *Le Soir*, Paul de Man argumentou que “os escritores judeus sempre estiveram no segundo escalão” e, portanto, não foram capazes de exercer “uma influência preponderante” na evolução da civilização europeia contemporânea.²⁸ “Dessa forma, pode-se ver que uma solução para o problema judaico que levasse à criação de uma colônia judaica isolada da Europa não teria, para a vida literária do Ocidente, consequências lamentáveis. Ela perderia, no fim das contas, algumas personalidades de valor medíocre e continuaria, como no passado, a se desenvolver de acordo com suas leis superiores de evolução.”

Como as notícias dos estarecedores artigos colaboracionistas do autor belga se espalharam rapidamente pelo mundo acadêmico, alguns intelectuais se perguntaram se o passado vergonhoso e secreto de De Man teria influenciado suas teorias sobre a desconstrução — por exemplo, a sua alegação de que “considerações sobre a existência real e histórica dos escritores são uma perda de tempo”.²⁹

Mais perturbador ainda foram os esforços de alguns defensores de Paul de Man, como Derrida, em utilizar os princípios da desconstrução para tentar explicar seus artigos antissemitas, sugerindo que, na verdade, suas palavras teriam subvertido o que pareciam dizer, ou que havia muita ambiguidade inerente às suas palavras para lhe atribuir responsabilidade moral.³⁰

Um admirador de Paul de Man citado por Lehman tentou argumentar que os comentários do autor belga sobre escritores judeus eram um caso de “ironia” em que o tiro havia saído pela culatra, alegando que o tom do ensaio era “de um escárnio impessoal ao longo dos trechos que tratam dos judeus, e

que o objeto do escárnio claramente não eram os judeus, mas os antissemitas”.³¹ Em outras palavras, o escritor estava sugerindo que Paul de Man queria dizer exatamente o oposto do que suas colunas no *Le Soir* afirmavam.

Embora os desconstrucionistas adorem empregar uma prosa cheia de jargões e uma sintaxe perversamente acrobática, alguns dos termos que usam — como “indeterminação dos textos”, “formas alternativas de conhecimento” e “instabilidade linguística” da linguagem — parecem versões pretensiosas de frases recentemente utilizadas por assessores de Trump para explicar suas mentiras, mudanças de opinião e promessas de má-fé. Por exemplo: um representante de Trump dizendo a um consultor do primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, que eles não “precisavam interpretar ao pé da letra cada palavra que Trump disse publicamente”;³² e o ex-coordenador de campanha, Corey Lewandowski, afirmando que o problema com a mídia é que “você interpretam tudo o que Donald Trump diz literalmente. O povo norte-americano não”.³³

3

“MOI” E A ESCALADA DA SUBJETIVIDADE

“Nossa subjetividade é toda e completamente só nossa.”
— Spike Jonze^{[1](#)}

Paralelamente à adoção do Pós-modernismo pela academia, eclodiu nos anos 1970 o que Christopher Lasch chamou de “a cultura do narcisismo” e o que Tom Wolfe denominou memoravelmente de “A década do eu” — uma onda monumental de autocentrismo, autogratificação e desejo de atenção que esses autores atribuíram a causas muito diferentes.

Lasch via o narcisismo como uma reação defensiva às mudanças sociais e à instabilidade — a busca por ser o “número 1” num mundo hostil e ameaçador. Em seu livro, publicado originalmente em 1979, *A cultura do narcisismo*, ele argumentou que uma “ética de autopreservação e sobrevivência psíquica” cínica tinha chegado para atormentar os Estados Unidos² — sintoma de um país que se debatia para lidar com a derrota no Vietnã, com um crescente clima de pessimismo, com uma cultura de massa centrada em celebridades e fama, e com forças centrífugas que encolhiam o papel das famílias na transmissão da cultura.

Lasch apontava que o paciente narcisista, que se tornara cada vez mais emblemático dessa era egoísta, experimentava com frequência “sentimentos intensos de raiva”, “uma sensação de vazio interior”, “delírios de onipotência e uma forte crença em seu direito de explorar os outros”.³ Esse paciente poderia ser “caótico e impulsivo”, “desesperado por admiração, mas desprezando aqueles que ele manipula para obtê-la”, e inclinado a se sujeitar “às regras sociais mais por medo de punição do que por um sentimento de culpa”.

Em contraste com Lasch, Tom Wolfe viu a explosão do “Eu... Eu... Eu” nos anos 1970 como um acontecimento muito mais alegre e hedonista — um ato de libertação de classe, impulsionado pelo boom econômico do pós-guerra, que havia deixado as classes média e operária com tempo livre e renda disponível para se envolver no tipo de atividade inútil outrora reservado aos aristocratas — o “refazer, remodelar, elevar e polir” o seu próprio e glorioso eu.⁴

O cenário econômico se tornaria consideravelmente mais sombrio no século XXI, mas o egocentrismo descrito por Wolfe e Lasch permaneceria uma característica duradoura da vida ocidental desde a “década do eu”, os anos 1970, até a era das *selfies* de Kim Kardashian e Kanye West. A mídia social aceleraria ainda mais a supremacia daquilo que o professor da Faculdade de Direito de Columbia, Tim Wu, descreveu como “o

autopavoneamento” e o desejo de “prender a atenção dos outros com um espetáculo de si mesmo”.⁵

Com essa adoção da subjetividade veio também uma diminuição da verdade objetiva: a glorificação da opinião acima do conhecimento, das emoções acima dos fatos — uma circunstância que ajudou a promover a ascensão de Trump.

Três exemplos. Exemplo número 1: Trump, que já foi acusado de exagerar muito quando se referia à sua fortuna, foi questionado sobre seu patrimônio líquido em depoimento a um tribunal em 2007. Sua resposta? Depende: “Meu patrimônio líquido oscila. Ele sobe e desce de acordo com os mercados, com as atitudes e com os sentimentos, até com os meus próprios sentimentos.” Ele acrescentou, ainda, que seu patrimônio variava dependendo de sua “atitude geral no momento em que a pergunta for feita”.⁶

Exemplo número 2: Perguntado se havia questionado Vladimir Putin sobre a interferência russa na eleição presidencial, Trump respondeu: “Eu acredito que ele tenha a impressão de que ele e a Rússia não se meteram na eleição.”⁷

Exemplo número 3: Durante a Convenção Nacional Republicana de 2016, a âncora da CNN Alisyn Camerota perguntou a Newt Gingrich sobre o discurso sombrio, nacionalista e pregando lei e ordem feito por Trump, que equivocadamente descreveu os Estados Unidos como um país assolado pela violência e pelo crime, e foi bruscamente refutado pelo ex-presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. “Eu entendo sua opinião”, disse Gingrich. “A visão atual é a de que os liberais têm todo um conjunto de estatísticas que, teoricamente, podem estar certas, mas não mostram como os seres humanos estão. As pessoas estão com medo. As pessoas sentem que seu governo as abandonou.”⁸

Camerota assinalou que as estatísticas do crime não eram números liberais — vinham do FBI.

Então, ocorreu o seguinte diálogo:

GINGRICH: “Não, mas o que eu disse é igualmente verdade. As pessoas sentem isso.”

CAMEROTA: “Elas sentem isso, sim, mas os fatos não sustentam isso.”

GINGRICH: “Como candidato político, eu prefiro escutar como as pessoas se sentem e deixar os teóricos para você.”

* * *

A TENDÊNCIA DOS norte-americanos de focarem, com uma visão míope, seus interesses pessoais — negligenciando, algumas vezes, suas responsabilidades cívicas — não é exatamente nova. Em *A democracia na América*, escrito mais de um século e meio antes de as pessoas começarem a usar o Facebook e o Instagram para postar *selfies* e a internet nos separar em bolhas de pessoas que pensam do mesmo jeito, Alexis de Tocqueville observou a tendência dos norte-americanos a se isolarem em “sociedades unidas pela similitude de condições, hábitos e costumes” para “se entregar aos prazeres da vida privada”.⁹ Ele temia que esse egocentrismo reduzisse um senso de dever para com a comunidade na sua definição mais ampla, abrindo caminho para uma espécie de despotismo democrático por parte dos governantes da nação — um poder que não tiraniza, mas “restringe, debilita, sufoca e anestesia um povo” a ponto de este ser “reduzido a nada mais que um bando de animais pacatos e diligentes, dos quais o governo é o pastor”. Ele previu que este seria um custo possível de uma sociedade materialista, na qual as pessoas ficariam tão focadas em buscar “os prazeres reles e insignificantes que preencheriam suas vidas” que negligenciariam suas responsabilidades como cidadãos; era difícil imaginar como essas pessoas, que “havam abandonado inteiramente o hábito de governarem a si próprias, seriam capazes de escolher adequadamente aqueles pelos quais seriam governadas”.

Em meados do século XX, a busca pela autorrealização fazia sucesso tanto na contracultura quanto no *establishment*. Antes do Instituto Esalen e do EST, e dos grupos de encontro que atraíam hippies e adeptos do *new age* que buscavam expandir a consciência nos anos 1960 e 1970, existiram duas figuras influentes cujas doutrinas de autorrealização eram mais materialistas e mais atraentes para os políticos e rotarianos dos subúrbios. Norman Vincent Peale, autor do best-seller de autoajuda de 1952 *O poder do pensamento positivo* — conhecido como “O vendedor de Deus” pela sua pregação do evangelho da prosperidade —, era admirado pelo pai de Trump, Fred.¹⁰ Seu filho, por sua vez, acabaria personificando os ensinamentos do pastor celebridade sobre autorrealização e sobre o poder da mente para criar sua própria realidade. “Qualquer fato que se apresente à nossa frente, por mais difícil que seja, ou até aparentemente sem solução, não é tão importante quanto nossa atitude perante ele”,¹¹ escreveu Peale, aparentemente promovendo a doutrina da negação como aliada da doutrina do sucesso. “Um padrão de pensamento confiante e otimista pode modificar ou superar completamente um fato.”

Ayn Rand, também admirada por Trump¹² (ao longo dos anos, *A nascente* foi um dos poucos livros que ele citou como favorito),¹³ mereceu a devoção de várias gerações de políticos (incluindo Paul Ryan, Rand Paul, Ron Paul e Clarence Thomas) com sua visão de mundo transacional, sua equiparação entre sucesso e virtude e sua defesa apaixonada de um capitalismo irrestrito. Seu argumento de que o egoísmo é um imperativo moral, de que o “propósito moral mais elevado”¹⁴ do homem é “a busca de sua própria felicidade”, dialogaria com o narcisismo descontrolado de Trump e com sua visão de mundo como um jogo de soma zero.

* * *

ENQUANTO O OCIDENTE passava pelas revoluções culturais dos anos 1960 e 1970 e lidava com suas consequências, artistas se esforçavam para encontrar uma maneira de retratar essa realidade fragmentada. Alguns escritores como John Barth, Donald Barthelme e William Gass criaram ficções incômodas e pós-modernistas que enfatizavam mais a forma e a linguagem do que as narrativas convencionais. Outros adotaram uma abordagem minimalista, escrevendo histórias sucintas, imitando a concisão feroz de Raymond Carver. E à medida que a busca por verdades mais amplas se tornava cada vez mais fora de moda no mundo acadêmico, e que a vida cotidiana começava a parecer mais instável, alguns escritores preferiram se concentrar nas menores e mais particulares verdades que existem: passaram a escrever sobre si mesmos.

A realidade norte-americana havia se tornado tão desconcertante, escreveu Philip Roth em um ensaio de 1961 (1961!), que chegava a ser “uma espécie de constrangimento para a própria imaginação”.¹⁵ Isso resultou, de acordo com ele, na “voluntária perda de interesse do escritor de ficção em alguns dos maiores fenômenos sociais e políticos de nossa era”, e na retirada, como era justamente o seu caso, em direção ao território mais reconhecível do eu.

Num controverso ensaio de 1989, Tom Wolfe deplorou esses acontecimentos, lamentando o que via como o fim do realismo clássico na ficção norte-americana, e fez um apelo para que os romancistas “se jogassem de cabeça neste nosso país selvagem, bizarro, grotesco, barroco e imprevisível e o reivindicassem de volta como terreno literário”.¹⁶ Ele mesmo tentou isso em romances como *A fogueira das vaidades* e *Um homem por inteiro*, usando suas habilidades como repórter para ajudar a descrever com detalhes balzaquianos todo um espectro de subculturas. Apesar de Wolfe

ter sido, na década de 1970, um importante expoente do “New Journalism” (que colocou uma nova ênfase na voz e no ponto de vista do repórter), seu novo manifesto não conquistou muitos discípulos no mundo literário. Em vez disso, escritores tão diversos como Louise Erdrich, David Mitchell, Don DeLillo, Julian Barnes, Chuck Palahniuk, Gillian Flynn e Lauren Groff preferiram jogar com artifícios literários (como múltiplos pontos de vista, narradores não confiáveis e tramas que se entrelaçam) inventados, muito tempo atrás, por inovadores como Faulkner, Woolf, Ford Madox Ford e Nabokov para tentar capturar a nova realidade à la Rashomon, na qual a subjetividade impera e, nas infames palavras do ex-presidente Bill Clinton, a verdade “depende de qual é o significado da palavra ‘é’”.¹⁷

Mas o que Roth chamou de “a simples existência do eu, a visão do eu como algo inviolável, poderoso e dotado de coragem, o eu como a única coisa real em um ambiente irreal”¹⁸ permaneceria como um território mais confortável para muitos escritores. Na verdade, isso levaria, na virada do milênio, a um aumento notável na publicação de livros de memórias, incluindo clássicos como *The Liar’s Club*, de Mary Karr, e *Uma comovente obra de espantoso talento*, de Dave Eggers — obras que estabeleceram seus autores entre as principais vozes de sua geração.

O boom dos livros de memórias e a popularidade dos blogs na virada do milênio atingiriam seu ápice no romance autobiográfico de seis volumes de Karl Ove Knausgård — repleto de descrições de detalhes insignificantes retirados da vida cotidiana do autor. Ao longo do caminho, também foram publicadas muitas obras hedonistas e dramatizações exageradas de si mesmo que deveriam ter ficado restritas aos diários ou aos perfis de redes sociais dos seus autores. O *reductio ad absurdum* desse egocentrismo foi o best-seller de James Frey, *Um milhão de pedacinhos* — que foi vendido como um livro de memórias, mas que o site The Smoking Gun revelou, em janeiro de 2006, conter “detalhes totalmente fabricados ou altamente exagerados sobre a sua suposta carreira criminosa, sobre os termos de sua prisão e sobre seu status como bandido ‘procurado em três estados’”.¹⁹ Frey, que parece ter se envolvido nesse ato de dramatização exagerada de si mesmo para se tornar uma figura mais notória do que realmente era (presumivelmente para fazer com que sua posterior “redenção” parecesse ainda mais impressionante como arquétipo de recuperação), mais tarde admitiria que “muito do que o site The Smoking Gun declarou foi bastante preciso”.²⁰ Para alguns leitores, irritados por terem comprado gato por lebre, o livro de Frey era uma trapaça, um

repúdio às mesmas qualidades — honestidade, autenticidade, sinceridade — que os livros de memórias supostamente encerram em si; mas outros leitores desconsideraram a separação entre fato e ficção, revelando nessa reação um indicativo do quão tolerantes as pessoas haviam se tornado ao caráter tênue da verdade.

* * *

O TESTEMUNHO PESSOAL também se tornou popular nos campi universitários, à medida que o conceito de verdade objetiva saía de moda e as evidências empíricas coletadas pela pesquisa tradicional passaram a ser vistas com desconfiança. Autores acadêmicos passaram a escrever prefácios para seus artigos com base nos seus próprios “posicionamentos” — raça, religião, gênero, antecedentes, experiências pessoais que pudessem servir de base, distorcer ou ratificar suas análises. Alguns proponentes desse novo “criticismo do moi” começaram a escrever autobiografias acadêmicas altamente rebuscadas, como Adam Begley relatou em seu artigo de 1994 publicado em *Lingua Franca*, observando que a tendência para a autobiografia remontava aos anos 1960, aos primeiros grupos de conscientização feminista, e que essa tendência frequentemente “se disseminava lado a lado com o multiculturalismo: relatos sobre a experiência das minorias geralmente são escritos na primeira pessoa do singular. O mesmo vale para estudos gays e teoria *queer*”.²¹

Em seu livro de 1996, *Dedication to Hunger: The Anorexic Aesthetic in Modern Culture*, a acadêmica Leslie Heywood usou elementos de sua vida (como a própria anorexia e um relacionamento humilhante com um homem casado) para fazer analogias entre a anorexia e o Modernismo, numa abordagem que reduziu grandes obras-primas como *A terra inútil*, de T.S. Eliot, a estudos de caso dentro de uma estética misógina e gordofóbica.²²

Histórias e projetos pessoais começaram a aparecer também em biografias.²³ As biografias não eram mais simples crônicas da vida de outras pessoas. Em vez disso, elas se tornaram plataformas para manifestos filosóficos (*Portrait of Picasso as a Young Man*, de Norman Mailer); polêmicas feministas (*Rage and Fire*, de Francine du Plessix Gray, um retrato da amante de Flaubert, Louise Colet); e exercícios desconstrucionistas (*American Monroe: The Making of a Body Politic*, de S. Paige Baty).

Pode-se dizer que o exercício mais absurdo de escrita biográfica foi *Dutch: A Memoir of Ronald Reagan*, livro de 1999 escrito pelo biógrafo oficial de

Reagan, Edmund Morris, que acabou sendo uma desconcertante mistura de fatos e fantasias, com um narrador fictício que é 28 anos mais velho que o verdadeiro Morris e supostamente foi salvo de se afogar em sua juventude pelo futuro presidente. Em vez de usar seu extraordinário acesso a um presidente em exercício e seus documentos pessoais para criar um retrato detalhado do quadragésimo presidente (ou falar sobre questões importantes, como o caso Irã-Contras ou o fim da Guerra Fria), Morris deu aos leitores descrições de mau gosto de seu narrador fictício, de sua família ficcional e de suas esperanças e sonhos fictícios ou semifictícios. Morris adotou essa abordagem, segundo ele mesmo, porque percebeu que não “sabia coisa alguma”²⁴ sobre o seu objeto de escrita — uma abdicação do dever mais elementar do biógrafo — e também por conta de suas próprias aspirações artísticas: “Eu quis criar literatura a partir de Ronald Reagan.” Ele também descreveu seu uso de um narrador ficcional “um avanço na honestidade biográfica”, um lembrete para o leitor acerca do elemento subjetivo envolvido em todo tipo de escrita.

Este argumento dialogou com o raciocínio egocentrista de Janet Malcolm, que sugeriu em *A mulher calada*, de 1994, um livro altamente partidário sobre Sylvia Plath e Ted Hughes, que todos os biógrafos compartilham de seu desdém pela imparcialidade e pela objetividade — uma afirmação dissimulada, uma vez que ela não fez nenhum esforço para pesar ou avaliar cuidadosamente o material em seu livro. Em vez disso, escreveu uma longa carta de fã para Hughes, exaltando seus dotes literários, sua beleza física e sua “incurável honestidade”. Ela escreveu sobre o seu “sentimento de ternura em relação a Hughes”,²⁵ e sobre como, ao ler uma de suas cartas, sentiu que “a identificação com sua escrita foi crescendo até se transformar em um sentimento intenso de simpatia e afeição pelo autor”.

* * *

O ARGUMENTO PÓS-MODERNO de que todas as verdades são parciais (e dependem da perspectiva de uma pessoa) levou ao argumento de que existem diversas maneiras legítimas de entender ou representar um acontecimento. Isso tanto encorajou um discurso mais igualitário quanto possibilitou que as vozes dos outrora excluídos fossem ouvidas. Mas também foi explorado por aqueles que quiseram defender teorias ofensivas ou desacreditadas, ou equiparar coisas que não podem ser equiparadas. Os criacionistas, por exemplo,

reivindicaram que a teoria do “design inteligente” fosse ensinada junto com a teoria da evolução nas escolas. “Ensine as duas”, alguns sugeriram.²⁶ Outros disseram: “Ensine a controvérsia.”²⁷

Uma variação desse argumento de que “ambos os lados têm seu valor” foi empregada pelo presidente Trump quando ele tentou equiparar as pessoas que se manifestavam contra a supremacia branca aos neonazistas que haviam se reunido em Charlottesville, na Virgínia, para protestar contra a remoção das estátuas de soldados confederados. Havia “gente boa nos dois lados”, declarou Trump.²⁸ Ele também disse: “Reprovamos da maneira mais forte possível essas flagrantes demonstrações de ódio, intolerância e violência em muitos lados, muitos lados.”

Negacionistas climáticos, adeptos do movimento antivacina e outros grupos que não têm a ciência ao seu lado espalham levianamente expressões que não soariam estranhas numa aula sobre desconstrução na faculdade, como “muitos lados”, “perspectivas diferentes”, “incertezas” e “múltiplas formas de conhecimento”. Naomi Oreskes e Erik M. Conway demonstraram em seu livro de 2010, *Merchants of Doubt*,²⁹ que *think tanks* de direita, a indústria de combustíveis fósseis e outros interesses corporativos que pretendem desacreditar a ciência (seja a verdade sobre as mudanças climáticas ou os perigos do amianto, do fumo passivo ou da chuva ácida) empregaram uma estratégia que foi utilizada pela indústria do tabaco para tentar confundir o público sobre os perigos do tabagismo. “A dúvida é o nosso produto”, dizia um infame memorando escrito por um executivo da indústria do tabaco em 1969, “uma vez que essa é a melhor maneira de competir com o ‘corpo de evidências’ que existe na mente do público em geral”.³⁰

A estratégia, essencialmente, foi a seguinte: desencavar um punhado de supostos especialistas para refutar a ciência estabelecida ou argumentar que mais pesquisas seriam necessárias; transformar esses argumentos falsos em tópicos de discussão e repeti-los exaustivamente; e atacar a reputação dos cientistas legítimos do outro lado. Se isso lhe soa familiar, é porque é uma tática usada por Trump e seus aliados republicanos para defender temas (desde o controle de armas até a construção de um muro na fronteira) que vão contra as opiniões de especialistas e pesquisas nacionais.³¹

O que Oreskes e Conway batizaram de “Estratégia do Tabaco”³² teve ajuda, conforme argumentaram, de alguns setores da grande mídia com a

tendência de “dar aos pontos de vista minoritários mais credibilidade do que eles mereciam”. Essa falsa equivalência foi o resultado da confusão que jornalistas fizeram entre o equilíbrio e o simples ato de falar a verdade, entre a neutralidade deliberada e a exatidão; do fato de terem cedido à pressão dos grupos de interesse de direita para apresentar “ambos os lados”; e do formato dos programas de TV que mostram debates entre pontos de vista opostos — mesmo quando um lado representa um consenso esmagador e o outro é praticamente uma aberração na comunidade científica.³³ Por exemplo, um relatório da BBC Trust de 2011 constatou que a cobertura científica da emissora dava “atenção indevida a opiniões insignificantes” sobre o tema das mudanças climáticas provocadas pelo homem.³⁴ Ou, como diz uma manchete do *The Telegraph*: “Funcionários da BBC são aconselhados a parar de convidar lunáticos para os programas científicos.”³⁵

Num discurso sobre a liberdade de imprensa, Christiane Amanpour abordou essa questão no contexto da cobertura da mídia sobre a corrida presidencial de 2016, ao dizer:

“Como muitas das pessoas acompanhando de onde eu estava, no exterior, admito que fiquei chocada com a severidade excepcionalmente elevada exigida de um candidato e a excepcionalmente baixa exigida de outro. Aparentemente, boa parte da mídia se perdeu em meio a tentativas de discernir entre o que é equilíbrio, objetividade, neutralidade e o mais crucial: a verdade.

Não podemos insistir no velho paradigma — como no caso do aquecimento global, no qual os 99,9% correspondentes às evidências científicas empíricas recebem o mesmo espaço que a pequena minoria de negacionistas.

Aprendi há muito tempo, cobrindo a limpeza étnica e o genocídio na Bósnia, a jamais igualar vítima a agressor e a nunca criar uma falsa equivalência moral ou fatural, porque ao fazer isso você se torna cúmplice dos crimes e consequências mais abomináveis.

Eu acredito em ser verdadeiro, não em neutralidade. E acredito que precisamos parar de banalizar a verdade.”³⁶

4

O DESAPARECIMENTO DA REALIDADE

“Será que eu quero interferir na fita da realidade?
E se eu quiser, por quê?
Porque, ele pensou, se eu controlar isso, eu controlarei a realidade.”
— Philip K. Dick, “A formiga elétrica”^{[1](#)}

“Surreal” e “caos” se tornaram duas dessas palavras utilizadas a todo momento por jornalistas tentando descrever a realidade nos Estados Unidos na segunda década do novo milênio, num momento em que dezenove crianças são mortas todos os dias no país,² em que o presidente dos Estados Unidos disputa uma queda de braço nuclear com Kim Jong-un, presidente da Coreia do Norte, em que sistemas de inteligência artificial estão escrevendo poesia e contos, em que está ficando cada vez mais difícil distinguir entre as manchetes do *The Onion* e da CNN.

A atuação desequilibrada de Trump na presidência representa um tipo de clímax nesse processo de distorção da realidade, mas a crescente desorientação que as pessoas vêm sentindo por conta da desconexão entre o que sabem ser verdade e o que os políticos dizem, entre o senso comum e o funcionamento do mundo, tem suas origens nos anos 1960, quando a sociedade começou a se fragmentar e as narrativas oficiais — promovidas pelo governo, pelo *establishment* e pelas elites — começaram a desmoronar; e o ciclo das notícias começou a se acelerar. Em 1961, Philip Roth escreveu que a realidade americana “atordoa, ofende, enfurece”.³ De acordo com Roth, os jornais “nos enchem de consternação e espanto: isso é possível? Está mesmo acontecendo? E claro, de nojo e desespero. Os dilemas, os escândalos, as insanidades, as traições, as idiotices, as mentiras, as hipocrisias, o ruído...”.

A impressão de Roth de que a realidade estava superando a imaginação dos escritores de ficção (e gerando personagens reais como Richard Nixon e Roy Cohn, dignos de causar inveja a qualquer romancista) se repetiria mais de meio século depois, com os escritores de sátiras e thrillers de espionagem na era Trump. E sua observação de que os romancistas estavam tendo dificuldades em lidar imaginativamente com um mundo que consideravam confuso ajuda a explicar por que o jornalismo — especialmente aquele que Tom Wolfe chamou de New Journalism — começou a suplantiar a ficção no ato de retratar a vida nos anos 1960, como atestou a antologia da *Esquire* apropriadamente intitulada *Smiling through the Apocalypse* [Sorrindo em meio ao Apocalipse], que reuniu matérias clássicas publicadas na revista, da autoria de escritores como Norman Mailer, Michael Herr e Gay Talese.

Os políticos sempre distorceram a realidade, mas a TV — e mais tarde a internet — lhes deu novas plataformas para prevaricar. Quando o estrategista republicano Lee Atwater observou nos anos 1980 que “a percepção é a realidade”,⁴ estava articulando, sem rodeios, um insight sobre a psicologia humana que Homero conhecia muito bem quando imortalizou Ulisses como um trapaceiro astuto, adepto da fraude e da dissimulação. Mas quando usou esse preceito a sangue-frio, apostando em temas controversos para gerar polarização e promover a estratégia do Partido Republicano nos estados sulistas⁵ — criando o infame anúncio de Willie Horton na campanha presidencial de 1988 —, Atwater introduziu no mainstream da política americana um pavoroso estilo maquiavélico de vencer a todo custo, que faz uso dos meios de comunicação como sistema de divulgação.

Quase três décadas depois, Trump daria o papel de Willie Horton aos imigrantes e, voltando um pouco mais no tempo, trocaria os comentários racistas sutis ou disfarçados pela retórica racista mais explícita de George Wallace. Ao mesmo tempo, compreendeu intuitivamente que esse novo cenário governado pela internet e a crescente ignorância de alguns eleitores tornavam mais fácil do que nunca influenciar seus medos e ressentimentos ao promover narrativas virais e convincentes que servem de base para realidades alternativas. Trump também aumentou seus esforços para desacreditar o jornalismo, taxar matérias como *fake news* e atacar os repórteres, classificando-os de “inimigos do povo” — um termo arrepiante usado outrora por Lênin e Stálin.

O problema não é que Trump apenas tenha mentido de maneira espontânea e desavergonhada, mas que essas centenas e centenas de mentiras tenham se acumulado para criar histórias igualmente falsas, que se encaixam perfeitamente nos medos das pessoas. Ele descreveu os Estados Unidos como um país devastado pelo crime (quando, na verdade, a taxa de criminalidade exibia baixas históricas — menos da metade do que era no seu pico, em 1991).⁶ Disse ser um país assolado por ondas de imigrantes violentos (quando, na verdade, estudos mostram que os imigrantes são menos propensos a cometer crimes violentos do que os cidadãos nascidos nos Estados Unidos). Alegou que os imigrantes são um fardo para o país e que deveriam ser investigados com mais cuidado (quando, na verdade, 31 dos 78 prêmios Nobel norte-americanos, desde 2000, foram conquistados por imigrantes; e os imigrantes e seus filhos ajudaram a fundar cerca de 60% das principais empresas de tecnologia dos Estados Unidos, com um valor

estimado de quase US\$ 4 trilhões). Em suma, Trump criou uma imagem de uma nação em apuros, que precisava muito de um salvador.

* * *

MUITO ANTES DE entrar na política, Trump usava a mentira como ferramenta nos seus negócios.⁷ Alegou que seu principal edifício, a Trump Tower, tinha 68 andares, quando, na verdade, tem apenas 58. Também se passou por um profissional de relações públicas chamado John Barron ou John Miller para criar uma identidade falsa com a qual pudesse exaltar suas conquistas (as de Trump). Mentiu para se mostrar melhor do que era, para arranjar negócios sob falsos pretextos e para manipular as expectativas das pessoas. Tudo isso era puramente transacional; a única coisa que importava era fazer a venda.

Trump passou anos como empreendedor imobiliário e estrela de reality show,⁸ vendendo promiscuamente sua marca (em hotéis, coleções de roupa masculina, água mineral, universidade, carne, vodka e produtos para o lar). Como a maioria dos anunciantes de sucesso — e propagandistas bem-sucedidos —, ele entendeu que a repetição constante de frases simples e fáceis de lembrar funcionava para inserir mercadorias (e o seu nome) nas mentes dos clientes em potencial. Décadas antes de distribuir chapéus com o slogan “Make America Great Again” em seus comícios, Trump se tornou um especialista em encenar o que o historiador Daniel Boorstin chamou de “pseudoeventos” — isto é, eventos “planejados, plantados ou incitados” principalmente “com o propósito imediato de serem reportados ou reproduzidos”.⁹

O livro de Boorstin de 1962, *The Image* — que serviria de base para o trabalho de milhares de escritores, de teóricos franceses como Baudrillard e Guy Debord a críticos sociais como Neil Postman e Douglas Rushkoff —, surpreendentemente previu os reality shows décadas antes de os Kardashian ou os Osbourne surgirem em nossas salas de estar. Ainda em relação a isso, ele antecipou a ascensão de alguém muito parecido com Donald J. Trump: uma celebridade conhecida, nas palavras de Boorstin, por ser “muito conhecida”¹⁰ (e que até apresentava um programa chamado *The Celebrity Apprentice*).¹¹

As descrições que Boorstin fez do empresário circense e *showman* do século XIX, P.T. Barnum — que dirigia um museu de curiosidades na cidade de Nova York repleto de embustes, como uma sereia (que, no fim das contas,

eram os restos de um macaco costurados à cauda de um peixe) —, talvez pareçam estranhas para os leitores contemporâneos: um autoproclamado “príncipe dos impostores”,¹² cuja “grande descoberta não foi o quão fácil era enganar o público, mas sim o quanto o público gostava de ser enganado”, desde que estivesse sendo entretido.

Boorstin escreveu em *The Image* que, da mesma maneira que as imagens estavam substituindo os ideais, a ideia de “credibilidade” estava substituindo a ideia de verdade.¹³ As pessoas estavam pouco interessadas em saber se algo era um fato, o que importava era se parecia “conveniente acreditar nele”. E como a verossimilhança substituiu a verdade como medida, “a arte socialmente recompensada” passou a ser “aquela que faz as coisas parecerem verdadeiras”; não é de se admirar que os novos mestres do universo no início de 1960 fossem os *Mad Men* da Madison Avenue.

* * *

BAUDRILLARD LEVARIA ESSAS observações ainda mais longe, sugerindo que, na cultura atual, centrada na mídia, as pessoas passaram a preferir o “hiper-real” — isto é, as realidades simuladas ou fabricadas, como os parques da Disney — ao chato e cotidiano “deserto do real”.¹⁴

Artistas como Jorge Luis Borges, William Gibson, Stanislaw Lem, Philip K. Dick e Federico Fellini trabalharam com temas semelhantes, criando histórias nas quais as fronteiras entre o real e o virtual, o real e o imaginado, o humano e pós-humano, se mesclam, se sobrepõem e até desmoronam. No conto “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, Borges descreve “uma sociedade secreta de astrônomos, biólogos, engenheiros, metafísicos, poetas, químicos, matemáticos, moralistas, pintores e geômetras”¹⁵ que inventam um planeta desconhecido chamado Tlön: eles criam sua geografia, sua arquitetura, seus sistemas de pensamento. Parcelas e pedaços de Tlön começam a aparecer no mundo real: um artefato aqui, uma descrição ali, e as coisas aceleram por volta de 1942; no fim das contas, o narrador observa que os ensinamentos de Tlön se disseminaram tão amplamente que a história que ele aprendeu quando criança acabou sendo obliterada e substituída por “um passado fictício”.

Borges traçou paralelos diretos entre o poder que as ficções sobre Tlön tiveram ao se instalar na consciência humana e o poder que ideologias políticas nefastas, baseadas em mentiras, possuem de contaminar nações

inteiras — ambas, sugeriu ele, fornecem narrativas internamente consistentes, capazes de convencer pessoas que desejam construir uma visão de mundo. “A realidade cedeu em mais de um ponto”, escreveu Borges. “A verdade é que ela desejava ceder. Há dez anos, qualquer sistema simétrico que passasse uma aparência de ordem — o materialismo dialético, o antissemitismo, o nazismo — bastava para fascinar os homens. Por que não sucumbir ao feitiço de Tlön e se submeter à vasta e minuciosa evidência da existência de um planeta ordenado? Inútil argumentar que a realidade também está ordenada. Pode ser que sim, mas de acordo com leis divinas — traduzo: leis inumanas — que nunca compreendemos completamente. Tlön pode ser um labirinto, mas é um labirinto urdido pelo homem, um labirinto destinado a ser decifrado pelo homem.”¹⁶

Os romances de Thomas Pynchon exploram temas similares — mais relevantes do que nunca num mundo que sofre com uma sobrecarga de informações. Vivendo em uma espécie de vertigem espiritual, seus personagens se perguntam se os paranoicos têm razão — se existem, de fato, conspirações malignas e intenções ocultas conectando todos os pontos. Ou se os niilistas estão por dentro de algo — de que não há sinal em meio ao ruído, apenas caos e aleatoriedade. “Se existe algo de reconfortante — religioso, se você preferir — a respeito da paranoia”, escreveu ele em *O arco-íris da gravidade*, “existe também a antiparanoia, onde nada está ligado a nada, uma condição que muitos de nós não seriam capazes de suportar por muito tempo”.¹⁷

* * *

No DOCUMENTÁRIO DE 2016 intitulado *HyperNormalisation*, o cineasta britânico Adam Curtis, apostando na montagem, criou uma reflexão expressionista sobre a vida na era da pós-verdade. O título (que também parece aludir a Baudrillard) foi retirado de um termo cunhado pelo antropólogo Alexei Yurchak para descrever a vida nos últimos anos da União Soviética, quando as pessoas percebiam o absurdo da propaganda que o governo vendia para elas havia décadas, mas, ainda assim, tinham dificuldades para enxergar qualquer alternativa. No documentário, lançado pouco antes da eleição americana de 2016 na plataforma iPlayer da BBC, Curtis narra que as pessoas no Ocidente também pararam de acreditar nas histórias que os políticos lhes contam há anos, e Trump percebeu que “em face disso, você pode brincar com a

realidade” e, com isso, “minar e enfraquecer ainda mais as velhas formas de poder”.¹⁸

Alguns aliados de Trump na extrema direita também procuram redefinir a realidade em seus próprios termos. Utilizando-se da iconografia do filme *Matrix* — no qual o herói pode escolher entre duas pílulas, uma vermelha (representando o conhecimento e as duras verdades da realidade) e uma azul (representando a ilusão e a negação soporíficas) —, membros da direita alternativa e alguns grupos que defendem os direitos dos homens oprimidos falaram sobre “dar uma pílula vermelha aos mais alienados”,¹⁹ o que significa converter as pessoas à sua causa. Em outras palavras, vender sua realidade alternativa e invertida, na qual os brancos sofrem com a perseguição, o multiculturalismo representa uma grave ameaça e os homens são oprimidos pelas mulheres.

Alice Marwick e Rebecca Lewis, autoras de um estudo sobre a desinformação on-line,²⁰ argumentam que “uma vez que um grupo tenha aceitado a pílula vermelha relativa a um assunto, provavelmente estará aberto a outras ideias extremistas. Culturas on-line que costumavam ser relativamente apolíticas estão começando a se inflamar com uma raiva de cunho racial. Algumas comunidades dedicadas a ficção científica, *fandoms* e videogames, após aceitarem um antifeminismo nada surpreendente, estão começando a adotar ideias de nacionalistas brancos. Iconografia nazista ‘irônica’ e epítetos odiosos estão se tornando expressões sérias do antissemitismo”.²¹

Uma das táticas usadas pela direita alternativa para divulgar suas ideias on-line, segundo Marwick e Lewis, é inicialmente diluir visões mais extremas na forma de ideias introdutórias, para atingir um público mais amplo. Entre alguns grupos de jovens, “há um salto surpreendentemente curto entre rejeitar o politicamente correto e começar a culpar mulheres, imigrantes ou muçulmanos por seus problemas”.²²

Muitos memes misóginos e de supremacistas brancos, além de muitas *fake news*, como o Pizzagate, se originaram ou ganharam um impulso inicial em sites como 4chan e Reddit antes de causarem burburinho suficiente para dar um salto para o Facebook e o Twitter, onde podem atrair mais atenção do mainstream.²³ Renee DiResta, que estuda teorias da conspiração na web, argumenta que o Reddit pode ser um espaço muito útil para elementos mal-intencionados — incluindo governos estrangeiros, como a Rússia — testarem

memes ou histórias falsas para ver quanta adesão recebem.²⁴

DiResta alertou na primavera de 2016 que os algoritmos das redes sociais — que mostram às pessoas as notícias que são mais populares em vez das corretas ou importantes — estão ajudando a promover teorias da conspiração. Esse tipo de conteúdo extremista pode afetar a maneira como as pessoas pensam e se infiltrar nos debates sobre políticas públicas em assuntos como vacinas, leis de zoneamento territorial e fluoretação da água. De acordo com DiResta, parte do problema é uma “assimetria de paixões” nas redes sociais: enquanto a maioria das pessoas não dedica horas a escrever posts que reforcem o óbvio, “seguidores fanáticos e extremistas produzem um sem-fim de conteúdo no seu compromisso de ‘despertar o rebanho’”.

Mecanismos de recomendação, acrescenta ela, ajudam a conectar os teóricos da conspiração ao ponto de “já termos passado há muito tempo das bolhas e filtros meramente partidários e estarmos agora no mundo das comunidades isoladas que vivem a sua própria realidade e operam de acordo com seus próprios fatos”. Nesse ponto, conclui ela, “a internet não está mais apenas refletindo a realidade; mas sim moldando-a”.²⁵

5

A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM

“Sem uma linguagem clara, não existe um padrão de verdade.”

— John le Carré^{[1](#)}

O escritor James Carroll observou certa vez que a linguagem está para os humanos como a água está para os peixes: “Estamos imersos na linguagem. Pensamos em uma linguagem. Vivemos em uma linguagem.”² Foi por isso que Orwell escreveu que “o caos político está ligado ao declínio da linguagem”, separando as palavras de seus significados e abrindo um abismo entre os objetivos reais e os declarados de um líder.³ É por isso que os Estados Unidos e o mundo se sentem tão desorientados pela enxurrada de mentiras emitidas pela Casa Branca sob o comando de Trump e pelo uso que o presidente faz da linguagem como uma ferramenta para disseminar desconfiança e discórdia. E foi por isso que os regimes autoritários ao longo da história se apropriaram da linguagem corriqueira na tentativa de controlar não apenas a forma como as pessoas se comunicam, mas também como pensam — da mesma maneira que o Ministério da Verdade em 1984, de Orwell, tenta negar a existência da realidade externa e garantir que o Grande Irmão seja infalível.⁴

A Novafala de Orwell é uma língua fictícia, mas muitas vezes imita e satiriza a “linguagem de madeira”⁵ imposta pelas autoridades comunistas na União Soviética e na Europa Oriental. Entre as características da “linguagem de madeira” que a historiadora francesa Françoise Thom identificou em sua tese de 1987 (“*La Langue de bois*”) estão a abstração e fuga do concreto; tautologias (“as teorias de Marx são verdadeiras porque estão corretas”); metáforas ruins (“o polvo fascista entoou seu canto de cisne”); e maniqueísmo que divide o mundo em coisas boas e más (sem meios-termos).⁶

O Partido Comunista de Mao também adotou um plano de engenharia linguística após tomar o poder na China em 1949, criando um novo vocabulário político: algumas palavras foram suprimidas; outras foram impregnadas com novos significados, e slogans do partido retumbaram na mente das pessoas por meio de repetições constantes.⁷ Todos foram levados a pensar que havia maneiras “corretas” e “incorretas” de se falar, fosse na hora de entregar um relatório de trabalho ou participando de uma sessão compulsória de autocrítica.

Um dos relatos mais detalhados da história sobre como o totalitarismo afeta a linguagem cotidiana foi escrito por Victor Klemperer, um linguista judeu e alemão que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial em Dresden.⁸

Klemperer manteve um notável conjunto de diários narrando a vida sob o domínio nazista na Alemanha (*Os diários de Victor Klemperer*) e escreveu um estudo (*LTI: A linguagem do Terceiro Reich*) sobre como os nazistas usavam palavras como “pequenas doses de arsênico”⁹ para envenenar e corromper por dentro a cultura alemã. O livro é um estudo de caso angustiante sobre como o Reich “penetrava a carne e o sangue do povo” por meio de expressões idiomáticas e estruturas de frases que foram “impostas a eles em um milhão de repetições e internalizadas de forma mecânica”. É também um alerta, tão desconcertante quanto *1984*, de Orwell, para outros países e gerações futuras sobre o quão rápida e insidiosamente um autocrata pode usar a linguagem como arma para suprimir o pensamento crítico, inflamar a intolerância e sequestrar uma democracia.

Klemperer não achava que Hitler se comparava a Mussolini como orador e ficou surpreso que o líder nazista — que considerava um homem raivoso e inseguro com uma voz irritante e uma propensão a berrar — tivesse tantos seguidores. Ele atribuiu o sucesso de Hitler não à sua ideologia hedionda, mas às suas habilidades em driblar outros políticos para atingir diretamente as pessoas — a palavra *Volk* era mencionada constantemente, e Hitler se apresentava como sendo a voz do povo, seu Messias.¹⁰ Os grandes espetáculos (na verdade, pseudoeventos) que Goebbels e ele fizeram ajudaram. “O esplendor dos estandartes, dos desfiles, das guirlandas, das fanfarras e dos coros” que cercavam os discursos de Hitler, observou Klemperer, funcionavam como um “estratagema publicitário” muito eficaz, que acabou misturando a imagem do Führer à grandeza do Estado.

Assim como na União Soviética e na China maoista, as palavras sofreram uma metamorfose sinistra na Alemanha nazista. Como aponta Klemperer, a palavra *fanatisch* (fanático) passou de algo que denota “uma qualidade ameaçadora e repulsiva” associada à sede de sangue e à crueldade para um “epíteto excessivamente elogioso”, evocando a devoção e a coragem necessárias para alimentar o Reich.¹¹ *Kämpferisch* (agressivo, beligerante) também se tornou uma palavra de louvor, significando uma admirável “autoafirmação por meio da defesa ou do ataque”. Enquanto isso, a palavra “sistema” foi menosprezada, pois estava associada à República de Weimar, que os nazistas odiavam da mesma maneira que os republicanos de direita hoje se incomodam com o que chamam de Estado profundo.

Mein Kampf (*Minha luta*), de Hitler, foi publicado em 1925, e Klemperer observa que o livro “literalmente estabeleceu as características essenciais” da

oratória e da prosa nazista.¹² Em 1933, essa “linguagem de um grupo se tornou a linguagem do povo”. Seria como se, digamos, o jargão da direita alternativa — seu uso codificado da linguagem para identificar correligionários; seus insultos raciais e misóginos — fosse incorporado de forma massiva e fizesse parte do discurso político e social cotidiano.

Klemperer dedicou um capítulo inteiro à obsessão dos nazistas por números e superlativos — tudo tinha que ser melhor ou maior. Se um alemão do Terceiro Reich fizesse uma caçada de elefantes, ele teria que se vangloriar de que “acabara com os maiores elefantes do mundo, em números inimagináveis, com a melhor arma da Terra”.¹³ Muitos dos números dos próprios nazistas (por exemplo, soldados inimigos mortos, prisioneiros capturados, audiência da radiotransmissão de um comício) eram tão exagerados que adquiriram o que Klemperer chama de “aspecto de conto de fadas”. Em 1942, ele escreve: “Hitler diz no Reichstag que Napoleão lutou na Rússia com temperatura de -25°C, mas que ele, o comandante Hitler, havia lutado com -45°C, até mesmo -52°C.” Klemperer continua: todas as mentiras e hipérboles acabaram chegando a um ponto em que se tornaram “desprovidas de sentido e totalmente ineficazes, dando origem, por fim, a uma crença exatamente oposta ao que se pretendia”.

* * *

A DESONESTIDADE DE Trump é tão extrema que as agências de notícias recorreram à elaboração de longas listas das mentiras que ele contou, dos insultos que proferiu e das normas que violou, além de contratar equipes de verificadores de fatos. A falta de vergonha encorajou os políticos a seu redor a mentirem com mais cara de pau do que nunca. Republicanos no Congresso, por exemplo, mentiram descaradamente sobre os efeitos que seu pacote fiscal teria sobre o déficit e sobre a seguridade social, assim como mentiram sobre o quanto isso ajudaria a classe média — na verdade o pacote havia sido pensado para dar isenções fiscais para as grandes empresas e para os muito ricos.

O ataque de Trump à linguagem não se limita à sua torrente de mentiras, estendendo-se também a uma tomada de palavras e princípios intrínsecos ao Estado de direito e sua contaminação por questões pessoais e partidarismo político. Ao fazer isso, ele substitui a linguagem da democracia e seus ideais pela linguagem da autocracia. Ele exige lealdade não à Constituição dos

Estados Unidos, mas a si próprio; e espera que membros do Congresso e do Judiciário aplaudam suas políticas e desejos, independentemente do que eles acreditam melhor atender aos interesses do povo norte-americano.

Com outras frases, Trump executou o perturbador artifício orwelliano (“GUERRA É PAZ”, “LIBERDADE É ESCRAVIDÃO”, “IGNORÂNCIA É FORÇA”) de usar palavras para expressar exatamente o oposto do que elas realmente significam.¹⁴ Não é apenas o fato de pegar o termo *fake news*, virá-lo de ponta cabeça e usá-lo para tentar desacreditar o jornalismo que considera ameaçador ou desfavorável. Ele também chamou a investigação sobre a interferência russa nas eleições de “a maior caça às bruxas na história da política americana”, apesar de ter sido ele quem repetidamente atacou e ameaçou a imprensa, o Departamento de Justiça, o FBI, os serviços de inteligência e toda e qualquer instituição que considerasse uma ameaça.¹⁵

Na verdade, Trump tem o hábito perverso de acusar os adversários dos mesmos pecados dos quais ele é culpado: “Ted Mentiroso”, “Hillary Corrupta”, “Bernie Louco”.¹⁶ Ele acusou Hillary de ser “uma pessoa intolerante, que vê as pessoas de cor apenas como votos, não como seres humanos dignos de um futuro melhor” e afirmou que “houve uma tremenda conspiração em nome dos russos e dos democratas”.

Na linguagem da Novafala de Orwell, em 1984, um termo como “preto e branco” tem “dois significados mutuamente contraditórios”: “Aplicado a um oponente, significa o hábito de afirmar imprudentemente que o preto é branco, em contradição com os fatos elementares. Aplicado a um membro do Partido, significa um comprometimento deliberado em dizer que o preto é branco quando a disciplina do Partido exige isso.”¹⁷

Isso também se reflete de forma perturbadora no comportamento dos funcionários da Casa Branca de Trump e nos membros republicanos do Congresso, que mentem em nome do presidente e rotineiramente fazem pronunciamentos que desconsideram as evidências bem na cara das pessoas. Na verdade, o governo estreou com o assessor de imprensa da Casa Branca, Sean Spicer, insistindo que o público da posse de Trump era “o maior” da história — uma afirmação que ia contra as provas fotográficas e foi classificada pelo site Politifact como uma mentira “de perna curta”.¹⁸

A jornalista Masha Gessen destaca que essas mentiras são contadas pelo mesmo motivo que fazem Vladimir Putin mentir: “Demonstrar poder acima da verdade propriamente dita.”¹⁹ No final de 2016, Gessen escreveu sobre o caso da Ucrânia: “Putin insistiu em mentir diante de provas claras e

convincentes do contrário, e sempre que mudava de lado e dava uma declaração verídica, jamais admitia que havia sido pressionado a admitir a verdade, fazendo afirmações prepotentes e até arrogantes, forjadas para sua conveniência. Juntas, elas passavam uma mesma mensagem: o poder de Putin está em dizer o que quer, quando quer, independentemente dos fatos. Ele é presidente de seu país e rei da realidade.”

* * *

EM 1984, OUTRO modo pelo qual o Partido e o Grande Irmão exercem controle sobre a realidade é ajustando o passado de acordo com sua visão de mundo: “Não se trata apenas de atualizar constantemente discursos, estatísticas e registros de todo tipo para provar que as previsões do Partido se confirmam em todos os casos. Trata-se também de não admitir em hipótese alguma a ocorrência de alterações na doutrina ou no alinhamento político. Mudar de opinião, ou mesmo de atitude política, é uma confissão de fraqueza. Se, por exemplo, a Eurásia ou a Lestásia (conforme o caso) for o inimigo hoje, então é necessário que esse país sempre tenha sido o inimigo. E se os fatos atestarem algo diferente, então é preciso alterar os fatos. Dessa forma, a história é constantemente reescrita.”²⁰

Pense no seguinte: poucos dias antes da posse de Trump, foram feitas alterações nas páginas sobre mudanças climáticas no site da Casa Branca.²¹ Enquanto isso, ambientalistas tentavam desesperadamente baixar e salvar informações do governo sobre o clima — preocupados com o fato de que tudo pudesse ser destruído, perdido ou escondido por uma administração hostil.

Algumas de suas preocupações se concretizaram mais tarde em 2017, quando a EPA (Environmental Protection Agency, a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos) anunciou que seu site estava “passando por mudanças que refletem a nova direção da agência”, incluindo esta frase orwelliana: “Atualizar a linguagem para refletir a abordagem dos novos líderes.”²²

Em sites educacionais controlados pelo Departamento de Energia norte-americano, frases sobre energia renovável foram trocadas por outras que defendiam o uso de combustíveis fósseis, e links para o relatório climático de 2013 do governo Obama e referências a reuniões da ONU sobre mudanças climáticas desapareceram das páginas do Departamento de Estado.

Os funcionários do USDA (United States Department of Agriculture, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) foram informados de que suas postagens nas redes sociais deveriam ser revisadas pelos administradores “para remover referências a prioridades políticas e iniciativas da administração anterior”.²³ E, depois que o Serviço Nacional de Parques retuitou fotos aéreas que comparavam o público nas posses de Trump e de Obama, a equipe digital da agência foi instruída a suspender temporariamente o uso do Twitter. Esse retuíte foi rapidamente deletado.

* * *

Ao MESMO TEMPO, Trump continuou seu ataque pessoal à língua inglesa. A incoerência do presidente (suas reviravoltas, sua sintaxe distorcida, desonestidade, má-fé e retórica inflamatória) é tanto um reflexo do caos que ele cria, e do qual tira proveito, como uma arma essencial em suas ferramentas de mentiroso. As entrevistas, os discursos de improviso e os tuítes são uma mistura assustadora de insultos, exclamações, ostentações, digressões, *non sequiturs*, relativizações, exortações e insinuações — os esforços de um tirano para intimidar, confundir, polarizar e criar bodes expiatórios.

Declarações precisas, assim como fatos, pouco significam para Trump, como podem atestar os intérpretes, que se esforçam para traduzir sua anarquia gramatical. Chuck Todd, o âncora do programa “Meet the Press”, da NBC, observou que, depois de várias de suas aparições como candidato, Trump se recostava na cadeira e pedia à cabine de edição que repetisse sua participação no monitor — sem som: “Ele queria ver como tudo ficou. Ele assistia a tudo no mudo.”²⁴

Da mesma forma, ele é indiferente à ortografia. Houve o famoso tuíte “covfefe”: “Apesar da constante covfefe negativa da imprensa.”²⁵ E também sua descrição da captura de um drone da Marinha dos Estados Unidos pela China como um “ato não *presidido*” (*unpresidented act* em vez de *unprecedented act*, ato sem precedentes). Ele também tuitou que estava “*onrado* em servir vocês, o grande povo norte-americano, como seu 45º presidente dos Estados Unidos!” (*honored* em vez de *honored*, honrado). Erros de digitação no Twitter são comuns, é claro, e dificilmente seriam o aspecto mais alarmante da compulsão de Trump por tuitar. Mas eles são indicativos de sua postura impulsiva, precipitada e inconsequente. E seus

erros contaminam. A Casa Branca divulgou um comunicado sobre uma viagem presidencial a Israel, dizendo que um de seus objetivos era “promover a possibilidade do pêssego duradouro” (*peach* em vez de *peace*, paz). Outros comunicados da Casa Branca soletraram incorretamente o nome de Jon Huntsman Jr., indicado por Trump para ser embaixador na Rússia; e grafaram erroneamente o nome da primeira-ministra britânica, Theresa May. O cartaz oficial de posse dizia: “Nenhum sonho é grandioso demais, nenhum desafio é grande *demas*” (*to great*, em vez de *too great*). E os convites para o seu primeiro discurso sobre o Estado da União (que precisaram ser reimpressos) diziam: “Discurso ao Congresso sobre o Estado da *uniãu*” (*Uniom*, em vez de *Union*, União). Pequenas falhas inofensivas, talvez, mas indicativas de descuidos e disfunções maiores da administração — seu rompedor desprezo por correção, detalhes e precisão.

* * *

Os TUÍTES DE Trump foram considerados declarações oficiais do presidente dos Estados Unidos, e, sem dúvida, um dia serão impressos, finalmente encadernados e arquivados por alguém usando luvas brancas em uma biblioteca presidencial com as paredes revestidas a ouro.²⁶ Quer se tratem de distrações para desviar a atenção das investigações sobre a Rússia, do fluxo de consciência de um narcisista que anseia por atenção ou parte de uma estratégia deliberada para acostumar as pessoas ao bizarro, seus tuítes têm consequências imediatas em todo o planeta, aumentando as tensões nucleares com a Coreia do Norte, alienando países e continentes inteiros e provocando instabilidade na ordem mundial pós-Segunda Guerra. O retuíte de Trump de vídeos antimuçulmanos do grupo da extrema direita Britain First recebeu uma forte reprimenda da primeira-ministra britânica Theresa May e ajudou a divulgar um grupo de ódio até então pouco conhecido.

Suas diatribes tratando o jornalismo como *fake news* abriram espaço para o acirramento dos ataques à liberdade de imprensa em países como Rússia, China, Turquia e Hungria, onde os repórteres já trabalham coagidos, e foram usadas por líderes de regimes autoritários como chancela para rejeitar relatos de abusos contra os direitos humanos e crimes de guerra em seus próprios países.²⁷ Depois que a Anistia Internacional informou que quase 13 mil prisioneiros foram mortos em uma prisão militar nas imediações de Damasco entre 2011 e 2015, o presidente sírio Bashar al-Assad disse que “você pode

forjar qualquer coisa hoje em dia (...) Estamos vivendo a era das *fake news*". Em Mianmar, onde os militares estão realizando uma horripilante campanha de limpeza étnica contra os rohingyas, minoria muçulmana perseguida há tempos, um oficial do Ministério de Segurança do Estado declarou: "Os rohingyas não existem. Isso é *fake news*."

Ruth Ben-Ghiat, professora de história e estudos italianos na Universidade de Nova York, traçou paralelos entre a ascensão de Trump e a de Mussolini, afirmando que ditadores costumam testar "os limites do que público, imprensa e classe política toleram", e que os tuítes e comentários incendiários de Trump são esforços "para ver até onde os norte-americanos e o Partido Republicano vão permitir que ele vá — e quando, se for o caso, dirão 'chega'".²⁸

Um ensaio de 1995 sobre Mussolini e o "Fascismo Eterno" (ou "Ur-Fascismo"), do acadêmico italiano Umberto Eco, também lança luz, quando lido em retrospectiva, na linguagem de Trump e no uso de metáforas autoritárias. Muitos dos recursos que Eco descreveu como sendo intrínsecos ao fascismo lembram assustadoramente a demagogia de Trump: um apelo ao nacionalismo e ao "medo da diferença"; uma rejeição à ciência e ao discurso racional; uma invocação da tradição e do passado e uma propensão a associar divergências com deslealdade.

Mais especificamente, Eco escreveu que "Mussolini não tinha nenhuma filosofia; ele tinha apenas retórica": era "um totalitarismo indistinto, uma colagem de diferentes ideias filosóficas e políticas, uma colmeia de contradições". O "Fascismo Eterno" emprega "um vocabulário pobre e uma sintaxe elementar", acrescentou Eco, "para limitar os instrumentos do raciocínio complexo e crítico". E considera "o Povo" não como cidadãos ou indivíduos, mas como "uma entidade monolítica que expressa a Vontade Comum", que o líder finge interpretar; o líder se coloca em primeiro plano como "Voz do Povo" — em vez de, digamos, o parlamento ou a legislatura.²⁹ Se isso soa estranhamente familiar, é porque Trump, em seu discurso na Convenção Nacional Republicana, disse à plateia: "Eu estou com você, povo norte-americano. Eu sou sua voz."³⁰

6

FILTROS, BOLHAS E TRIBOS

“Somos todos ilhas gritando mentiras umas para as outras
através de mares de incompreensão.”

— Rudyard Kipling, 1890^{[1](#)}

Pouco antes da eleição de 2004, Arthur Miller, dramaturgo e entusiasta do liberalismo, perguntou-se: “Como as pesquisas podem estar tão acirradas se eu não conheço nenhum eleitor de Bush?”²

Desde então, está claro que as paredes das nossas bolhas políticas só ganharam corpo; o isolamento acústico das nossas câmaras de eco ficou muito mais espesso. Antes mesmo de sermos encerrados em bolhas com filtros impenetráveis pelos *feeds* de notícias do Facebook e pela busca do Google, já vivíamos em comunidades cada vez mais segregadas em termos de política, cultura, geografia e estilo de vida. Acrescente a essa mistura veículos tendenciosos como a Fox News, a Breitbart e o Drudge, e não será nenhuma surpresa ver o efeito Rashomon tomando conta de tudo — os pontos em comum entre cidadãos de partidos políticos opostos estão desaparecendo rapidamente, e a própria ideia de consenso está se tornando coisa do passado.

Uma pesquisa realizada em 2016 pelo centro de pesquisas Pew revelou que 45% dos republicanos enxergam as políticas democratas como uma ameaça ao bem-estar da nação, e 41% dos democratas dizem o mesmo sobre as políticas do Partido Republicano. A animosidade vai muito além da divergência política: é pessoal. Nesse levantamento da Pew, 70% dos democratas disseram que os republicanos têm a cabeça mais fechada; ao mesmo tempo, 47% dos republicanos responderam que os democratas são mais imorais do que outros norte-americanos e 46% que são mais preguiçosos.³

Esse partidarismo está sendo amplificado por *trolls* russos, que procuram minar a democracia norte-americana ampliando as divisões sociais com *fake news* e perfis falsos em redes sociais; e pelo presidente Trump, que usa comentários inflamados para agradar sua base e atormentar seus adversários. É revelador que o velho lema norte-americano *E pluribus unum* (Entre muitos, um) tenha sido retirado da moeda presidencial comemorativa de Trump e substituído por seu slogan “Make America Great Again”.⁴

Essas divisões crescentes nos Estados Unidos existem há poucas décadas, segundo o livro *The Big Sort*, de Bill Bishop. Ele escreveu que nos anos 1950, 1960 e 1970 parecia que as comunidades estavam se tornando mais integradas politicamente e que “também havia uma convergência econômica”, à medida que a prosperidade do Cinturão do Sol (*Sunbelt*) se

espalhava pelo Sul. Mas Bishop aponta que algo aconteceu por volta de 1980: as pessoas começaram a reorganizar suas vidas em torno de “seus valores, gostos e suas crenças”, em parte como resposta à desordem social e cultural deixada pelos anos 1960. Pessoas com diploma universitário eram atraídas em direção às cidades, enquanto áreas rurais ficavam para trás economicamente.⁵

De acordo com Bishop, “como perdemos a confiança nas instituições tradicionais, os tênues vínculos do local de trabalho se mostraram insuficientes para satisfazer a necessidade das pessoas de se sentirem pertencentes a algo”.⁶ Em resposta, as pessoas encontraram um senso de comunidade em bairros, igrejas, clubes e outras organizações com ideias semelhantes às suas. Essa dinâmica seria ampliada na velocidade da luz pela internet — por sites de notícias que abastecem pontos de vista ideológicos particulares, por fóruns de interesses específicos e pelas redes sociais, que ajudaram as pessoas a se isolarem ainda mais em bolhas de interesses compartilhados. Bishop escreveu que, na virada do milênio, as divisões eram menos sobre ideologia do que sobre gostos e valores, mas “como os partidos passaram a representar o estilo de vida — e como o estilo de vida definiu as comunidades —, tudo parece divisível, republicano ou democrata”.⁷ “Tudo”, nesse contexto, se refere não apenas ao que você pensa sobre saúde pública, direitos eleitorais ou aquecimento global, mas também onde você compra, o que come ou a que tipo de filmes assiste. Um levantamento de 2017 da Pew mostrou que os norte-americanos não concordam nem sobre a importância de uma educação universitária: enquanto 72% dos democratas e simpatizantes disseram que as faculdades e universidades têm um efeito positivo no país, a maioria dos republicanos e simpatizantes (58%) tem uma opinião negativa sobre essas instituições de ensino superior.⁸

Enquanto isso, o número de pessoas no nível intermediário — independentes ou eleitores indecisos — viu sua influência, ou, no mínimo, a atenção que recebiam de muitos políticos, encolher. Em seu livro *The Second Civil War*, o experiente repórter de política Ronald Brownstein descreveu como os conselheiros políticos de George W. Bush examinaram dados da campanha de 2000 e decidiram, em 2004, se concentrar em estimular a base e encorajar a participação entre os republicanos — um prenúncio da estratégia de “dizer o que a base quer ouvir” que Trump mais tarde seguiria tão implacavelmente. Como um conselheiro de Bush disse a Brownstein: “Isso não foi planejado para eleger um presidente com 55% de votos, mas sim para

eleger um presidente capaz de transformar o máximo possível de nossas crenças em lei, enquanto controla um pouco mais que a metade do país e o Congresso.”⁹ Em 2016, a campanha de Hillary Clinton basicamente subestimou o voto da classe trabalhadora branca (os votos que seu marido, Bill, tinha conquistado) e focou, em vez disso, em transformar sua base.¹⁰

A consistência ideológica cresceu com o passar dos anos: uma pesquisa de 2014 da Pew revelou que, nas duas décadas posteriores a 1994, mais democratas deram “respostas sistematicamente liberais” sobre questões políticas (assuntos como imigração, meio ambiente e o papel do governo), enquanto mais republicanos deram “respostas sistematicamente conservadoras”. O estudo da Pew apontou que esses membros com as visões mais consistentes de ambas as partes tinham uma “influência desproporcional no processo político”: tinham maior probabilidade de votar, eram mais propensos a doar dinheiro e a entrar em contato com dirigentes eleitos.¹¹ E existe ainda o *gerrymandering*, que vem favorecendo os republicanos desde que eles lançaram um esforço conjunto após a eleição de Obama em 2008 para assumir o controle dos governos estaduais, que são responsáveis por desenhar (ou redesenhar) os distritos eleitorais.¹² Os distritos que vêm sendo criados muitas vezes têm um limite territorial disforme, desenhado com a ajuda de programas de computador para dar aos republicanos uma vantagem substancial e conquistar e manter a Câmara dos Representantes. Outro de seus efeitos foi inclinar a orientação política dos distritos ainda mais à direita — o que deixou muitos parlamentares eleitos receosos em estabelecer alianças com democratas quando chegaram a Washington, por medo de terem seus cargos disputados por outros membros da própria direita.

Para muitos desses militantes engajados, apoiar seu partido era como ser um radical, um torcedor fanático de um time das ligas de basquete, beisebol ou futebol americano; aquilo fazia parte da sua própria identidade, seu time não podia perder. Eles podem odiar uma política específica ou um candidato em particular — da mesma forma que culpam o técnico do time por uma jogada ruim ou abominam um jogador com um salário exorbitante e uma performance terrível que foi contratado numa troca por outro jogador —, mas vão continuar sendo torcedores fiéis até o fim dos tempos, desejando dor e humilhação para os adversários.

A votação polarizada no Congresso refletiu esses acontecimentos: em 2014, um relatório da Pew apontou que os republicanos e os democratas no Capitólio estavam “mais distantes uns dos outros do que em qualquer outro

momento da história moderna”. O relatório também destacou que a crescente polarização entre os parlamentares eleitos era “assimétrica, com grande parte do crescente abismo entre os dois partidos atribuível a um aprofundamento da inclinação à direita entre os republicanos”.¹³

O principal motivo dessa assimetria foi a explosão da mídia de direita. Nos anos 1990, Rush Limbaugh provou que um discurso ofensivo e um comportamento teatral — duas coisas que Donald Trump aprenderia com ele — poderiam lhe dar uma audiência nacional lucrativa e, por décadas, seus fiéis seguidores repetiam convictos qualquer coisa que ele dissesse, mesmo quando era ridículo. Em uma diatribe, Limbaugh afirmou que “os Quatro Pilares da Má-fé são o governo, a academia, a ciência e a mídia”. Também declarou que “os cientistas usam aventais brancos e realmente parecem autoridades”, mas, na verdade, “são fraudes. Eles são comprados e pagos pela esquerda”.¹⁴

Nas três décadas desde que a FCC (Federal Communication Commission, a Comissão Federal de Comunicações) revogou a Doutrina da Equidade (que exigia que as emissoras de TV e rádio dedicassem parte de sua programação aos assuntos mais importantes do dia e apresentassem opiniões divergentes sobre esses temas) e nas duas décadas desde que Roger Ailes e Rupert Murdoch lançaram a Fox News, a imprensa de direita se tornou uma rede solipsista crescente, que repete incansavelmente suas próprias figuras de linguagem (os perigos da imigração, a desconfiança da grande mídia, o lado perverso do governo etc.) e conseguiu pautar muitos debates em âmbito nacional com base em sua pura falta de vergonha e seus decibéis elevados.¹⁵ O Breitbart News, que Steve Bannon descreveu como uma “plataforma para a direita alternativa” e a rede Sinclair, que atinge cerca de 38% dos lares norte-americanos com noticiários locais, expandiram o universo da mídia de direita, ao lado de inúmeros sites, canais do YouTube e emissoras de rádio. Em uma atitude orwelliana, Sinclair até forçou os âncoras da imprensa local a lerem uma mensagem sobre as *fake news* que repetia a retórica que o presidente Trump usa para minar reportagens baseadas em fatos.

Muitos desses canais nem mesmo tentam fornecer informações e fatos verificáveis. Em vez disso, procuram transformar o que um apresentador de talk show chama de “conteúdo baseado na verdade” em narrativas egocêntricas pré-fabricadas que ou ratificam as crenças do público ou reforçam seus piores medos.¹⁶

O radialista conservador Charlie Sykes observou que, nos últimos anos, a

mídia conservadora criou uma “bolha de realidade alternativa” que “destruiu nossa imunidade às *fake news* e ao mesmo tempo fortalecem os piores e mais irresponsáveis membros da direita”.¹⁷

Um estudo feito em Harvard em 2017 com mais de 1,25 milhão de matérias (publicadas on-line entre 1º de abril de 2015 e 8 de novembro de 2016, o dia da eleição) concluiu que o público a favor de Trump dependia muito dessa “comunidade isolada de conhecimento” — que usa as “redes sociais como pilar para transmitir uma perspectiva hiperpartidária” e reforça a visão de mundo em comum dos usuários, ao mesmo tempo que os envenena contra o jornalismo de massa que poderia questionar seus preconceitos. O resultado: um ambiente no qual o presidente pode fazer alusão a um evento terrorista na Suécia que nunca aconteceu, ou um assessor presidencial que pode fazer referência ao fantasioso “massacre de Bowling Green”.¹⁸

* * *

COM A POLÍTICA tribal dominando cada vez mais a política republicana e democrata, os candidatos se mexeram para manter as bases de seus partidos durante as primárias. Grande parte da base republicana agora reage instantaneamente com uma negação instintiva quando se trata de questões como a violência armada, o Obamacare (Lei de Proteção e Cuidado Acessível ao Paciente) ou o aquecimento global. Não importam estatísticas, análises de especialistas, estudos universitários ou governamentais cuidadosamente apurados ou em alguns casos até mesmo seu interesse pessoal — muitos dos apoiadores incondicionais de Trump repudiam tais evidências como políticas liberais não confiáveis ou do Estado profundo. Para esse tipo de militante, a lealdade partidária e a política tribal importam mais do que os fatos, mais até do que a moral: veja os republicanos que apoiaram o candidato ao Senado Roy Moore, acusado de assédio sexual contra adolescentes, e os apoiadores de Trump que vaiaram John McCain, um legítimo herói de guerra, e disseram cruelmente que Deus o puniu com câncer por se opor a Trump.¹⁹

Como escreveu o jornalista Andrew Sullivan, “as duradouras e complexas divisões de ideologia, geografia, partido, classe, religião e raça se transformaram em algo mais profundo, mais fácil de mapear e, portanto, muito mais nefasto”: não é uma simples polarização política, mas uma ruptura do país em “duas tribos coerentes, estranhamente equilibradas no poder político, lutando não apenas pelo avanço de seu próprio lado, mas para

provocar, condenar e derrotar o outro”.²⁰

Várias teorias foram desenvolvidas para explicar por que as pessoas aceitam rapidamente informações que sustentem suas crenças e rejeitam aquelas que as contestam. Simples. As primeiras impressões são difíceis de serem descartadas, porque há um instinto primitivo de defender o próprio território, porque as pessoas tendem a produzir respostas emocionais em vez de intelectuais ao serem questionadas e são avessas a examinar cuidadosamente as evidências.²¹

O autor e professor de direito Cass Sunstein observou em *A era do radicalismo* que dinâmicas de grupo apenas enfatizam essas tendências: o isolamento está relacionado com frequência a uma fonte de informação limitada (e geralmente informação que reforça visões preexistentes) e um desejo de aprovação pelos seus pares; e se o líder do grupo “não encoraja a divergência e estiver inclinado a uma conclusão com a qual se identifica, é altamente provável que o grupo como um todo também adote essa conclusão”.²²

Sunstein escreveu que, uma vez que o grupo se isola psicologicamente, “informações e visões dos que estão fora do grupo podem ser descreditadas e, conseqüentemente, nada perturbará o processo de polarização, já que os membros do grupo continuam conversando”.²³ De fato, grupos de pessoas com a mesma opinião podem se tornar um terreno fértil para movimentos extremistas: “Terroristas são criados, não nascem”, afirmou Sunstein, “e redes terroristas geralmente operam exatamente dessa forma. Como resultado, podem levar pessoas absolutamente comuns a cometerem atos violentos”.

O radialista conservador Charlie Sykes decidiu deixar seu programa no fim de 2016. Para ele, a política se tornou um “mundo tribal binário” em que os eleitores “toleram comportamentos bizarros, desonestidade, grosseria e crueldade, porque o outro lado é sempre pior”.²⁴ Seus ouvintes não toleravam suas críticas a Trump, ou suas objeções de que as teorias loucas de conspiração sobre Hillary Clinton e Barack Obama eram comprovadamente falsas. Eles se acostumaram a rejeitar as fontes de notícias tradicionais e, dessa forma, os fatos cotidianos.

No livro *How the Right Lost Its Mind*, de 2017, ele escreveu que “na cultura midiática da nova direita, informações negativas simplesmente não penetram mais. Gafes e escândalos podem ser apagados, ignorados ou distorcidos; contranarrativas podem ser lançadas. Trump provou que um

candidato pode ser imune a narrativas, críticas e checagem de fatos feitas pela grande imprensa”.²⁵

* * *

FICARAM PARA TRÁS os dias em que não havia TV a cabo, quando a maioria das pessoas se informava por uma das três emissoras e assistia à maioria dos mesmos programas de TV, como *Tudo em família* e *Mary Tyler Moore Show*. Novos filmes de *Star Wars* e o Super Bowl continuam sendo alguns dos poucos eventos que capturam um público que se espalha por todas as faixas demográficas da sociedade norte-americana.

Quanto às notícias, um ambiente midiático cada vez mais fragmentado oferece sites e publicações direcionados a nichos, do mais vermelho dos vermelhos ao mais azul dos azuis. Facebook, Twitter, YouTube e muitos outros sites usam algoritmos para personalizar as informações que você vê — informações customizadas com base em dados anteriormente coletados sobre você.

O ativista de internet Eli Pariser escreveu em seu livro *O filtro invisível* que “com o Google personalizado para todos, a consulta a ‘células-tronco’ pode trazer resultados totalmente opostos para cientistas que apoiam pesquisas com células-tronco e ativistas que se opõem a elas.”²⁶ ‘Provas de mudanças climáticas’ podem trazer resultados diferentes para um ativista ambiental e um executivo de uma petroleira. Segundo pesquisas, a grande maioria das pessoas acredita que os mecanismos de busca são imparciais. Mas isso pode ser apenas porque eles estão cada vez mais inclinados a mostrar nossa própria visão. O monitor do seu computador é, cada vez mais, uma espécie de espelho unidirecional, refletindo seus próprios interesses, enquanto os algoritmos observam no que você clica”.

Como as redes sociais nos dão informações que tendem a confirmar nossa visão de mundo — o que Pariser chama de “uma repetição infundável de nós mesmos” —, as pessoas vivem em bolhas de conteúdo cada vez mais restrito e em jardins murados de pensamento igualmente delimitados.²⁷ É um dos principais motivos pelo qual liberais e conservadores, democratas e republicanos acham difícil concordar sobre os mesmos fatos e por que um senso comum da realidade está se transformando em algo utópico. Também ajuda a explicar por que as elites de Nova York e Washington — incluindo a campanha de Hillary e boa parte da imprensa — ficaram tão chocadas com a

vitória de Trump nas eleições de 2016.

Em uma palestra do TED em 2011, Pariser alertou que “se os algoritmos vão ser os curadores do mundo, se decidirão o que vamos ver e o que não vamos, então precisamos nos certificar de que eles não sejam determinados apenas pela relevância, mas que também nos mostrem coisas desconfortáveis, desafiadoras ou importantes, outros pontos de vista”.^{[28](#)}

7

DÉFICIT DE ATENÇÃO

“Quando você quiser entender como as coisas realmente funcionam,
estude-as quando elas estiverem ruindo.”

— William Gibson, “História zero”^{[1](#)}

Quando se trata da disseminação de *fake news* e de minar a crença na objetividade, a tecnologia se provou um combustível altamente inflamável. Cada vez mais nos damos conta do lado sombrio do que foi imaginado, a princípio, como um catalisador de inovação e de mudanças.

Tim Berners-Lee, que em 1989 elaborou uma proposta para o que viria a ser a World Wide Web, imaginou um sistema de informação universal, conectando pessoas que compartilham informações para além das fronteiras da linguagem e da posição geográfica. O resultado seria uma explosão de criatividade e a solução de problemas sem precedentes.² Uma espécie de versão benevolente da biblioteca infinita de Borges, onde tudo existir, mas também pode ser recuperado e colocado em uso prático e imaginativo.

“A ascensão da web foi um caso raro em que aprendemos informações novas e positivas sobre o potencial humano”, escreveu Jaron Lanier em seu livro *Gadget: Você não é um aplicativo!*. “Quem teria imaginado (pelo menos no começo) que milhões de pessoas colocariam tanto esforço em um projeto sem a presença de propaganda, motivação comercial, ameaça de punição, figuras carismáticas, políticas de identidade, exploração do medo da morte ou qualquer outro motivador clássico da humanidade? Em grandes números, as pessoas fizeram algo de forma cooperativa unicamente porque era uma boa ideia, e foi lindo.”

Lanier lembrou que, no cerne do empreendimento coletivo naqueles primeiros dias, havia “uma doce fé na natureza humana. Nós acreditávamos que, se empoderássemos os indivíduos, isso resultaria em mais bem do que mal. A forma como a internet se deteriorou desde então é realmente perversa”.³

As pessoas cada vez mais se dão conta de que a mesma web que democratizou informações, que forçou (alguns) governos a serem mais transparentes e que permitiu a todos, de dissidentes políticos a cientistas e médicos, se conectarem uns aos outros tem um lado sinistro que agentes mal-intencionados podem explorar facilmente para espalhar informações errôneas e desinformação, crueldade e preconceito. A possibilidade do anonimato na web incitou uma ausência nociva de responsabilidade e facilitou a atuação de intimidadores e *trolls*. Empresas gigantes do Vale do Silício coletaram dados de usuários numa escala que rivaliza com a da Agência de Segurança Nacional. E a explosão do uso da internet também amplificou muitas das

dinâmicas já em curso na cultura contemporânea: desde o egocentrismo das gerações do “eu” e da “*selfie*” até o isolamento das pessoas em bolhas ideológicas e a relativização da verdade.

O enorme volume de dados na web permite que as pessoas selecionem cuidadosamente fatos, factoides ou não fatos que apoiem seu ponto de vista, encorajando tanto acadêmicos como amadores a encontrar material para apoiar suas teorias, em vez de examinar evidências empíricas para chegar a conclusões racionais. Como escreveu Nicholas Carr, ex-editor executivo da *Harvard Business Review*, em *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*: “Nós não vemos a floresta quando pesquisamos na web. Nem mesmo vemos as árvores. Vemos galhos e folhas.”⁴

Na web, onde cliques são tudo e entretenimento e notícias estão cada vez mais misturados, o material sensacionalista, bizarro ou revoltante sobe para o topo, com posts que apelam cinicamente para a parte rudimentar de nossos cérebros — para emoções primitivas como medo, ódio e raiva.

Nesta era de distração nervosa e excesso de informação, a atenção é o bem mais precioso da internet. Como o professor de direito Tim Wu observou em *The Attention Merchants*, no início dos anos 2010 os sites aprenderam aos poucos como fazer seu conteúdo se tornar sistematicamente viral: com frequência, o “impulso de compartilhar é ativado por um espectro de emoções de ‘alta ativação’, como medo, revolta e ansiedade”.⁵

Wu escreveu que, em 2015, a web — outrora “um bem comum que fomentava o amador excêntrico em todas as áreas de interesse” — havia sido invadida por “lixo comercial, em grande parte direcionado aos mais básicos impulsos humanos de voyeurismo e excitação”. Havia “vastas áreas de trevas”, como “listas bajuladoras e as pseudo-histórias de celebridades, criadas com o único propósito de manter o público clicando e compartilhando sem pensar, disseminando os anúncios que as acompanham, como uma forte gripe”.⁶

* * *

ENQUANTO A CONFIANÇA do público na imprensa diminuía no novo milênio (parte de uma desconfiança crescente em instituições e *gatekeepers*, bem como de um esforço orquestrado da direita para descreditar a grande imprensa), mais pessoas começaram a receber suas notícias por Facebook, Twitter e outras

fontes on-line: em 2017, dois terços dos norte-americanos disseram receber pelo menos parte de suas notícias pelas redes sociais.⁷ Essa dependência do *feed* de familiares, de amigos, do Facebook e do Twitter para se informar, no entanto, alimentaria o monstro voraz das *fake news*.

Fake news não são uma novidade, claro: a cobertura sensacionalista da imprensa ajudou a angariar apoio público para a Guerra Hispano-Americana e Júlio César transformou sua conquista da Gália numa ação preventiva.⁸ Mas a internet e as redes sociais permitem que boatos, especulações e mentiras se espalhem pelo mundo em questão de segundos: como as absurdas histórias de “Pizzagate” e as notícias fictícias de que o homem por trás do massacre de 58 pessoas em Las Vegas em outubro de 2017 era um liberal anti-Trump que seguia a MoveOn.org e recentemente havia se tornado muçulmano.⁹

O *BuzzFeed News* publicou que, durante os últimos três meses da campanha presidencial de 2016, as *fake news* eleitorais de “alto desempenho” no Facebook geraram mais engajamento do que as principais notícias de grandes veículos jornalísticos como *The New York Times*, *The Washington Post*, NBC News e *The Huffington Post*. Das vinte matérias falsas, todas, com exceção de três, eram a favor de Trump ou contra Hillary Clinton, incluindo uma que afirmava que Hillary havia vendido armas para o Estado Islâmico e outra que dizia que o papa apoiava Trump.¹⁰ Um estudo do Oxford Internet Institute apontou que, no Twitter, uma rede de apoiadores de Trump fez circular mais notícias sensacionalistas do que qualquer outro grupo político da amostragem. Em 2018, uma análise do *Politico* concluiu que eleitores dos desertos de notícias — locais com baixo número de assinantes de redes de notícia — decidiram-se por Trump em escala muito maior do que aqueles de locais onde a mídia independente pode checar a veracidade das afirmações.¹¹

À medida que ficou mais claro o papel que as redes sociais desempenharam na divulgação das *fake news* e como permitiram que os esforços russos interferissem nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, algumas pessoas envolvidas com o Vale do Silício passaram por uma espécie de crise existencial. Elas temiam que as ferramentas mágicas que ajudaram a criar estivessem se tornando monstros de Frankenstein. Pierre Omidyar, fundador do eBay, escreveu que “a monetização e a manipulação de informações estão nos afastando rapidamente” e encomendou um relatório sobre o efeito das redes sociais sobre a responsabilidade, a confiança e a democracia norte-americana.¹²

“O sistema está falhando”, declarou Tim Berners-Lee. Ele disse que ainda era um otimista, “mas um otimista em pé no topo de uma montanha, com uma tempestade horrível açoitando meu rosto, e me segurando numa cerca”.¹³

Em um ensaio apaixonado, Roger McNamee, um dos primeiros investidores do Facebook, argumentou que a manipulação de redes sociais, do Google e de outras plataformas pelos russos, a fim de tentar mudar os resultados das eleições de 2016 nos Estados Unidos e do referendo do Brexit, foi apenas a ponta do iceberg: a menos que mudanças fundamentais fossem feitas, essas plataformas seriam manipuladas novamente, e “o nível do discurso político, já na sarjeta, ficará ainda pior”.¹⁴

McNamee apontou que os problemas eram inerentes aos algoritmos usados por plataformas como o Facebook para maximizar o engajamento dos usuários. Quanto mais tempo os membros gastam numa plataforma, mais anúncios uma empresa vende e mais lucros ela tem; e a forma de maximizar o engajamento é “coletando e analisando seus dados, usando isso para prever o que fará você reagir mais intensamente e, em seguida, dando-lhe mais disso”. Isso não apenas cria os filtros que isolam as pessoas em bolhas partidárias, mas também favorece mensagens simplistas e provocativas. Teorias da conspiração viralizam facilmente nas redes sociais, assim como mensagens políticas inflamadas e estúpidas — como aquelas espalhadas pela campanha de Trump e pelo Vote Leave no Brexit, apelando para emoções primárias como o medo de imigrantes ou a raiva pelo aumento do desemprego. Historiadores afirmam que mensagens populistas tendem a ganhar força em tempos de incerteza econômica (como no persistente efeito após a crise financeira de 2008 e no efeito bola de neve na desigualdade de renda) e de mudanças cultural e social (como a globalização e a avassaladora inovação tecnológica).

A mensagem carregada de ódio de Trump foi quase feita sob medida para os algoritmos das redes sociais. Steve Bannon disse ao jornalista Michael Lewis que Trump não era apenas um homem raivoso, mas que também tinha uma habilidade única de explorar a ira dos outros: “Fomos eleitos pelos slogans Drene o Pântano,* Prendam Ela** e Construa o Muro.*** Isso era pura raiva. Raiva e medo são o que leva as pessoas às urnas.”¹⁵

Ao mesmo tempo, a campanha de Trump fez um uso perspicaz e maquiavélico das redes sociais e das ferramentas de *big data*, utilizando informações do Facebook e da Cambridge Analytica (empresa de dados que

tem como sócio Robert Mercer, apoiador de Trump e investidor da Breitbart, e que se vangloria de suas habilidades em traçar o perfil psicológico de milhões de potenciais eleitores) para direcionar sua publicidade e planejar os eventos da campanha de Trump.¹⁶

O Facebook revelou que os dados de até 87 milhões de pessoas podem ter sido compartilhados indevidamente com a Cambridge Analytica, que usou as informações para desenvolver ferramentas capazes de prever e influenciar o comportamento do eleitorado.¹⁷ Um ex-funcionário da empresa afirmou que Steve Bannon supervisionou, em 2014, um movimento para persuadir os eleitores, no qual mensagens em oposição ao *establishment* — como “drene o pântano” e “Estado profundo” — foram identificadas e testadas.¹⁸

O diretor digital da campanha, Brad Parscale, contou como eles usaram as ferramentas de publicidade do Facebook para segmentar potenciais apoiadores com anúncios personalizados, fazendo de 50 a 60 mil anúncios por dia, aprimorando continuamente a linguagem, os gráficos e até as cores para tentar obter uma reação positiva.¹⁹

A campanha também usou os chamados *dark posts* (visíveis apenas para os destinatários e que não aparecem na *timeline* de quem os postou) e lançou três operações de repressão de eleitores (*voter suppression*), de acordo com um alto funcionário de campanha citado na *Bloomberg Businessweek*: uma foi direcionada aos apoiadores de Bernie Sanders; outra para mulheres jovens (que, segundo a campanha, poderiam se sentir ofendidas se lembradas dos casos de Bill Clinton — o que é estranho, dados os próprios escândalos de Trump com mulheres); e uma terceira para afro-americanos (que a campanha acreditava que não votariam em Hillary se lembrassem que ela usou o termo “superpredadores” em 1996, referindo-se à iniciativa de combate ao crime de seu marido).²⁰

* * *

Os mestres na manipulação de redes sociais nas eleições de 2016, é claro, foram os russos, cujo objetivo de longo prazo — minar a crença dos eleitores na democracia e no sistema eleitoral — se encaixou na meta de curto prazo de direcionar o resultado para Trump. As agências de inteligência norte-americanas também concluíram que hackers russos roubaram e-mails do Comitê Nacional Democrata, que foram depois repassados ao WikiLeaks.²¹ Toda essa conspiração era parte de um esforço orquestrado pelo Kremlin,

intensificado desde a reeleição de Putin em 2012 para usar meios não militares e assimétricos de alcançar seus objetivos de enfraquecer a União Europeia e a Otan e minar a fé no liberalismo democrático global e ocidental. Para esses fins, a Rússia tem apoiado partidos populistas na Europa, como o partido de extrema direita Frente Nacional, de Marine Le Pen, na França; e interferiu nas eleições de pelo menos dezenove países europeus nos últimos anos. Também segue promovendo campanhas de desinformação utilizando meios de comunicação estatais, como a agência de notícias Sputnik e a rede de televisão RT.

No caso da eleição americana, o Facebook disse ao Congresso que agentes russos publicaram cerca de 80 mil posts no Facebook entre junho de 2015 e agosto de 2017, que podem ter sido vistos por 126 milhões de norte-americanos — mais da metade do número de eleitores registrados no país.²² Alguns dos posts russos tentavam ativamente promover Trump ou prejudicar Hillary Clinton; outros simplesmente pretendiam ampliar divisões já existentes na sociedade norte-americana a respeito de questões como raça, imigração e porte de armas. Por exemplo, havia um post de um grupo falso chamado South United, mostrando a bandeira dos Confederados e “uma convocação para o Sul se reerguer”. Outro, de um grupo impostor chamado Blacktivist, relembra os Panteras Negras. E um anúncio no Facebook chamado “Fronteiras Protegidas” mostrava uma placa dizendo “Proibida a entrada de invasores”.

“A estratégia é criar uma ruptura em nossa sociedade e transformá-la num abismo”, disse o senador Angus King, do Maine, durante uma audiência do Senado sobre a interferência da Rússia na eleição.²³

Matérias de diversos veículos mostraram que o mecanismo de recomendações do YouTube parecia direcionar os usuários para conteúdo discriminatório, sensacionalista e de viés conspiratório.²⁴ E o Twitter descobriu que mais de 50 mil contas ligadas à Rússia em sua plataforma estavam publicando material sobre a eleição de 2016. Um relatório da Universidade de Oxford apontou que na reta final das eleições o número de links no Twitter de “notícias russas, links não verificados ou irrelevantes para páginas do WikiLeaks, ou ‘lixo eletrônico’” excedeu o número de links de notícias apuradas e publicadas profissionalmente. O relatório também revelou que “os níveis médios de desinformação eram mais altos nos *swing states*”, os estados decisivos para as eleições — como Flórida, Carolina do Norte e Virgínia — do que nos estados em que o resultado da votação já era previsto.

Os russos haviam se tornado muito hábeis não apenas em produzir *fake news*, mas em criar perfis falsos que comentavam sobre as *fake news* e faziam parte de grupos fictícios. Vitaly Beshpalov, funcionário de uma “fábrica” de *trolls* russa e que havia trabalhado em uma de propaganda política de São Petersburgo chamada Internet Research Agency, disse à NBC News que o trabalho era “um carrossel de mentiras”. Funcionários do primeiro andar escreviam *fake news* que faziam referência a posts de blogs escritos por funcionários do terceiro andar, enquanto colegas postavam comentários nessas histórias sob nomes falsos e coordenavam outras postagens nas redes sociais. De acordo com fontes da inteligência norte-americana, algumas contas do IRA vinham produzindo propaganda política a favor da Rússia a respeito da questão da Ucrânia, mas passaram a escrever mensagens a favor de Trump já em dezembro de 2015.²⁵

Antes das eleições, quando veio a público um vídeo do programa *Access Hollywood* que mostrava Trump relatando assédio a mulheres, agentes russos no Twitter saíram correndo em sua defesa, criticando a grande imprensa e tentando voltar a atenção para e-mails comprometedores hackeados do presidente da campanha de Hillary, John Podesta.²⁶ Perfis pró-Kremlin no Twitter continuaram a dar esse tipo de apoio a Trump depois que ele foi morar na Casa Branca, tentando criar polêmicas acerca de questões como a controvérsia de os jogadores da NFL se ajoelharem durante o hino nacional em protesto. No final de 2017, no entanto, esses perfis russos pareciam cada vez mais focados em minar o conselheiro especial Robert Mueller e sua investigação sobre a interferência russa nas eleições.

A Rússia também parece ter se infiltrado no debate dos Estados Unidos sobre a determinação do governo Trump em abolir a neutralidade da rede — um movimento que foi rejeitado por 83% dos norte-americanos numa pesquisa feita pouco antes da FCC (Federal Communications Commission, Comissão Federal de Comunicações) votar para acabar com as regras da era Obama, que exigiam que os provedores de internet tratassem todo o tráfego da web da mesma forma.²⁷ Antes de anunciar sua decisão, a FCC disse ter acolhido comentários da sociedade sobre a questão, mas parece que muitos deles eram falsos ou duplicados. Um estudo descobriu que 444.938 comentários vieram de e-mails russos e mais de 7,75 milhões de comentários vieram de domínios de e-mails associados ao FakeMailGenerator.com e tinham praticamente o mesmo texto.

Fábricas de *trolls* e exércitos de *bots* são usados por partidos políticos e

governos de países como Rússia, Turquia e Irã para espalhar propaganda política, perseguir dissidentes, inundar as redes sociais com informações falsas e criar a ilusão de popularidade ou de um cenário de agitação por meio de curtidas, retuítes ou compartilhamentos. Um estudo da Universidade de Oxford observou: “Às vezes, quando partidos políticos ou candidatos manipulam as redes sociais como parte de estratégia de campanha, a tática continua quando eles assumem o poder. Por exemplo, nas Filipinas, muitos dos chamados ‘*trolls* de teclado’ contratados para espalhar propaganda política para o candidato presidencial Duterte durante a eleição continuam a espalhar e amplificar mensagens em apoio a suas políticas agora que ele está no poder.”²⁸

* * *

O USO DE *bots* para manipular a opinião pública é apenas um dos fatores analisados no relatório do Omidyar Group sobre o efeito das redes sociais no discurso público. O relatório concluiu que, além de aumentar a polarização, as redes sociais tendem a minar a confiança nas instituições e dificultam discussões e debates baseados em fatos, que são essenciais para a democracia. Os anúncios direcionados a nichos específicos nas redes sociais e os algoritmos criados para personalizar os *feeds* de notícias embaçam as distinções entre o popular e o verificável e diminuem a capacidade das pessoas de participar de um diálogo.²⁹

As coisas só tendem a piorar, especialmente se a Casa Branca de Trump continuar negando a interferência russa na eleição e não tomar uma atitude contra o que o ex-diretor da Agência de Segurança Nacional e da CIA, Michael Hayden, chamou de “a mais bem-sucedida operação secreta de influência em toda a história”.³⁰ O chefe da Divisão Cibernética do Departamento de Segurança Interna revelou que os russos tentaram invadir os sistemas eleitorais em 21 estados durante as eleições de 2016 e tiveram sucesso em alguns deles. Uma empresa de segurança de computadores relatou que os mesmos hackers russos que roubaram e-mails do Comitê Nacional do Partido Democrata em 2016 estavam mirando contas do Senado na corrida para as eleições de meio de mandato de 2018.

A Rússia já tentou se intrometer em eleições na Alemanha, na França, na Holanda e no referendo do Brexit, no Reino Unido. A facilidade com que eles interferiram na eleição dos Estados Unidos em 2016 (e a falta de sanções que

sofreram no primeiro ano da administração Trump) certamente os encorajou. Políticos no México e em outros países agora temem ser os próximos na lista de alvos de Putin e estão se preparando para desestabilizar ondas de *fake news* e propaganda política.³¹

A evolução tecnológica tende a complicar tudo. Avanços em sistemas de realidade virtual e de *machine learning* logo resultarão em imagens e vídeos fabricados, tão convincentes que será difícil distingui-los da realidade. Vozes já podem ser recriadas a partir de amostras de áudio, e expressões faciais podem ser manipuladas por programas de inteligência artificial. No futuro, talvez vejamos vídeos realistas de políticos dizendo coisas que eles jamais disseram: o simulacro de Baudrillard se torna realidade. Um perigoso avanço tecnológico, ao estilo *Black Mirror*, que mexerá ainda mais com a nossa capacidade de distinguir entre a imitação e o real, o falso e o verdadeiro.³²

* “Drain the Swamp”. Expressão usada por Trump durante a campanha que, originalmente, se refere a drenar a água de pântanos para acabar com o mosquito transmissor da malária. É uma metáfora usada no sentido de consertar todos os alegados problemas e erros do governo federal. (N.T.)

** “Lock Her Up”. Expressão que pede a prisão de Hillary Clinton. Foi usada em meio a uma investigação sobre uso privado de e-mails oficiais enquanto Hillary era secretária de Estado. (N.T.)

*** “Build a Wall”. Sobre a promessa de Trump de construir um muro separando os Estados Unidos do México e, assim, barrar a entrada de imigrantes ilegais. (N.T.)

8

PROPAGANDA E FAKE NEWS

“Você pode influenciar mais rápido mil homens se apelar para os seus preconceitos do que se tentar convencer apenas um pela lógica.”

— Robert A. Heinlein^{[1](#)}

A Rússia está no centro do debate político nos Estados Unidos e na Europa devido à interferência nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016 e numa série de outras eleições em todo o mundo. Os métodos usados pela Rússia nessas operações são lembretes da sofisticada máquina de propaganda política que o Kremlin foi construindo ao longo das décadas, desde a Guerra Fria, e seu novo domínio da guerra cibernética, incluindo a ação de hackers, a disseminação de *fake news* e o uso das redes sociais como arma. Ao mesmo tempo, não exatamente por acaso, o pensamento de duas figuras russas, Vladimir Lênin e o muito menos conhecido Vladislav Surkov² (um ex-diretor de teatro pós-moderno que já foi descrito como o “Rasputin de Putin”, o especialista do Kremlin em manipular a opinião pública com o uso da propaganda) impulsiona muitas das dinâmicas políticas e sociais perturbadoras em ação na era da pós-verdade.

Quase um século após sua morte, o modelo de revolução proposto por Lênin se mostra assustadoramente longo. Seus objetivos — não melhorar a máquina do Estado, mas destruí-la junto com todas as suas instituições — foram defendidos por muitos populistas do século XXI. O mesmo aconteceu com várias de suas táticas, desde o uso do caos e da confusão como instrumentos de mobilização das massas até suas promessas utópicas simplistas (e sempre furadas), passando pela retórica violenta para atacar qualquer coisa que pudesse ser vista como parte do status quo.

Sobre sua linguagem incendiária, Lênin explicou certa vez que sua terminologia era “calculada para provocar o ódio, a aversão e o desprezo” — esse tipo de palavreado era “calculado não para convencer, mas para desmobilizar o adversário; não para corrigir o erro do inimigo, mas para destruí-lo, mas para varrê-lo da face da Terra. Na verdade, essa terminologia é dessa natureza justamente para evocar os piores pensamentos, os piores receios sobre o oponente”.³ Tudo isso se parece muito com uma espécie de molde para o tipo de linguagem usada por Trump e seus apoiadores para atacar Hillary Clinton durante a campanha de 2016, com o tipo de linguagem empregada pelos defensores radicais da campanha do Vote Leave na Grã-Bretanha e com o tipo de linguagem cada vez mais adotado pelos movimentos populistas de direita em ambos os lados do Atlântico.

A jornalista Anne Applebaum identificou um grupo de “neobolcheviques” — que inclui Trump; Nigel Farage, na Grã-Bretanha; Marine Le Pen, na

França; Jarosław Kaczyński, na Polônia; e o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán — que, assim como Lênin e Trótski, se basearam em políticas extremistas para surfar uma onda de populismo e galgar posições de destaque. Em 2017, ela escreveu que, “em um grau extraordinário, eles adotaram de Lênin a negativa em fazer concessões, a promoção antidemocrática de alguns grupos sociais em detrimento de outros e os ataques de ódio a seus oponentes ‘ilegítimos’”.⁴

Applebaum observa que a maioria dos neobolcheviques de maior sucesso criou “mídias alternativas” próprias, especializadas na disseminação de desinformações, na propagação do ódio e na provocação de adversários. Suas mentiras são tanto respostas automáticas como uma questão de princípios: eles acreditam “que a moralidade comum não se aplica a eles... Em um mundo podre, a verdade pode ser sacrificada em nome ‘do Povo’ ou, como uma forma de direcionamento, os ‘Inimigos do Povo’. Na luta pelo poder, qualquer coisa é permitida”.

Na verdade, o historiador Victor Sebestyen chegou a escrever numa biografia de Lênin que o líder bolchevique foi “o padrinho daquilo que os analistas, um século depois de seu tempo, chamam de ‘política da pós-verdade’”, e ele representa, em muitos sentidos, um “fenômeno político inteiramente moderno — o tipo de demagogo que nos é familiar nas democracias ocidentais, bem como nas ditaduras”.⁵ Sebestyen acrescenta que qualquer um “que tenha acompanhado as recentes eleições nas supostamente sofisticadas culturas políticas ocidentais pode reconhecê-lo”.

Steve Bannon, conselheiro de Trump atualmente afastado e ex-diretor executivo do Breitbart News, certa vez descreveu a si mesmo para um jornalista como “um leninista”. Em 2013, Ronald Radosh relatou no *The Daily Beast* que Bannon declarou o seguinte: “Lênin queria destruir o Estado, e esse também é o meu objetivo. Quero acabar com tudo e destruir todo o *establishment* de hoje em dia.”⁶ O bilionário conservador Robert Mercer, que forneceu ajuda financeira ao Cambridge Analytica, acredita que quanto menos governança melhor. Um ex-funcionário de alto escalão do fundo de hedge Mercer contou a Jane Mayer, do *The New York Times*: “Ele quer que tudo venha abaixo.”⁷

* * *

NÃO SURPREENDE QUE os dois países que dominaram o lado sujo da propaganda política

no século XX tenham sido os estados totalitários da Alemanha nazista e da União Soviética. Suas técnicas de manipular o público e de promover sua ideologia de ódio alimentaram diversas gerações de autocratas e demagogos ao redor do mundo. Lênin se especializou em fazer promessas que nunca cumpria. “Ele oferecia soluções simples para problemas complexos”, escreveu Sebestyen na biografia sobre o líder bolchevique. “Ele mentia descaradamente. Identificava bodes expiatórios que, em seguida, poderia chamar de ‘inimigos do povo’. E se justificava baseado no princípio de que ganhar significava tudo: os fins justificavam os meios.”⁸

Hitler dedicou capítulos inteiros do *Mein Kampf* (*Minha luta*) ao tema da propaganda política, e seus discursos — assim como aqueles escritos pelo seu ministro da propaganda, Joseph Goebbels — acabariam formando uma espécie de cartilha para aspirantes a autocratas: apele para as emoções das pessoas, não para o intelecto; use “fórmulas estereotipadas”, repetidas várias vezes; ataque continuamente os oponentes e os rotule com frases ou slogans distintos que provocarão reações viscerais do público.⁹ Descrito por biógrafos como um narcisista com gosto por interpretar um personagem, Hitler tinha um dom instintivo de chamar a atenção do público desde o primeiro momento. “Quem se importa se eles riem de nós ou nos insultam, nos tratando como idiotas ou criminosos?”, escreveu ele sobre seus primeiros esforços para criar uma reputação para si mesmo. “O ponto é que eles falam de nós e pensam em nós constantemente.”¹⁰ Como Lênin, ele ressaltou a necessidade de “romper a ordem estabelecida das coisas” e “assim abrir espaço para a penetração” de novas doutrinas.¹¹

Em *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt analisou o papel essencial que a propaganda política desempenhou ao confundir e manipular as populações da Alemanha nazista e da Rússia soviética, escrevendo que “num mundo incompreensível e em constante mudança, as massas chegaram a um ponto em que acreditavam, ao mesmo tempo, em tudo e em nada, achavam que tudo era possível e que nada era verdade”.¹²

Ela escreveu que “a propaganda de massa descobriu que seu público-alvo estaria sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, e que não tinha objeções a respeito de ser enganado porque considerava que toda declaração, de qualquer forma, era mentirosa. Os líderes totalitários de massa basearam sua propaganda na correta suposição psicológica de que, sob tais condições, alguém poderia fazer as pessoas acreditarem nas afirmações mais fantásticas um dia e ter certeza de que, se no dia seguinte fossem dadas

provas irrefutáveis de suas mentiras, essas pessoas se resguardariam no cinismo; em vez de abandonar os líderes que haviam mentido para elas, as pessoas alegariam que sabiam o tempo todo que a declaração era uma mentira e admirariam os líderes por sua inteligência tática superior”.

A Rússia ainda usa a propaganda política para alcançar esses mesmos objetivos: confundir e exaurir seu próprio povo (e, cada vez mais, cidadãos de outros países), desgastando-os com uma torrente tão volumosa de mentiras que as pessoas simplesmente param de contestar e acabam se voltando para suas próprias vidas. Um relatório da Rand Corporation chamou o modelo de propaganda de Putin de “a mangueira de incêndio da falsidade” — um constante e intenso fluxo de mentiras, verdades parciais e fatos inteiramente ficcionais jorrados com uma violência incessante para ofuscar a verdade, além de sobrecarregar e confundir qualquer um que tente prestar atenção.¹³

“A propaganda russa não tem o menor compromisso com a realidade objetiva”, afirma o relatório. Às vezes são usadas fontes inventadas, assim como evidências criadas (fotografias falsas, reportagens *in loco* fabricadas, encenações com atores representando vítimas de atrocidades ou de crimes que nunca aconteceram). “Canais de notícias russos, como RT e Sputnik News, são mais uma mistura de infoentretenimento e desinformação do que jornalismo baseado na apuração de fatos, embora seus formatos tenham, intencionalmente, a aparência de noticiários respeitáveis”.¹⁴

A propaganda russa — que foi amplamente exportada durante os preparativos para as eleições norte-americanas de 2016 e em eleições na Europa — é um recurso acionado rapidamente em resposta a notícias urgentes, e é reciclada infinitamente, em alto volume e velocidade, por meio de diversos canais para alimentar a percepção de que se trata de múltiplas fontes.¹⁵ Como os *trolls* russos não se preocupam com veracidade ou inconsistências, eles conseguem frequentemente divulgar sua versão ficcional dos eventos antes que veículos de notícia legítimos possam publicar os relatos apurados, tirando vantagem da tendência psicológica das pessoas de aceitar a primeira informação recebida sobre um assunto (e, como observa o relatório da Rand Corporation, “preferir essa informação quando confrontada com informações contraditórias”).

O enorme volume de *dezinformatsiya* espalhado pelo sistema de mangueira de incêndio criado pelos russos — muito parecido com o mais improvisado, porém igualmente volumoso fluxo de mentiras, escândalos e confusões de Trump e companhia — tende a sobrecarregar e atordoar as pessoas, ao

mesmo tempo que faz desvios de conduta parecerem menos graves e normaliza o inaceitável. A indignação dá lugar ao cansaço da indignação, que dá lugar ao tipo de cinismo e de fadiga que empodera quem dissemina as mentiras. Como o ex-campeão mundial de xadrez e líder russo pró-democracia Garry Kasparov tuitou em dezembro de 2016: “O objetivo da propaganda moderna não é apenas desinformar ou disseminar ideias específicas. É esgotar o pensamento crítico para aniquilar a verdade.”¹⁶

Escolha a sua metáfora: confundir alhos com bugalhos, lançar aos tubarões, criar uma cortina de fumaça, jogar areia nos olhos do público. Todas são táticas criadas para cansar e deixar todos exaustos de notícias, uma estratégia perfeitamente pensada para a nossa era de déficit de atenção e da hiperinformação. Nas palavras de T.S. Eliot, “este mundo de gorjeios”,^{*} onde as pessoas podem ser “distraídas da distração pela distração”.¹⁷

Na era digital, semear confusão on-line em meio a uma enxurrada de informações errôneas e desinformação está se tornando a principal tática de propagandistas em todo o mundo, de acordo com o que diz a escritora Zeynep Tüfekçi em seu perspicaz livro *Twitter and Tear Gas*.

Zeynep Tüfekçi afirma que, “na esfera pública em rede, o objetivo dos poderosos muitas vezes não é convencer as pessoas da veracidade de determinada narrativa ou impedir que certa informação seja divulgada (o que é cada vez mais difícil), mas produzir resignação, cinismo e uma sensação de impotência nas pessoas”. Ela observa que isso pode ser feito de várias maneiras: inundando o público com informações; produzindo distrações para diluir a atenção e o foco; deslegitimando a imprensa que fornece informações corretas; semeando a confusão, o medo e a dúvida deliberadamente; criando rumores ou alegando que determinadas informações são boatos; e “incitando campanhas persecutórias destinadas a dificultar o funcionamento de canais confiáveis de informação”.¹⁸

* * *

O MESTRE CONTEMPORÂNEO russo da propaganda Vladislav Surkov, que foi chamado de “o verdadeiro gênio da era Putin”, empregou todas essas técnicas e mais algumas para ajudar a arquitetar a ascensão — e a consolidação — de Putin no poder.¹⁹ Na verdade, os atos executados pelos agentes russos, que realizaram uma sofisticada campanha de desinformação durante a campanha presidencial de 2016, têm todas as marcas da direção de Surkov.

O jornalista Peter Pomerantsev, autor do livro *Nothing Is True and Everything Is Possible*, descreveu Surkov como o responsável por transformar a política russa em um reality show no qual “as instituições democráticas são mantidas sem nenhuma liberdade democrática”.

Pomerantsev escreveu em 2014 que “ele ajudou a inventar uma nova linha de autoritarismo baseada não em pisar e esmagar a oposição, mas em se infiltrar em grupos de interesses diversos e manipulá-los de dentro”. Por exemplo: “Líderes nacionalistas, como Vladimir Zhirinovsky, fariam o papel de bufão da direita para que, em contraste, Putin parecesse moderado.”

“Com uma mão”, continuou Pomerantsev, “o senhor Surkov apoiou grupos de direitos humanos formados por ex-dissidentes; com a outra, organizou grupos jovens a favor do Kremlin como o Nashi, que acusavam líderes de direitos humanos de serem instrumentos do Ocidente”. Jogar todos uns contra os outros para criar o caos era uma maneira de garantir que o Kremlin tivesse o controle de todas as marionetes enquanto usava a desinformação para recriar a realidade.²⁰

Esse mesmo tipo de manipulação surkoviana estava por trás dos esforços russos para tumultuar a eleição dos Estados Unidos de 2016 por meio da criação de perfis falsos de norte-americanos e movimentos políticos comocêntricos nas redes sociais. Como descrito num processo de 37 páginas conduzido pelo conselheiro especial Robert Mueller, o esquema era sofisticado, envolvendo centenas de funcionários que trabalhavam para uma organização chamada Internet Research Agency (já bem conhecida de jornalistas como uma “fábrica” de *trolls* russa com sede em São Petersburgo).²¹ Esses agentes — alguns até mesmo visitaram os Estados Unidos sob falsos pretextos — criaram centenas de perfis falsos nas redes sociais, se fazendo passar por (e às vezes roubando a identidade de) norte-americanos reais, usando um servidor dos Estados Unidos para mascarar sua localização na Rússia. Usando esses personagens, os russos postaram material no Facebook, no Instagram, no Twitter e no YouTube e conquistaram uma base sólida de seguidores. Sua missão: divulgar informações depreciativas sobre Hillary Clinton (e, durante as primárias, Ted Cruz e Marco Rubio) e desacreditar o sistema político em geral. Além de tentar ampliar a rixa entre os eleitores sobre questões como imigração, religião e raça, os russos espalharam *fake news* destinadas a aumentar a popularidade de Trump e a prejudicar a de Hillary. Também ajudaram a organizar e promover muitos comícios a favor de Trump, espalharam

rumores de uma suposta fraude eleitoral cometida pelo Partido Democrata e começaram a “encorajar os grupos de minorias norte-americanas a não votarem” nas eleições, ou a votar em um candidato de um terceiro partido.

Determinadas ações dos russos remetiam ao característico cinismo de uma encenação surkoviana. Eles recrutaram um norte-americano de verdade para segurar um cartaz que mostrava Hillary e uma declaração falsamente atribuída a ela: “Acredito que a Sharia será um novo caminho poderoso para a liberdade”; contrataram um norte-americano para construir uma grande cela em uma camionete e um segundo para usar uma fantasia de Hillary vestindo um uniforme de prisão.

* * *

POMERANTSEV ARGUMENTOU NO *Politico* que o objetivo de Surkov na Rússia era o mesmo de sempre: “Manter a grande população de 140 milhões de pessoas concentradas nos seus blá-blá-blás a respeito dos gays, de Deus, de Satã, dos fascistas, da CIA e dos pesadelos geopolíticos improváveis.” Garantir que o país estivesse sempre em desequilíbrio e um pouco paranoico era uma maneira de manter as pessoas preocupadas e, ao mesmo tempo, incentivá-las a “procurar a ‘mão forte’ do Kremlin para protegê-las”.²²

Surkov tinha experiência tanto em teatro quanto em relações públicas, e também era um boêmio de estilo próprio, que gostava de citar artistas de vanguarda e pensadores pós-modernistas. Ele ajudou a transformar a televisão russa, nas palavras de Pomerantsev, em “uma máquina de propaganda kitsch de adoração a Putin” — não mais tosca e maçante como a antiga TV soviética, mas superficialmente chamativa, utilizando os formatos de entretenimento ocidental como arma para atingir os objetivos russos.²³

As qualidades da orquestração conduzida por Surkov na propaganda do Kremlin já foram descritas como similares às da arte performática — um espetáculo encenado que tinha mais o objetivo de criar tramas múltiplas para promover confusão, com frequência conflitantes e misturando ficção e realidade, do que passar uma mensagem soviética à moda antiga. Não há ideologia comunista na Rússia de Putin e Surkov, apenas o que Pomerantsev chamou de “poder pelo amor ao poder e ao acúmulo de vasta riqueza”.

A serviço dessa visão niilista, Surkov usou argumentos que repudiavam a existência da verdade objetiva. Ele escreveu que, “no paradigma racionalista da civilização ocidental, a hipocrisia é inevitável” porque “a fala é muito

linear, muito formal para refletir completamente a dita realidade”. E também porque “fingir ser o que você não é, esconder suas intenções, é a mais importante ferramenta de sobrevivência biológica”. No clássico de Homero, observa ele, o sério Aquiles é menos convincente do que o “ardiloso” Ulisses — um tipo de herói trapaceiro, adepto das mentiras e fraudes —, que é aquele que sobrevive. Todas as narrativas são acidentais, sugere Surkov, e todos os políticos são mentirosos; portanto, os fatos alternativos apresentados pelo Kremlin (e por Donald Trump) são tão válidos quanto os de qualquer outra pessoa.

Em novembro de 2017, o site russo RT publicou um ensaio de Surkov que apresentava argumentos inspirados em Derrida sobre a imprecisão da linguagem — e a lacuna que existe entre uma palavra e o seu significado — para sugerir que as noções ocidentais de veracidade e transparência são ingênuas e simplórias. Malicioso e complexo na mesma medida, o texto é uma personificação da visão transacional de Surkov sobre o mundo, privilegiando a ironia no lugar da sinceridade e a astúcia e a perspicácia no lugar da seriedade, enquanto faz citações a nomes da cultura pop — como a banda de heavy metal Five Finger Death Punch (Surkov cita a letra de “Wash It All Away”, concordando com o que ela diz).²⁴

O ensaio de Surkov termina com um relato apocalíptico sobre como o Império Romano substituiu a República Romana, dando a entender que a república fracassou porque se viu emaranhada no seu próprio “sistema sofisticado de separação dos poderes” e precisou “da ajuda de uma simples linha vertical imperial”. De forma agourenta, insinua que os Estados Unidos também estão apenas esperando para serem resgatados do caos crescente por “uma mão forte”. Um argumento que dialoga com o pensamento de uma filosofia antidemocrática de direita dos Estados Unidos conhecida como “neoreaction” ou “NRx”, que reúne pessoas a favor da ascensão de um líder que administraria o país como uma espécie de CEO sem restrições.²⁵

Surkov escreveu em seu ensaio na RT: “O rei do Ocidente, o fundador da ditadura digital, o líder com inteligência semiartificial já foi previsto pelas histórias em quadrinhos. Por que essas histórias não se tornam realidade?”

* No original, “twittering”, que no contexto atual pode ser compreendido como uma alusão à rede social Twitter. (N.T.)

9

A FELICIDADE DOS TROLLS COM A DESGRAÇA ALHEIA

“Introduza um pouco de anarquia.
Perturbe a ordem vigente, e tudo se torna o caos.
Eu sou um agente do caos.”
— Coringa, em “Batman: O Cavaleiro das Trevas”

Embora Surkov pareça decidido a exportar o niilismo russo para o Ocidente, junto com princípios antidemocráticos e um desprezo pela verdade, os Estados Unidos têm lutado contra o seu próprio cinismo crescente. Impulsionado pela desconfiança e pelos estímulos que vinham da extrema direita, esse cinismo estava começando a se consolidar como uma espécie de niilismo doméstico nas primeiras décadas do século XXI. Isso foi, em parte, consequência da desilusão com um sistema político grotescamente disfuncional que opera na base do embate partidário, adicionado a um sentimento de estranhamento em um mundo que sofre com a mudança tecnológica, a globalização e o excesso de informações. Também foi reflexo da perda de esperança da classe média de que o sonho norte-americano — uma casa de valor acessível, uma educação decente e um futuro mais promissor para seus filhos — seria alcançável nos Estados Unidos depois da crise de 2008. Enquanto os bancos grandes-demais-para-falir pagaram um preço muito baixo pela crise de 2008, a maioria dos trabalhadores ainda estava tentando compensar o que perdeu. A desigualdade de renda estava crescendo, o custo da educação universitária havia aumentado exponencialmente e a moradia a preços acessíveis estava fora de alcance.

Essa é uma mentalidade que tornou muitos eleitores suscetíveis aos ataques de Trump ao status quo e fez com que alguns tentassem racionalizar de modo rudimentar suas políticas transacionais e sua falta de vergonha: por que ficar chateado com suas mentiras, se todos os políticos mentem? Por que ficar chateado por ele se vender, quando o que vale é a lei da selva? Quanto a isso, Donald Trump é tanto um sintoma de seu tempo quanto um perigoso catalisador. Ele quebrou a maior parte de suas promessas com um entusiasmo espantoso que só serviu para aumentar o cinismo de muitas pessoas: um clima que não é propício para o engajamento cívico e que, ironicamente, alimenta os ataques de Trump aos nossos ideais e nossas instituições.

Como seus próprios livros deixam claro, Trump é completamente desprovido de empatia, e sempre teve uma visão de mundo em que é cada um por si: matar ou ser morto, e sempre se dar bem. É uma visão terrivelmente sombria, moldada por seu pai dominador, Fred, que lhe fez enxergar o mundo a partir de uma lógica do olho por olho, dente por dente; e pelo seu primeiro mentor, Roy Cohn, que lhe deu o seguinte conselho: quando estiver em apuros: “Ataque, ataque, ataque.”¹

“O mundo é um lugar horrível”, declarou Trump em seu livro *Think Big*. “Os leões matam por comida, mas as pessoas matam por esporte.” E: “A mesma ganância ardente que faz as pessoas saquearem, matarem e roubarem em situações de emergência, como incêndios e enchentes, opera diariamente nas pessoas comuns. Ela se esconde debaixo da superfície e, quando você menos espera, levanta sua cabeça tenebrosa e morde você. Aceite. O mundo é um lugar brutal. As pessoas vão aniquilar você por pura diversão ou para se exibir para os amigos.”²

Trump se define em grande parte através das pessoas e instituições que ataca (Hillary Clinton, Barack Obama, James Comey, a imprensa, as agências de inteligência, o FBI, o judiciário, qualquer um que ele perceba como rival ou ameaça) e sempre parece à procura de um inimigo ou um bode expiatório, insultando imigrantes, muçulmanos, mulheres e afro-americanos. Por conta disso, grande parte de sua pauta é dominada pela negatividade, pela necessidade de desfazer o legado do presidente Obama — incluindo a saúde pública e a proteção ambiental — e dismantelar a ampla rede de segurança e a proteção às liberdades civis implementadas desde que Lyndon B. Johnson lançou a “Grande Sociedade” em meados da década de 1960. “Make America Great Again” significa voltar no tempo para os anos 1950, antes do movimento pelos direitos civis, do movimento feminista, dos direitos LGBT, do Black Lives Matter.

Mas Trump não está sozinho em sua negatividade e niilismo. Muitos republicanos no Congresso também abandonaram a razão, o bom senso e o processo deliberativo de formulação de políticas. Alguns reconheceram espontaneamente ter votado a favor do pacote fiscal por causa de seus grandes financiadores. O deputado Chris Collins disse: “Meus financiadores estão praticamente me dizendo ‘faça isso ou nunca mais me ligue de novo’.”³ O Congresso fracassou repetidas vezes na reforma das políticas de imigração e vem se negando a interferir no controle de armas ano após ano, tragédia após tragédia.

Quando se trata de lidar com o presidente Trump, muitos desses mesmos republicanos simplesmente ignoram suas múltiplas mentiras; sua nomeação de indivíduos lamentavelmente desqualificados para cargos importantes do governo; a deterioração arbitrária e arrogante de décadas de políticas interna e externa; suas decisões imprudentes (que muitas vezes parecem emergir, para usar as palavras de Pynchon em *O arco-íris da gravidade*, de “um caos de ofensas, caprichos, alucinações e babaquices generalizadas”).⁴ Eles podem

até confidenciar suas preocupações sobre a competência ou sensatez de Trump para os repórteres — em *off*, é claro —, mas não diriam isso em público por medo de arriscar sua posição na base de aliados do presidente. Esse tipo de partidarismo cínico serve apenas para transformar o desgosto dos eleitores com o governo em uma profecia autorrealizável.

* * *

O NILISMO EM Washington é, ao mesmo tempo, causa e consequência de sentimentos mais difundidos: o reflexo de uma perda crescente da fé nas instituições e do respeito tanto pelo Estado de direito como pelas normas e tradições cotidianas; e um indício da nossa perda de civilidade, da nossa crescente incapacidade de debater respeitosamente com pessoas que possuam opiniões diferentes das nossas; da nossa crescente relutância em dar aos outros o benefício da dúvida, o perdão para um erro inocente e a gentileza de ouvi-las.

É uma sensação de que a vida é aleatória e desprovida de sentido combinada a uma enorme negligência em relação às consequências. Pense nos Buchana em *O grande Gatsby*: “Tom e Daisy eram pessoas negligentes — destruíam coisas e seres e depois voltavam para o seu dinheiro ou para a sua enorme negligência, ou fosse lá o que os mantinha juntos, e deixavam outras pessoas limparem a bagunça que haviam feito.”⁵

E isso se reflete na popularidade cult de *Clube da Luta* e dos romances deliberadamente repulsivos de Michel Houellebecq; e o sucesso comercial de brilhantes obras sombrias como *Onde os fracos não têm vez*, de Cormac McCarthy, e a série da HBO *True Detective*, de Nic Pizzolatto.

O novo niilismo é o WikiLeaks fracassando em retirar os nomes de civis afegãos, que podem ter tido contato com tropas dos Estados Unidos, de documentos secretos norte-americanos tornados públicos — um descuido que poderia ter “consequências mortais” para essas pessoas, de acordo com o alerta de grupos de direitos humanos como a Anistia Internacional.⁶

O novo niilismo são pessoas ganhando dinheiro criando *fake news* — com ganhos estimados em mais de 10 mil dólares por mês, obtidos por meio de anúncios on-line.⁷ A NPR [National Public Radio] relatou que uma matéria totalmente fictícia com a manchete “Agente do FBI suspeito de vazar e-mails de Hillary é encontrado morto em suposto suicídio” foi compartilhada no Facebook mais de meio milhão de vezes e foi criada por uma empresa da

Califórnia chamada Disinfomedia, que coordena vários sites de *fake news*. O fundador da Disinfomedia, identificado pela NPR como Jestin Coler, afirmou que começou a empresa para mostrar como as *fake news* se espalham facilmente e passou a gostar do “jogo”. Também disse que ele e seus redatores “tentaram fazer coisas semelhantes para os liberais”, mas esses esforços não produziram conteúdos de disseminação viral, como acontece com as matérias destinadas aos apoiadores de Trump.

O novo niilismo é Michael Anton — que se tornou um alto funcionário da segurança nacional na administração Trump —, ao escrever um artigo (sob o pseudônimo de Publius Decius Mus) intitulado “The Flight 93 Election”, no qual comparou a difícil situação dos eleitores em 2016 com a dos passageiros do avião que caiu no 11 de Setembro, e comparou o voto em Trump com uma invasão na cabine dos pilotos: “Invada a cabine dos pilotos ou você morre”, escreveu ele. “Talvez você morra do mesmo jeito. Você — ou o líder do seu partido — pode entrar na cabine e não saber pilotar ou pousar o avião. Não há garantias. Exceto uma: se você não tentar, a morte é certa.”⁸

O novo niilismo se manifesta em atos grotescos de crueldade, como atormentar os pais das crianças assassinadas em Sandy Hook, que, ainda em luto, foram acusados de espalharem boatos — e ataques similares aos alunos que sobreviveram ao massacre na escola de Parkland.⁹ Diante de ataques tão doentios, não é nenhuma surpresa que uma das expressões mais populares na era de Trump seja “usar como arma” — usar a ironia como arma, usar o medo como arma, usar os memes como armas, usar mentiras como armas, usar o código tributário como arma.

Os comentários mais chocantes de cunho racista, sexista e perversamente cruéis vêm das redes sociais (muitas vezes acompanhados de uma piscadela ou de um sorriso de sarcasmo). Quando repreendidos, os autores frequentemente respondem que estavam apenas brincando — do mesmo jeito que os assessores da Casa Branca dizem que Trump estava apenas brincando ou que foi mal interpretado quando faz comentários ofensivos. Em uma conferência da direita alternativa em novembro de 2016, o supremacista branco Richard Spencer terminou seu discurso gritando “Hail Trump! Hail nosso povo! Hail a vitória!”. Quando questionado sobre a saudação nazista, Spencer respondeu que foi “feita claramente em um senso de ironia e exuberância”.¹⁰

Como as pesquisadoras Alice Marwick e Rebecca Lewis sugerem no estudo “Media Manipulation and Disinformation Online”, o fascismo irônico

pode se tornar uma espécie de droga de entrada, que leva à versão que não contém ironia: “Um *troll* do 4chan pode ficar mais receptivo a reivindicações sérias da supremacia branca depois de usar insultos étnicos ‘ironicamente’ por dois ou três meses.”¹¹

De fato, o *The Huffington Post* noticiou que o site neonazista *The Daily Stormer* (que visa “espalhar a mensagem do nacionalismo e do antissemitismo para as massas”) tem um guia de estilo para redatores. Ele oferece sugestões como “sempre culpe os judeus por tudo”, contém listas oficiais de insultos raciais e contém esta dica sobre o uso do humor: “O tom do site deve ser leve.”¹²

“Os não doutrinados não devem saber se estamos brincando ou não”, aconselha o autor do guia de estilo. “Também deve haver um deboche consciente e deliberado de estereótipos de racistas odiosos. Eu costumo encarar isso como humor autodepreciativo — eu sou um racista tirando sarro dos estereótipos de racistas, porque não me levo super a sério. Óbvio que isso é apenas um despiste, e o que eu realmente quero é matar judeus na câmara de gás. Mas isso não vai estar escrito nem aqui e nem lá.”

* * *

TRUMP, CLARO, é um *troll* — tanto pelo temperamento quanto pelo hábito. Seus tuítes e provocações desajeitadas são a essência da “trolagem” — as mentiras, o escárnio, os insultos, as afrontas, e as diatribes raivosas sem pé nem cabeça de um adolescente irritado, aflito, isolado e profundamente egoísta, que vive numa bolha autocentrada e recebe a atenção que deseja atacando seus inimigos e criando ondas de indignação e desalento por onde passa. Mesmo como presidente, ele continua a “trolar” indivíduos e instituições, tuitando e retuitando insultos, *fake news* e insinuações traiçoeiras.¹³ Na véspera do Natal de 2017, ele retuitou uma imagem mostrando uma mancha de sangue com o logo da CNN na sola de seu sapato, mais uma vez para difamar a imprensa. Quando outro usuário do Twitter o chamou de “o maior *troll* de todo o Twitter” em 2013, Trump respondeu: “Que grande elogio!”.

No revelador livro de 2017 *Devil’s Bargain*, o repórter Joshua Green relatou que, na esteira do Gamergate, Steve Bannon recrutou vários jogadores — homens jovens, solitários, na maioria brancos — para o Breitbart. Embora muitos não estivessem particular e ideologicamente inclinados a colaborar, estavam ansiosos para atacar o *establishment* e viam Trump como alguém

que compartilhava dos mesmos princípios.¹⁴ Green escreveu que “o próprio Trump ajudaria a consolidar essa aliança dentro da direita alternativa, retuitando imagens de Pepe, o Sapo, e recados ocasionais — sempre inadvertidamente, insistia sua equipe — de contas no Twitter de nacionalistas brancos”.

Alguns *trolls* empregaram argumentos relativistas para insistir na ideia de que a disseminação de fatos alternativos simplesmente adiciona uma voz à conversa, de que não existem mais verdades objetivas, apenas percepções e enredos diferentes. Claramente estão usando argumentos pós-modernos de forma desonesta, mas suas afirmações não são mais dissimuladas do que os esforços dos defensores de Paul de Man para explicar seu antissemitismo usando o desconstrucionismo de modo a argumentar que os artigos que ele escreveu para uma publicação pró-nazista na década de 1940 não significavam o que pareciam significar.

O desconstrucionismo é, na verdade, profundamente niilista, o que invalida os esforços de jornalistas e historiadores de averiguar as melhores verdades disponíveis por meio da apuração cuidadosa e da ponderação das evidências. Ele sugere que a razão é um valor ultrapassado, que a linguagem não é uma ferramenta de comunicação, mas uma interface instável e enganosa que está constantemente subvertendo a si mesma. Os defensores da desconstrução acreditam que a intenção de um autor não confere significado a um texto (acreditam que isso cabe ao leitor/espectador/destinatário), e muitos pós-modernistas chegam a sugerir que o conceito de responsabilidade individual é superestimado, como diz o acadêmico Christopher Butler, sugerindo a existência de uma “crença muito romanceada e burguesa na importância da ação humana individual em vez de uma atribuição às estruturas econômicas subjacentes”.¹⁵

Na década de 1960, quando o Pós-modernismo decolou na Europa e nos Estados Unidos, era uma doutrina antiautoritária que propunha a derrubada de todas as antigas tradições humanistas. À medida que seus princípios de ironia, constrangimento e sarcasmo foram se infiltrando na cultura popular, o Pós-modernismo passou a ser visto, como David Foster Wallace observou no início dos anos 1990, como um antídoto para a hipocrisia e a presunção dos anos 1950, do mundo do programa *Leave It to Beaver* — um jeito “bad boy” de destruir as velhas crenças e convenções numa época em que o mundo parecia cada vez mais absurdo.¹⁶ Podemos acrescentar que o Pós-modernismo também deu origem a uma arte genuinamente inovadora e

ousada como, por exemplo, *Graça infinita*, do próprio Wallace.

Em um longo ensaio sobre a cultura contemporânea, Wallace argumentou que, embora a ironia pós-moderna fosse um instrumento poderoso para destruir as coisas, o Pós-modernismo em si era essencialmente “uma teoria crítica e destrutiva” — boa para promover uma limpeza de terreno, todavia excepcionalmente “inútil quando se trata de construir qualquer coisa para tomar o lugar das hipocrisias que desmascara”. Ele afirmou que essa disseminação do cinismo tornou os escritores reticentes à sinceridade e a “valores antigos como originalidade, profundidade e integridade”; protegeu “do escárnio o colecionador de escárnios”, ao mesmo tempo que felicitou “o patrono do escárnio por se colocar acima da massa de pessoas que ainda se apegam a pretensões antiquadas”. Essa atitude do “eu não quero dizer exatamente o que eu digo” seria adotada pelos *trolls* da direita alternativa, que queriam fingir que não eram extremistas de verdade — estavam apenas fazendo piada.

Duas das celebridades em que Wallace se baseou, em 1993, como símbolos dos efeitos nocivos da ironia pós-moderna podem ser vistas agora, em retrospecto, como precursoras de Trump. A primeira foi Joe Isuzu, estrela dos comédicos comerciais dos carros Isuzu da década de 1980 — “um vendedor de aparência satânica e dissimulado”, nas palavras de Wallace, que “falava barbaridades sobre o estofamento de couro de lhama legítimo dos carros e a capacidade do motor de funcionar com água da torneira” —, uma paródia de um vendedor desonesto que convidava os telespectadores a “se parabenizarem por entender a piada”. Joe Isuzu gostava de dizer “Te dou a minha palavra!”, enquanto um aviso silencioso de “ele está mentindo” aparecia junto à imagem.¹⁷ Uma segunda celebridade que Wallace usou como símbolo da ironia pós-moderna dos anos 1990 foi Rush Limbaugh, a quem descreveu como a personificação daquele “tipo de ódio que dá uma piscadela, cutuca você e faz de conta que é tudo uma brincadeira”.

Wallace argumentou que o legado do Pós-modernismo, deixado a contagotas para as futuras gerações, foram “o sarcasmo, o cinismo, um tédio maníaco, uma desconfiança de toda autoridade e de todas as regras de conduta, e uma terrível propensão ao diagnóstico irônico do que é desagradável, em vez de uma ambição não apenas para diagnosticar e ridicularizar, como também para redimir. É preciso entender que essa coisa se infiltrou na cultura. Tornou-se nossa língua”. “A ironia pós-moderna se tornou nosso ambiente.” A água na qual estamos imersos.

EPÍLOGO

Em seu livro certeiro *Amusing Ourselves to Death*, de 1985, Neil Postman argumentou que “as distrações tecnológicas que foram possíveis graças à tomada” estavam alterando para sempre nosso discurso cultural, tornando-o mais trivial, mais inconsequente e transformando a informação transmitida em “simplista, não substantiva, não histórica e não contextual; ou seja, informação disfarçada de entretenimento”.¹

Postman escreveu que “nossos padres e presidentes, nossos cirurgiões e advogados, nossos educadores e jornalistas precisam se preocupar cada vez mais em satisfazer as exigências de serem bons apresentadores do que as exigências de seus próprios ofícios”.²

Por “tomada”, Postman se referia à televisão, mas suas observações se encaixam ainda melhor na era da internet, na qual o excesso de informações garante que o objeto mais brilhante — a voz mais alta, a opinião mais chocante — seja aquele que prende nossa atenção, recebe mais cliques e gera mais comentários.

Em *Amusing Ourselves to Death*, Postman comparou a visão distópica que Aldous Huxley criou em *Admirável mundo novo* (em que as pessoas levam vidas soporíferas, amortecidas por drogas e entretenimentos frívolos) com a que Orwell descreveu em *1984* (na qual as pessoas vivem sob as regras autocráticas aniquiladoras do Grande Irmão).

“Orwell temia aqueles que nos privariam de informações”, escreveu Postman. “Huxley temia aqueles que nos dariam tantas que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley temia que a verdade naufragasse num mar de irrelevância.”³

Como Postman percebeu, a distopia de Huxley já estava se concretizando no final do século XX. Ele argumenta que, enquanto o medo de Orwell de um Estado totalitário se aplicava à União Soviética, a ameaça às democracias liberais do Ocidente — em 1985, lembre-se — era mais bem representada pelo pesadelo de Huxley de uma população narcotizada demais por “trivialidades expostas” para se envolver, exercendo o papel de cidadãos responsáveis.⁴

As observações de Postman estavam à frente de seu tempo e seriam corroboradas por George Saunders, que, em um ensaio intitulado “The Braindead Megaphone”, de 2007, argumentou que nosso discurso norte-

americano havia sido perigosamente deteriorado por anos de cobertura de O. J. Simpson e Monica Lewinsky. Nossa língua nacional, de acordo com ele, havia sido tão simplificada — tornando-se, ao mesmo tempo, “agressiva, geradora de ansiedade, sentimental, polarizadora” — que “caímos feito patinhos” quando chegou a hora de tentar um debate sério a respeito da invasão do Iraque, e tudo o que tínhamos em nossas mãos era “o kit de ferramentas rudimentares e hiperbólicas que havíamos usado para discutir O. J. etc.”: a baboseira gritada por um sabe-tudo que não sabe nada, a quem ele batizou de Cara do Megafone, berrando no megafone com seu nível de inteligência ajustado em “Estúpido” e seu volume emperrado em “Encubra Todos os Outros”.⁵

No entanto, por mais proféticas que tenham sido as observações de Postman (e por mais que Huxley também tenha sido profético sobre nossa nova era da distração), está claro que ele subestimou a relevância da distopia de Orwell. Ou, quem sabe, *1984* tenha se tornado relevante novamente por conta de Trump e dos ataques que ele e o seu governo cometeram contra o conceito de verdade — algo que os leitores reconheceram, colocando tanto *Amusing Ourselves to Death* quanto *Origens do totalitarismo*, de Hannah Arendt, entre os livros mais vendidos no mês em que Trump prestou seu juramento de posse.⁶

As mentiras de Trump, seus esforços para redefinir a realidade, a violação de normas, regras e tradições, sua normalização do discurso do ódio, seus ataques à imprensa, ao judiciário, ao sistema eleitoral — tudo isso levou a Freedom House, uma ONG que fiscaliza a democracia, a advertir que o primeiro ano do governo Trump produziu “uma deterioração mais forte e mais rápida dos padrões democráticos norte-americanos do que em qualquer outro momento que se tenha registro”;⁷ e todos esses são motivos pelos quais o retrato feito por Orwell de um Estado autoritário, no qual o Grande Irmão tenta controlar todas as narrativas e definir o presente e o passado, é novamente relevante.

* * *

TRUMP MUITAS VEZES parece personificar diversas fábulas de Esopo numa pessoa só — com morais da história bem fáceis de decifrar, como “aqueles que se deitam com cães se levantarão com pulgas” ou “quando alguém lhe diz quem ele é, acredite nele” —, mas como é o presidente dos Estados Unidos, suas ações

não terminam simplesmente com uma frase de efeito moral. Em vez disso, elas se projetam para o exterior como um tsunami tóxico, causando estragos na vida de milhões de pessoas. Quando ele tiver deixado o cargo, terá causado às instituições norte-americanas e à política externa do país um dano que levará anos para ser reparado. E visto que sua eleição foi reflexo de uma dinâmica maior em curso na sociedade — da crescente polarização na política à profusão de *fake news* nas redes sociais, passando pelo nosso isolamento em bolhas —, sua saída de cena não vai garantir que a verdade esteja sã e salva, pelo menos não de imediato.

Philip Roth disse que nunca poderia ter imaginado que “a catástrofe do século XXI a se abater sobre os Estados Unidos, a mais aviltante das catástrofes”, apareceria na “figura ridiculamente abominável de um bufão prepotente da *commedia dell’arte*”.⁸ O ridículo de Trump, sua capacidade narcisista de trazer o foco de tudo para si mesmo, o ultraje de suas mentiras e a profundidade de sua ignorância podem facilmente desviar a atenção das implicações mais duradouras de sua história: como os republicanos no Congresso o chancelaram facilmente, minando todo o conceito de separação dos poderes estabelecido pelos fundadores dos Estados Unidos; como um terço do país aceitou passivamente seus ataques à Constituição; como a desinformação russa facilmente se enraizou numa cultura em que o ensino de história e do civismo está seriamente atrofiado.

* * *

O DISCURSO DE despedida de George Washington, em 1796, foi assustadoramente pressagioso sobre os perigos que os Estados Unidos enfrentam agora. Washington declarou que, para proteger o próprio futuro, o jovem país deveria proteger sua Constituição e permanecer alerta sobre esforços para sabotar a separação e o equilíbrio dos poderes vindos de dentro do governo que ele e outros fundadores haviam criado com tanto cuidado.

Washington advertiu sobre a ascensão de “homens astutos, ambiciosos e sem princípios” que poderiam tentar “subverter o poder do povo” e “usurpar para si mesmos as rédeas do governo, destruindo em seguida os motores que os levaram ao domínio injustificado”.

Ele alertou sobre “as artimanhas insidiosas de influência estrangeira” e os perigos dos “cidadãos ambiciosos, corruptos ou iludidos” que poderiam se aliar à nação estrangeira de sua preferência para “trair ou sacrificar os interesses” dos Estados Unidos.

E, finalmente, George Washington apontou os “problemas perpétuos do senso de partido”, uma vez que os partidos tenderiam a gerar conflitos por meio de “inveja infundada e alarmes falsos”; e sobre os perigos que esse sectarismo (Oriente versus Ocidente, Norte versus Sul, Estado versus União) pode representar para a unidade do país. Os cidadãos, disse ele, deveriam franzir a testa com indignação “ao menor sinal de uma tentativa de alienar qualquer parte de nosso país do restante, ou de enfraquecer os laços sagrados que agora unem suas várias regiões”.⁹

A geração que fundou os Estados Unidos falava com frequência sobre o “bem comum”. George Washington lembrou os cidadãos sobre as “preocupações comuns” e os “interesses comuns” que compartilhavam e sobre a “causa comum” pela qual todos haviam lutado na Revolução. Thomas Jefferson falou em seu discurso de posse sobre o jovem país que estava se unindo “em esforços comuns para o bem comum”.¹⁰ Um propósito comum e um senso comum de realidade tinham importância porque agregavam os diferentes estados e regiões, e eles continuam a ser essenciais para a condução de um debate nacional. Especialmente hoje em dia, num país em que o presidente Trump e *trolls* russos e da direita alternativa trabalham para incitar o sectarismo sobre o qual Washington nos alertou, tentando aprofundar as divisões acerca de questões raciais, étnicas e religiosas, entre estados republicanos e estados democratas, entre os pequenos vilarejos e as grandes metrópoles.

Não existe uma solução fácil, mas é essencial que os cidadãos questionem o cinismo e a resignação dos quais os autocratas e os políticos sedentos por poder dependem para subverter a resistência. Os inspiradores estudantes que sobreviveram ao massacre de Parkland, na Flórida, fizeram exatamente isso, rejeitando o fatalismo de muitos dos mais velhos — ao transformarem seu luto em ação, estão mudando o diálogo nacional e liderando a investida para que sejam tomadas medidas reais para o controle de armas, que poderiam ajudar a evitar que outros sofram o terror e as perdas pelos quais eles passaram.

Ao mesmo tempo, os cidadãos devem vigiar — e proteger — as instituições que os fundadores criaram para serem os pilares da democracia: os três poderes do governo — executivo, legislativo e judiciário —, destinados a servir de “fiscalizadores recíprocos”, nas palavras de George Washington, uns dos outros.¹¹ E as duas outras pedras angulares da democracia planejada pelos fundadores seriam cruciais para criar um público

informado, capaz de escolher seus líderes com sabedoria: educação e uma imprensa livre e independente.

Thomas Jefferson escreveu que, como a jovem república estava baseada na proposição “de que o homem pode ser governado pela razão e pela verdade”, nosso “objetivo primordial deveria ser deixar abertos todos os caminhos que levem à verdade. Até agora, o mais eficaz dos caminhos tem sido a liberdade de imprensa. Justamente por isso, é a primeira a ser calada por aqueles que temem a investigação de suas ações”.

“Por isso”, continuou Thomas Jefferson, “tenho certeza de que abrir as portas da verdade e fortalecer o hábito de analisar tudo sob a luz da razão são as melhores algemas que podemos prender às mãos de nossos sucessores para evitar que eles algemem o povo com seu próprio consentimento”.¹²

De maneira um pouco mais sucinta, James Madison coloca da seguinte forma: “Um governo popular, sem informação popular ou sem meios para alcançar isso, é apenas um prólogo de uma farsa ou de uma tragédia; ou talvez ambos.”¹³ Sem fatos consensuais — não fatos republicanos nem fatos democráticos; não os fatos alternativos do mundo repleto de bolhas de hoje —, não há a possibilidade de um debate racional sobre políticas, nem meios substanciais para avaliar candidatos a cargos políticos ou para exigir que governantes eleitos tenham que prestar contas ao povo. Sem verdade, a democracia é tolhida. Os fundadores dos Estados Unidos reconheciam isso, e aqueles a favor da sobrevivência da democracia deveriam reconhecer o mesmo hoje.

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
2. Margaret Atwood, “My Hero: George Orwell”, *The Guardian*, 18 de janeiro de 2013, <https://www.theguardian.com/books/2013/jan/18/my-hero-george-orwell-atwood>.
3. Hannah Arendt, “A mentira na política”, *Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
4. Jennifer Kavanagh e Michael D. Rich, *Truth Decay: An Initial Exploration of the Diminishing Role of Facts and Analysis in American Public Life*. Santa Mônica: Rand Corporation, 2018, https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR2314.html.
5. Glenn Kessler e Meg Kelly, “President Trump Made 2,140 False or Misleading Claims in His First Year”, *The Washington Post*, 20 de janeiro de 2018, <https://www.washingtonpost.com/news/fact-checker/wp/2018/01/20/president-trump-made-2140-false-or-misleading-claims-in-his-first-year>.
6. Anoosh Chakelian, “Boris Johnson Resurrects the Leave Campaign’s £350m for NHS Fantasy”, *New Statesman*, 16 de setembro de 2017, <https://www.newstatesman.com/politics/uk/2017/09/boris-johnson-resurrects-leave-campaign-s-350m-nhs-fantasy>.
7. Papa Francisco, “Message of His Holiness Pope Francis for World Communications Day”, 24 de janeiro de 2018, http://w2.vatican.va/content/francesco/en/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html.
8. Jessica Estepa e Gregory Korte, “Obama Tells David Letterman: People No Longer Agree on What Facts Are”, *USA Today*, 12 de janeiro de 2018, <https://www.usatoday.com/story/news/politics/onpolitics/2018/01/12/obama-weighs/1027893001>.
9. “Read Sen. Jeff Flake’s Speech Criticizing Trump”, *CNN Politics*, 17 de janeiro de 2018, <https://edition.cnn.com/2018/01/17/politics/jeff-flake-speech/index.html>.
10. Philip Bump, “Assessing a Clinton Argument That the Media Helped to Elect Trump”, *The Washington Post*, 12 de setembro de 2017, https://www.washingtonpost.com/news/politics/wp/2017/09/12/assessing-a-clinton-argument-that-the-media-helped-to-elect-trump/?utm_term=.166de564fd1f.
11. Maggie Haberman, Glenn Thrush e Peter Baker, “Inside Trump’s Hour-by-Hour Battle for Self-Preservation”, *The New York Times*, 9 de dezembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/12/09/us/politics/donald-trump-president.html>.
12. David Barstow, “Donald Trump’s Deals Rely on Being Creative with the Truth”, *The New York Times*, 16 de julho de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/07/17/us/politics/donald-trump-business.html>.
13. “An American Original”, *Vanity Fair*, novembro de 2010, <https://www.vanityfair.com/news/2010/11/moynihanletters-201011>.
14. Sally Q. Yates, “Who Are We as a Country? Time to Decide”, *USA Today*, 19 de dezembro de 2017, <https://www.usatoday.com/story/opinion/2017/12/19/what-kind-country-we-speak-out-core-american-values-sally-q-yates-column/951828001>.

1. O DECLÍNIO E A QUEDA DA RAZÃO

1. Propaganda da CNN, https://www.youtube.com/watch?v=IxxuIPcQ9_I.
2. Abraham Lincoln, “The Perpetuation of Our Political Institutions”, Discurso para o Young Men’s Lyceum de Springfield, Illinois, 27 de janeiro de 1838, <http://www.abrahamlincolnonline.org/lincoln/speeches/lyceum.htm>.
3. Alexander Hamilton, “Objections and Answers Respecting the Administration of the Government”, 18 de agosto de 1792, <http://wwwFOUNDERS.archives.gov>.
4. Martin Luther King Jr., “Stride Toward Freedom”, *A Testament of Hope: The Essential Writings and Speeches of Martin Luther King Jr.* São Francisco: HarperCollins, 1991, 472.
5. Barack Obama, “What I See in Lincoln’s Eyes”, CNN, 28 de junho de 2005, <http://edition.cnn.com/2005/POLITICS/06/28/obama.lincoln.tm>.
6. George Washington, Discurso de posse, 30 de abril de 1789, <http://www.archives.gov>.
7. Philip Roth, *Pastoral americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
8. Richard Hofstadter, *The Paranoid Style in American Politics, and Other Essays*, 1965; Nova York: Vintage, 2008, 3.
9. Ibid., 4
10. “McCarthy-Welch Exchange”, 9 de junho de 1954, <http://www.americanrhetoric.com/speeches/welch-mccarthy.html>.
11. Telegrama de McCarthy para Truman, 11 de fevereiro de 1950, <https://www.archives.gov/education/lessons/mccarthy-telegram>.
12. Richard Hofstadter, op. cit., 39.
13. *Encyclopaedia Britannica* s.v. “Know Nothing party”, <http://www.britannica.com>.
14. Richard Hofstadter, op. cit., loc. cit.
15. Ishaan Tharoor, “Geert Wilders and the Mainstreaming of White Nationalism”, *The Washington Post*, 14 de março de 2017, https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/03/14/geert-wilders-and-the-mainstreaming-of-white-nationalism/?utm_term=.0ee5c5a92b11; Elisabeth Zerofsky, “Europe’s Populists Prepare for a Nationalist Spring”, *The New Yorker*, 25 de janeiro de 2017, <https://www.newyorker.com/news/news-desk/europes-populists-prepare-for-a-nationalist-spring>; Jason Horowitz, “Italy’s Populists Turn Up the Heat as Anti-Migrant Anger Boils”, *The New York Times*, 5 de fevereiro de 2018, <https://www.nytimes.com/2018/02/05/world/europe/italy-election-northern-league-populists-migrants.html>.
16. Ed Ballard, “Terror, Brexit, and U.S. Election Have Made 2016 the Year of Yeats”, *The Wall Street Journal*, 23 de agosto de 2016, <https://www.wsj.com/articles/terror-brexit-and-u-s-election-have-made-2016-the-year-of-yeats-1471970174>.
17. William Butler Yeats, “A segunda vinda”, *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
18. “Tea Party Movement Is Full of Conspiracy Theories”, *Newsweek*, 8 de fevereiro de 2010, <http://www.newsweek.com/tea-party-movement-full-conspiracy-theories-75153>.
19. Ariel Malka e Yphtach Lelkes, “In a New Poll, Half of Republicans Say They Would Support Postponing 2020 Election If Trump Proposed It”, *The Washington Post*, 10 de agosto de 2017, https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/08/10/in-a-new-poll-half-of-republicans-say-they-would-support-postponing-the-2020-election-if-trump-proposed-it/?utm_term=.efed62eb7527.
20. Melissa Healy, “It’s More Than the ‘Rigged’ Election: Voters Across the Political Spectrum Believe in Conspiracy Theories”, *Los Angeles Times*, 3 de novembro de 2016, <http://www.latimes.com/science/sciencenow/la-sci-sn-trump-conspiracy-theories-20161103-story.html>; Shankar Vedantam, “More Americans Than You Might Think Believe In Conspiracy

- Theories”, *NPR*, 4 de junho de 2014, <https://www.npr.org/2014/06/04/318733298/more-americans-than-you-might-think-believe-in-conspiracy-theories>.
21. Eric Bradner, “Trump Praises 9/11 Truther’s ‘Amazing’ Reputation”, *CNN Politics*, 2 de dezembro de 2015, <https://www.cnn.com/2015/12/02/politics/donald-trump-praises-9-11-truther-alex-jones/index.html>.
 22. Maggie Haberman, Michael D. Shear e Glenn Thrush, “Stephen Bannon Out at the White House After Turbulent Run”, *The New York Times*, 18 de agosto de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/08/18/us/politics/steve-bannon-trump-white-house.html>.
 23. Maggie Haberman, Glenn Thrush e Peter Baker, “Inside Trump’s Hour-by-Hour Battle for Self-Preservation”, *The New York Times*, 9 de dezembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/12/09/us/politics/donald-trump-president.html>.
 24. Greg Miller, Greg Jaffe e Philip Rucker, “Doubting the Intelligence, Trump Pursues Putin and Leaves a Russian Threat Unchecked”, *The Washington Post*, 14 de dezembro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/graphics/2017/world/national-security/donald-trump-pursues-vladimir-putin-russian-election-hacking>; Carol D. Leonnig, Shane Harris e Greg Jaffe, “Breaking with Tradition, Trump Skips President’s Written Intelligence Report and Relies on Oral Briefings”, *The Washington Post*, 9 de fevereiro de 2018, https://www.washingtonpost.com/politics/breaking-with-tradition-trump-skips-presidents-written-intelligence-report-for-oral-briefings/2018/02/09/b7ba569e-0c52-11e8-95a5-c396801049ef_story.html?utm_term=.b9a7581edf78.
 25. Charlie Warzel e Lam Thuy Vo, “Here’s Where Donald Trump Gets His News”, *BuzzFeed*, 3 de dezembro de 2016, https://www.buzzfeed.com/charliewarzel/trumps-information-universe?utm_term=.ug4yag6zD#.hyqEyvZ6z; Dean Obeidallah, “Trump Talks Judgment, Then Cites National Enquirer”, *CNN*, 4 de maio de 2016, <https://edition.cnn.com/2016/05/03/opinions/trump-talks-judgment-national-enquirer-rafael-cruz-opinion-obeidallah/index.html>.
 26. Maggie Haberman, Glenn Thrush e Peter Baker. *Ibid.*
 27. Alex Thompson, “Trump Gets a Folder Full of Positive News About Himself Twice a Day”, *Vice News*, 9 de agosto de 2017, https://news.vice.com/en_ca/article/zmygpe/trump-folder-positive-news-white-house.
 28. Benjamin Hart, “Trump on Unfilled State Department Jobs: ‘I Am the Only One That Matters’”, *New York Magazine*, 3 de novembro de 2017, <http://nymag.com/daily/intelligencer/2017/11/trump-on-unfilled-jobs-i-am-the-only-one-who-matters.html>; Bill Chappell, “‘I’m the Only That Matters’, Trump Says of State Dept. Job Vacancies”, *The Two-Way*, *NPR*, 3 de novembro de 2017, <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2017/11/03/561797675/im-the-only-one-that-matters-trump-says-of-state-dept-job-vacancies>.
 29. Lydia Saad, “Americans Widely Support Tighter Regulations on Gun Sales”, *Gallup*, 17 de outubro de 2017, <http://news.gallup.com/poll/220637/americans-widely-support-tighter-regulations-gun-sales.aspx>.
 30. Max Greenwood, “Poll: Nearly 9 in 10 Want DACA Recipients to Stay in US”, *Hill*, 18 de janeiro de 2018, <http://thehill.com/blogs/blog-briefing-room/news/369487-poll-nearly-nine-in-10-favor-allowing-daca-recipients-to-stay>.
 31. Harper Neidig, “Poll: 83 Percent of Voters Support Keeping FCC’s Net Neutrality Rules”, *Hill*, 12 de dezembro de 2017, <http://thehill.com/policy/technology/364528-poll-83-percent-of-voters-support-keeping-fccs-net-neutrality-rules>; Cecilia Kang, “F.C.C. Repeals Net Neutrality Rules”, *The New York Times*, 14 de dezembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/12/14/technology/net-neutrality-repeal-vote.html>.
 32. Susan Jacoby, *The Age of American Unreason*. Nova York: Pantheon, 2008, 307; Farhad Manjoo, *True Enough: Learning to Live in a Post-fact Society*. Hoboken, N.J.: Wiley, 2008; Andrew Keen, *O culto do amador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
 33. Jacoby, *Ibid.*, xviii.

34. Ibid., 307.
35. Al Gore, *O ataque à razão*. São Paulo: Manole, 2008.
36. Ibid.
37. Michiko Kakutani, “How Feuds and Failures Affected American Intelligence”, *The New York Times*, 18 de junho de 2004, <http://www.nytimes.com/2004/06/18/books/books-of-the-times-how-feuds-and-failures-affected-american-intelligence.html>; id., “All the President’s Books (Minding History’s Whys and Wherefores)”, *The New York Times*, 11 de maio de 2006, <https://www.nytimes.com/2006/05/11/books/11admin.html>; Julian Borger, “The Spies Who Pushed for War”, *The Guardian*, 17 de julho de 2003, <https://www.theguardian.com/world/2003/jul/17/iraq.usa>; Jason Vest e Robert Dreyfuss, “The Lie Factory”, *Mother Jones*, janeiro e fevereiro de 2004, <https://www.motherjones.com/politics/2004/01/lie-factory>; Seymour M. Hersh, “Selective Intelligence”, *The New Yorker*, 12 de maio de 2003, <https://www.newyorker.com/magazine/2003/05/12/selective-intelligence>; Michiko Kakutani, “Controversial Reports Become Accepted Wisdom”, *The New York Times*, 28 de setembro de 2004, <https://www.nytimes.com/2004/09/28/books/controversial-reports-become-accepted-wisdom.html>; Dana Milbank e Claudia Deane, “Hussein Link to 9/11 Lingers in Many Minds”, *The Washington Post*, 6 de setembro de 2003, https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2003/09/06/hussein-link-to-911-lingers-in-many-minds/7cd31079-21d1-42cf-8651-b67e93350fde/?utm_term=.7cebbc921d5d.
38. Michiko Kakutani, “All the President’s Books (Minding History’s Whys and Wherefores)”.
39. Ken Adelman, “Cakewalk in Iraq”, *The Washington Post*, 13 de fevereiro de 2002, https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2002/02/13/cakewalk-in-iraq/cf09301c-c6c4-4f2e-8268-7c93017f5e93/?utm_term=.e8bf7d38caab.
40. Michiko Kakutani, “From Planning to Warfare to Occupation, How Iraq Went Wrong”, *The New York Times*, 25 de julho de 2006, <http://www.nytimes.com/2006/07/25/books/25kaku.html>.
41. Eugene Kiely, “Donald Trump and the Iraq War”, [FactCheck.org](https://www.factcheck.org), 19 de fevereiro de 2016, <https://www.factcheck.org/2016/02/donald-trump-and-the-iraq-war>.
42. Philip Rucker e Robert Costa, “Bannon Vows a Daily Fight for ‘Deconstruction of the Administrative State’”, *The Washington Post*, 23 de fevereiro de 2017, https://www.washingtonpost.com/politics/top-wh-strategist-vows-a-daily-fight-for-deconstruction-of-the-administrative-state/2017/02/23/03f6b8da-f9ea-11e6-bf01-d47f8cf9b643_story.html.
43. Victor Cha, “Giving North Korea a ‘Bloody Nose’ Carries a Huge Risk to Americans”, *The Washington Post*, 30 de janeiro de 2018, https://www.washingtonpost.com/opinions/victor-cha-giving-north-korea-a-bloody-nose-carries-a-huge-risk-to-americans/2018/01/30/43981c94-05f7-11e8-8777-2a059f168dd2_story.html.
44. Bill Chappell, “World’s Regard for U.S. Leadership Hits Record Low in Gallup Poll”, *NPR*, 19 de janeiro de 2018, <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2018/01/19/579153589/worlds-regard-for-u-s-leadership-hits-new-record-low-in-gallup-poll>; Laura Smith-Spark, “US Slumps in Global Leadership Poll after Trump’s 1st Year”, *CNN*, 18 de janeiro de 2018, <https://edition.cnn.com/2018/01/18/world/us-slips-behind-china-in-gallup-global-leadership-poll-intl/index.html>.
45. Michiko Kakutani, “The Cult of the Amateur”, *The New York Times*, 29 de junho de 2007, <https://www.nytimes.com/2007/06/29/books/29book.html>.
46. Tom Nichols, *The Death of Expertise: The Campaign Against Established Knowledge and Why It Matters*. Nova York: Oxford University Press, 2017, 20.
47. Ibid., 11.
48. Carlos Ballesteros, “Trump Is Nominating Unqualified Judges at an Unprecedented Rate”, *Newsweek*, 17 de novembro de 2017, <http://www.newsweek.com/trump-nominating-unqualified-judges-left-and-right-710263>; Paul Waldman, “Donald Trump Has Assembled the Worst Cabinet in

- American History”, *The Plum Line* (blog), *The Washington Post*, 19 de janeiro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/blogs/plum-line/wp/2017/01/19/donald-trump-has-assembled-the-worst-cabinet-in-american-history>; Travis Waldron e Daniel Marans, “Donald Trump’s Cabinet Is On Track to Be the Least Experienced In Modern History”, *The Huffington Post*, 24 de novembro de 2016, https://www.huffpostbrasil.com/entry/donald-trumps-cabinet-is-on-track-to-be-the-least-experienced-in-modern-history_us_5836f133e4b000af95edf18c.
49. Tom DiChristopher, “Trump Once Again Seeks to Slash Funding for Clean Energy in 2019 Budget”, *CNBC*, 31 de janeiro de 2018, <https://www.cnbc.com/2018/01/31/trump-again-seeks-to-slash-funding-for-clean-energy-in-2019-budget.html>.
 50. Brady Dennis, “Scott Pruitt, Longtime Adversary of EPA, Confirmed to Lead the Agency”, *The Washington Post*, 17 de fevereiro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/energy-environment/wp/2017/02/17/scott-pruitt-long-time-adversary-of-epa-confirmed-to-lead-the-agency>; Umair Irfan, “Scott Pruitt Is Slowly Strangling the EPA”, *Vox*, 30 de janeiro de 2018, <https://www.vox.com/energy-and-environment/2018/1/29/16684952/epa-scott-pruitt-director-regulations>.
 51. Alan Rappeport, “C.B.O. Head, Who Prizes Nonpartisanship, Finds Work Under G.O.P. Attack”, *The New York Times*, 19 de junho de 2017; Steven Rattner, “The Boring Little Budget that Trump Hates”, *The New York Times*, 22 de agosto de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/08/22/opinion/trump-cbo-republicans-hate.html>.
 52. Lena H. Sun e Juliet Eilperin, “CDC Gets List of Forbidden Words: Fetus, Transgender, Diversity”, *The Washington Post*, 15 de dezembro de 2017, https://www.washingtonpost.com/national/health-science/cdc-gets-list-of-forbidden-words-fetus-transgender-diversity/2017/12/15/f503837a-e1cf-11e7-89e8-edec16379010_story.html.
 53. George Orwell, 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
 54. Lisa Friedman, “Syria Joins Paris Climate Accord, Leaving Only U.S. Opposed”, *The New York Times*, 7 de novembro de 2007, <https://www.nytimes.com/2017/11/07/climate/syria-joins-paris-agreement.html>.
 55. Id., “Expect Environmental Battles to Be ‘Even More Significant’ in 2018”, *The New York Times*, 5 de janeiro de 2018, <https://www.nytimes.com/2018/01/05/climate/trump-environment-2018.html>.
 56. “President Trump’s War on Science”, *The New York Times*, 9 de setembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/09/09/opinion/sunday/trump-epa-pruitt-science.html>; Tanya Lewis, “A Year of Trump: Science Is a Major Casualty in the New Politics of Disruption”, *Scientific American*, 14 de dezembro de 2017, <https://www.scientificamerican.com/article/a-year-of-trump-science-is-a-major-casualty-in-the-new-politics-of-disruption>; Joel Achenbach e Lena H. Sun, “Trump Budget Seeks Huge Cuts to Science and Medical Research, Disease Prevention”, *The Washington Post*, 23 de maio de 2017, https://www.washingtonpost.com/news/to-your-health/wp/2017/05/22/trump-budget-seeks-huge-cuts-to-disease-prevention-and-medical-research-departments/?utm_term=.009969686e39; Julia Belluz, “The GOP Tax Plan Would Blow a Hole in American Science”, *Vox*, 11 de dezembro de 2017, <https://www.vox.com/science-and-health/2017/12/11/16752016/gop-tax-plan-tuition-waiver>.
 57. Brady Dennis, “Trump Budget Seeks 23 Percent Cut at EPA, Eliminating Dozens of Programs”, *The Washington Post*, 12 de fevereiro de 2018, https://www.washingtonpost.com/news/energy-environment/wp/2018/02/12/trump-budget-seeks-23-percent-cut-at-epa-would-eliminate-dozens-of-programs/?utm_term=.bba8160dc4.
 58. “Marchers Around the World Tell Us Why They’re Taking to the Streets for Science”, *Science*, 13 de abril de 2017, <http://www.sciencemag.org/news/2017/04/marchers-around-world-tell-us-why-theyre-taking-streets-science>.
 59. “How Will Leaving the EU Affect Universities and Research?”, *Brexit Means...*, Podcast, *The Guardian*, 13 de setembro de 2017, <https://www.theguardian.com/education/audio/2017/sep/13/how-will-leaving-the-eu-affect>

[universities-and-research-brexite-means-podcast.](#)

60. "Marchers Around the World Tell Us Why They're Taking to the Streets for Science".

61. Stefan Zweig, *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

62. Ibid.

63. Ibid.

64. Ibid.

65. Ibid.

66. Ibid.

67. Ibid

2. AS NOVAS GUERRAS CULTURAIS

1. David Lehman, *Signs of the Times: Deconstruction and the Fall of Paul de Man*. Nova York: Poseidon Press, 1991, 75. Ver também Michiko Kakutani, “Bending the Truth in a Million Little Ways”, *The New York Times*, 17 de janeiro de 2006, <https://www.nytimes.com/2006/01/17/books/17kaku.html>.
2. David Foster Wallace, “Host: Deep into the Mercenary World of Take-No-Prisoners Political Talk Radio”, *The Atlantic*, abril de 2005, <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2005/04/host/303812>.
3. Stephen Collinson e Jeremy Diamond, “Trump Again at War with ‘Deep State’ Justice Department”, *CNN Politics*, 2 de janeiro de 2018, <https://edition.cnn.com/2018/01/02/politics/president-donald-trump-deep-state/index.html>.
4. Donald J. Trump, “Remarks at a Rally at Waukesha County Expo Center in Waukesha, Wisconsin”, 28 de setembro de 2016; Gerhard Peters e John T. Woolley, *The American Presidency Project*, <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=119201>.
5. Ben Illing, “Trump Ran as a Populist. He’s Governing as an Elitist. He’s Not the First”, *Vox*, 23 de junho de 2017, <https://www.vox.com/2017/6/23/15791432/donald-trump-populism-latin-america-republican-party>.
6. Andrew Marantz, “Trolls for Trump”, *The New Yorker*, 31 de outubro de 2016, <https://www.newyorker.com/magazine/2016/10/31/trolls-for-trump>.
7. Christopher Butler, *Postmodernism*. Nova York: Oxford University Press, 2002, 15.
8. Andrew Hartman, *A War for the Soul of America: A History of the Culture Wars*. Chicago: University of Chicago Press, 2015, 285.
9. Ishaan Tharoor, “Fukuyama’s ‘Future of History’: Is Liberal Democracy Doomed?”, *Time*, 8 de fevereiro de 2012, <http://world.time.com/2012/02/08/fukuyamas-future-of-history-is-liberal-democracy-doomed/>.
10. Freedom House, *Freedom in the World 2017*, <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/freedom-world-2017>.
11. Ishaan Tharoor, “The Man Who Declared the ‘End of History’ Fears for Democracy’s Future”, *The Washington Post*, 9 de fevereiro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/02/09/the-man-who-declared-the-end-of-history-fears-for-democracys-future/>.
12. Jasmine C. Lee e Kevin Quealy, “The 425 People, Places, and Things Donald Trump Has Insulted on Twitter: A Complete List”, *The New York Times*, 3 de janeiro de 2018, <https://www.nytimes.com/interactive/2016/01/28/upshot/donald-trump-twitter-insults.html>.
13. Donie O’Sullivan, “Russian Trolls Created Facebook Events Seen by More Than 300,000 Users”, *CNN*, 26 de janeiro de 2018, <http://money.cnn.com/2018/01/26/media/russia-trolls-facebook-events/index.html>.
14. William J. Barber e Jonathan Wilson-Hartgrove, “Evangelicals Defend Trump’s Alleged Marital Infidelity. But His Infidelity to America Is Worse”, *NBC News*, 30 de janeiro de 2018, <https://www.nbcnews.com/think/opinion/trump-s-white-evangelical-defenders-embody-slaveholder-christianity-ncna842406>.
15. Jennifer Hansler, “Conservative Evangelical Leader: Trump Gets a ‘Mulligan’ on His Behavior”, *CNN*, 23 de janeiro de 2018, <https://edition.cnn.com/2018/01/23/politics/tony-perkins-trump-affairs-mulligan/index.html>.
16. Allan Bloom, *The Closing of American Mind*. Nova York: Simon & Schuster, 1987, 314.
17. Gertrude Himmelfarb, *On Looking into the Abyss: Untimely Thoughts on Culture and Society*. Nova York: Knopf, 1994, 135.

18. Joyce Appleby, Lynn Hunt e Margaret Jacob, *Telling the Truth About History*. Nova York: Norton, 1994, 8.
19. Shawn Otto, *The War on Science: Who's Waging It, Why It Matters, What We Can Do About It*. Minneapolis: Milkwood, 2016, 180-81.
20. Ibid., 177.
21. George Orwell, "Looking Back on the Spanish War", *A Collection of Essays*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 1981, 199.
22. Deborah E. Lipstadt, *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*. Nova York: Free Press, 1993, loc. 19. Edição Kindle. Ver também Michiko Kakutani, "When History Is a Casualty", *The New York Times*, 30 de abril de 1993, <https://www.nytimes.com/1993/04/30/arts/critic-s-notebook-when-history-is-a-casualty.html>.
23. Michiko Kakutani, "The Pro-Nazi Past of a Leading Literary Critic", *The New York Times*, 19 de fevereiro de 1991, <https://www.nytimes.com/1991/02/19/books/books-of-the-times-the-pro-nazi-past-of-a-leading-literary-critic.html>.
24. Jon Wiener, "Deconstructing de Man", *Nation*, 9 de janeiro de 1988; Robert Alter, "Paul de Man Was a Total Fraud", *The New Republic*, 5 de abril de 2014, <https://newrepublic.com/article/117020/paul-de-man-was-total-fraud-evelyn-barish-reviewed>; Evelyn Barish, *The Double Life of Paul de Man*. Nova York: Liveright, 2014.
25. Evelyn Barish, *The Double Life of Paul de Man*; Jennifer Schuessler, "Revisiting a Scholar Unmasked by Scandal", *The New York Times*, 9 de março de 2014, <https://www.nytimes.com/2014/03/10/books/revisiting-a-scholar-unmasked-by-scandal.html>; Louis Menand, "The De Man Case", *The New Yorker*, 24 de março de 2014, <https://www.newyorker.com/magazine/2014/03/24/the-de-man-case>.
26. David Lehman, Ibid., 163-4.
27. Ibid., 180.
28. Michiko Kakutani, "Pro-Nazi Past of a Leading Literary Critic"; Paul de Man, "The Jews in Contemporary Literatures", *Le Soir*, 4 de março de 1941, republicado em Martin McQuillan, *Paul de Man*. Nova York: Routledge, 2001.
29. Michiko Kakutani, *ibid.*
30. David Lehman, Ibid. 137, 158, 234.
31. Ibid, 238-9, 243, 267.
32. David Brunnstrom, "Ahead of Trump Meeting, Abe Told Not to Take Campaign Rhetoric Literally", Reuters, 15 de novembro de 2016, <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-japan-idUSKBN13B090>.
33. Jonah Goldberg, "Take Trump Seriously but Not Literally? How, Exactly?", *Los Angeles Times*, 6 de dezembro de 2016, <http://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-goldberg-trump-seriously-literally-20161206-story.html>.

3. "MOI" E A ESCALADA DA SUBJETIVIDADE

1. James Mottram, "Spike Jonze Interview: Her Is My 'Boy Meets Computer' Movie", *The Independent*, 31 de janeiro de 2014, <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/features/spike-jonze-interview-her-is-my-boy-meets-computer-movie-9096821.html>.
2. Christopher Lasch, *A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
3. Ibid.
4. Tom Wolfe, "The 'Me' Decade and the Third Great Awakening", *New York*, 23 de agosto de 1976.
5. Tim Wu, *The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2016, 315.
6. David A. Fahrenthold e Robert O'Harrow Jr., "Trump: A True Story", *The Washington Post*, 10 de agosto de 2016, https://www.washingtonpost.com/graphics/politics/2016-election/trump-lies/?noredirect=on&utm_term=.21ccd5aa77ee; Kiran Khalid, "Trump: I'm Worth Whatever I Feel", CNN Money.com, 21 de abril de 2011, http://money.cnn.com/2011/04/21/news/companies/donald_trump/index.htm.
7. Scott Horsley, "Trump: Putin Again Denied Interfering in Election and 'I Really Believe' He Means It", *The Two-Way*, NPR, 11 de novembro de 2017, <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2017/11/11/563481331/trump-putin-issue-joint-statement-on-defeating-syria>.
8. Transcrições, CNN, 22 de julho de 2016, <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/160722/nday.06.html>.
9. Alexis de Tocqueville, *A democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes: 2014.
10. James Barron, "Overlooked Influences on Donald Trump: A Famous Minister and His Church", *The New York Times*, 5 de setembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/09/06/nyregion/donald-trump-marble-collegiate-church-norman-vincent-peale.html>; Tom Gjelten, "How Positive Thinking, Prosperity Gospel Define Donald Trump's Faith Outlook", NPR, 3 de agosto de 2016, <https://www.npr.org/2016/08/03/488513585/how-positive-thinking-prosperity-gospel-define-donald-trumps-faith-outlook>.
11. Tamara Keith, "Trump Crowd Size Estimate May Involve 'the Power of Positive Thinking'", NPR, 22 de janeiro de 2017, <https://www.npr.org/2017/01/22/510655254/trump-crowd-size-estimate-may-involve-the-power-of-positive-thinking>.
12. Mackenzie Weinger, "7 Pols Who Praised Ayn Rand", *Politico*, 26 de abril de 2012, <https://www.politico.com/story/2012/04/7-pols-who-praised-ayn-rand-075667>.
13. Kirsten Powers, "Donald Trump's 'Kinder, Gentler' Version", *USA Today*, 11 de abril de 2016, <https://www.usatoday.com/story/opinion/2016/04/11/donald-trump-interview-elections-2016-ayn-rand-vp-pick-politics-column/82899566>.
14. Jonathan Freedland, "The New Age of Ayn Rand: How She Won Over Trump and Silicon Valley", *The Guardian*, 10 de abril de 2017, <https://www.theguardian.com/books/2017/apr/10/new-age-ayn-rand-conquered-trump-white-house-silicon-valley>.
15. Philip Roth, "Writing American Fiction", *Commentary*, 1º de março de 1961, <https://www.commentarymagazine.com/articles/writing-american-fiction>.
16. Tom Wolfe, "Stalking the Billion-Footed Beast: A Literary Manifesto for the New Social Novel", *Harper's*, novembro de 1989, <https://harpers.org/archive/1989/11/stalking-the-billion-footed-beast>.
17. "From the Starr Referral: Clinton's Grand Jury Testimony, Part 4", *The Washington Post*, http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/special/clinton/stories/bctest092198_4.htm.
18. Philip Roth, Ibid.

19. Michiko Kakutani, "Bending the Truth in a Million Little Ways", *The New York Times*, <https://www.nytimes.com/2006/01/17/books/17kaku.html>.
20. Laura Barton, "The Man Who Rewrote His Life", *The Guardian*, 15 de setembro de 2006, <https://www.theguardian.com/books/2006/sep/15/usa.world>.
21. Adam Begley, "The I's Have It: Duke's 'Moi' Critics Expose Themselves", *Lingua Franca*, março-abril de 1994, <http://linguafranca.mirror.theinfo.org/9403/moi.html>.
22. Michiko Kakutani, "Opinion vs. Reality in an Age of Pundits", *The New York Times*, 28 de janeiro de 1994, <https://www.nytimes.com/1994/01/28/books/critic-s-notebook-opinion-vs-reality-in-an-age-of-pundits.html>; Id., "Fear of Fat as the Bane of Modernism", *The New York Times*, 12 de março de 1996, <https://www.nytimes.com/1996/03/12/books/books-of-the-times-fear-of-fat-as-the-bane-of-modernism.html>.
23. Michiko Kakutani, "A Biographer Who Claims a License to Blur Reality", *The New York Times*, 2 de outubro de 1999, <https://www.nytimes.com/1999/10/02/books/critic-s-notebook-a-biographer-who-claims-a-license-to-blur-reality.html>.
24. Ibid.
25. Michiko Kakutani, "Taking Sides in Polemics over Plath", *The New York Times*, 5 de abril de 1994, <https://www.nytimes.com/1994/04/05/books/books-of-the-times-taking-sides-in-polemics-over-plath.html>; Janet Malcolm, *A mulher calada*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
26. Sam Boyd, "Sarah Palin on Teaching Intelligent Design in Schools", *The American Prospect*, 29 de agosto de 2008, <http://prospect.org/article/sarah-palin-teaching-intelligent-design-schools>; Massimo Pigliucci, "Is Sarah Palin a Creationist", *LiveScience*, 1º de setembro de 2008, <https://www.livescience.com/2823-sarah-palin-creationist.html>.
27. John Timmer, "Ohio School District Has 'Teach the Controversy' Evolution Lesson Plan", *Ars Technica*, 18 de maio de 2016, <https://arstechnica.com/science/2016/05/ohio-school-district-has-teach-the-controversy-evolution-lesson-plan>.
28. Rosie Gray, "Trump Defends White-Nationalist Protesters: 'Some Very Fine People on Both Sides'", *The Atlantic*, 15 de agosto de 2017, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/08/trump-defends-white-nationalist-protesters-some-very-fine-people-on-both-sides/537012>; Mark Landler, "Trump Resurrects His Claim That Both Sides Share Blame in Charlottesville Violence", *The New York Times*, 14 de setembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/09/14/us/politics/trump-charlottesville-tim-scott.html>; Sonam Sheth, "Trump Equates Confederate Generals Robert E. Lee and Stonewall Jackson with George Washington in Bizarre Press Conference", *Business Insider*, 15 de agosto de 2017, <http://www.businessinsider.com/trump-robert-e-lee-stonewall-jackson-george-washington-thomas-jefferson-2017-8>; Dan Merica, "Trump Condemns 'Hatred, Bigotry, and Violence on Many Sides' in Charlottesville", *CNN Politics*, 13 de agosto de 2017, <https://edition.cnn.com/2017/08/12/politics/trump-statement-alt-right-protests/index.html>.
29. Naomi Oreskes e Erik M. Conway, *Merchants of Doubt*. Nova York: Bloomsbury Press, 2010, 6.
30. Ibid., 34.
31. Ibid., 6-7, 217.
32. Ibid., 6, 215.
33. Alister Doyle, "Scientists Say United on Global Warming, at Odds with Public View", *Reuters*, 15 de maio de 2013, <https://www.reuters.com/article/us-climate-scientists/scientists-say-united-on-global-warming-at-odds-with-public-view-idUSBRE94F00020130516>; NASA, "Scientific Consensus: Earth's Climate Is Warming", <https://climate.nasa.gov/scientific-consensus>; Justin Fox, "97 Percent Consensus on Climate Change? It's Complicated", *Bloomberg*, 15 de junho de 2017, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2017-06-15/97-percent-consensus-on-climate-change-it-s-complicated>.
34. David Robert Grimes, "Impartial Journalism Is Laudable. But False Balance Is Dangerous", *The Guardian*, 8 de novembro de 2016,

<https://www.theguardian.com/science/blog/2016/nov/08/impartial-journalism-is-laudable-but-false-balance-is-dangerous>.

- 35. Sarah Knapton, “BBC Staff Told to Stop Inviting Cranks on to Science Programmes”, *The Telegraph*, 4 de junho de 2014, <https://www.telegraph.co.uk/culture/tvandradio/bbc/10944629/BBC-staff-told-to-stop-inviting-cranks-on-to-science-programmes.html>.
- 36. Christiane Amanpour, discurso de recebimento do Burton Benjamin Memorial Award, 22 de novembro de 2016, cpj.org.

4. O DESAPARECIMENTO DA REALIDADE

1. Philip K. Dick, “A formiga elétrica”, *O vingador do futuro*. São Paulo: Paulicéia, 1991.
2. Christopher Ingraham, “19 Kids Are Shot Every Day in the United States”, *The Washington Post*, 20 de junho de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2017/06/20/19-children-are-shot-every-day-in-the-united-states>.
3. Philip Roth, “Writing American Fiction”, *Commentary*, 1º de março de 1961, <https://www.commentarymagazine.com/articles/writing-american-fiction>.
4. Simon Kelner, “Perception Is Reality: The Facts Won’t Matter in Next Year’s General Election”, *The Independent*, 30 de outubro de 2014, <https://www.independent.co.uk/voices/comment/perception-is-reality-the-facts-wont-matter-in-next-years-general-election-9829132.html>; Roxie Salamon-Abrams, “Echoes of History? A Lesson Plan About the Recent Rise of Europe’s Far-Right Parties”, *The New York Times*, 19 de abril de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/04/19/learning/lesson-plans/echoes-of-history-a-lesson-plan-about-the-recent-rise-of-europes-far-right-parties.html>.
5. Lawrence Freedman, “Reagan’s Southern Strategy Gave Rise to the Tea Party”, *Salon*, 27 de outubro de 2013, https://www.salon.com/2013/10/27/reagans_southern_strategy_gave_rise_to_the_tea_party.
6. Eugene Kiely, Lori Robertson e Robert Farley, “President Trump’s Inaugural Address”, *FactCheck.org*, 20 de janeiro de 2017, <https://www.factcheck.org/2017/01/president-trumps-inaugural-address>; Chris Nichols, “Mostly True: Undocumented Immigrants Less Likely to Commit Crimes than U.S. Citizens”, *PolitiFact California*, 3 de agosto de 2017, <http://www.politifact.com/california/statements/2017/aug/03/antonio-villaraigosa/mostly-true-undocumented-immigrants-less-likely-co>; Akhila Satish, “The Nobel Laureate Exclusion Act: No Future Geniuses Need Apply”, *The Wall Street Journal*, 14 de setembro de 2017, <https://www.wsj.com/articles/the-nobel-laureate-exclusion-act-no-future-geniuses-need-apply-1505431036>; Rani Molla, “The Top U.S. Tech Companies Founded by Immigrants Are Now Worth Nearly \$4 Trillion”, *Recode*, 12 de janeiro de 2018, <https://www.recode.net/2018/1/12/16883260/trump-immigration-us-america-tech-companies-immigrants>; “Fact Check: Donald Trump’s Republican Convention Speech, Annotated”, NPR, 21 de julho de 2016, <https://www.npr.org/2016/07/21/486883610/fact-check-donald-trumps-republican-convention-speech-annotated>.
7. Vivian Yee, “Donald Trump’s Math Takes His Towers to Greater Heights”, *The New York Times*, 1º de novembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/11/02/nyregion/donald-trump-tower-heights.html>; Marc Fisher e Will Hobson, “Donald Trump Masqueraded as Publicist to Brag About Himself”, *The Washington Post*, 13 de maio de 2016, https://www.washingtonpost.com/politics/donald-trump-alter-ego-barron/2016/05/12/02ac99ec-16fe-11e6-aa55-670cabef46e0_story.html; David Barstow, “Donald Trump’s Deals Rely on Being Creative with the Truth”, *The New York Times*, 16 de julho de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/07/17/us/politics/donald-trump-business.html>; David A. Fahrenthold e Robert O’Harrow, “Trump: A True Story”. *The Washington Post*, https://www.washingtonpost.com/graphics/politics/2016-election/trump-lies/?utm_term=.7c1de4d05317.
8. Aaron Williams e Anu Narayanswamy, “How Trump Has Made Millions by Selling His Name”, *The Washington Post*, 25 de janeiro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/graphics/world/trump-worldwide-licensing>; “10 Donald Trump Business Failures”, *Time*, 11 de outubro de 2016, <http://time.com/4343030/donald-trump-failures>.
9. Daniel J. Boorstin, *The Image*. Nova York: Macmillan, 1987, 11.

10. Ibid., 65
11. Laura Bradley, “Trump Bashes Schwarzenegger’s *Celebrity Apprentice*, Forgets He Still Produces It”, *Vanity Fair*, 6 de janeiro de 2017, <https://www.vanityfair.com/hollywood/2017/01/donald-trump-celebrity-apprentice-ratings-arnold-schwarzenegger>.
12. Boorstin, *The Image*, 209-11.
13. Ibid., 241, 212.
14. “Jean Baudrillard”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, plato.stanford.edu; Id., *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d’Água, 1991.
15. Jorge Luis Borges, *Ficcões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
16. Ibid.
17. Thomas Pynchon, *O arco-íris da gravidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
18. Brandon Harris, “Adam Curtis’s Essential Counterhistories”, *The New Yorker*, 3 de novembro de 2016, <https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/adam-curtiss-essential-counterhistories>.
19. Alice Marwick e Rebecca Lewis, “The Online Radicalization We’re Not Talking About”, *Select All*, 18 de maio de 2017, <http://nymag.com/selectall/2017/05/the-online-radicalization-were-not-talking-about.html>.
20. Id., *Media Manipulation and Disinformation Online*, Data and Society Research Institute, 15 de maio de 2017, <https://datasociety.net/output/media-manipulation-and-disinfo-online>.
21. Alice Marwick e Rebecca Lewis, “The Online Radicalization We’re Not Talking About”, *Select All*, 18 de maio de 2017, <http://nymag.com/selectall/2017/05/the-online-radicalization-were-not-talking-about.html>.
22. Ibid.
23. BBC Trending, “The Saga of ‘Pizzagate’: The Fake Story That Shows How Conspiracy Theories Spread”, BBC News, 2 de dezembro de 2016, <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-38156985>.
24. Ali Breland, “Warner Sees Reddit as Potential Target for Russian Influence”, *Hill*, 27 de setembro de 2017, <http://thehill.com/policy/technology/352584-warner-sees-reddit-as-potential-target-for-russian-influence>; Roger McNamee, “How to Fix Facebook — Before It Fixes Us”, *Washington Monthly*, janeiro-fevereiro-março de 2018, <https://washingtonmonthly.com/magazine/january-february-march-2018/how-to-fix-facebook-before-it-fixes-us>.
25. Renee DiResta, “Social Network Algorithms Are Distorting Reality by Boosting Conspiracy Theories”, *Fast Company*, 11 de maio de 2016, <https://www.fastcompany.com/3059742/social-network-algorithms-are-distorting-reality-by-boosting-conspiracy-theories>.

5. A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM

1. John le Carré, “Why We Should Learn German”, *The Guardian*, 1º de julho de 2017, <https://www.theguardian.com/education/2017/jul/02/why-we-should-learn-german-john-le-carre>.
2. James Carroll, *Practicing Catholic*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2009, 302.
3. George Orwell, “Politics and the English Language”, *A Collection of Essays by George Orwell*. Garden City, Nova York: Anchor Books, 1954, 17.
4. George Orwell, 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
5. Roger Scruton, “Newspeak”, *The Palgrave Macmillan Dictionary of Political Thought*, 3ª ed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007; “The Wooden Language”, Radio Romania International, old.rrr.ro/arh-art.shtml?lang=1&sec=9&art=4166.
6. Françoise Thom, *La Langue de bois*. Paris: Julliard, 1987.
7. Ji Fengyuan, *Linguistic Engineering: Language and Politics in Mao’s China*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2003; Perry Link, “Mao’s China: The Language Game”, *NYR Daily*, 15 de maio de 2015, <http://www.nybooks.com/daily/2015/05/15/china-language-game-eileen-chang/>.
8. Timothy Snyder, “A New Look at Civilian Life in Europe Under Hitler”, uma resenha de *An Iron Wind: Europe Under Hitler*, de Peter Fritzsche, *The New York Times*, 22 de novembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/11/22/books/review/a-new-look-at-civilian-life-in-europe-under-hitler.html>.
9. Victor Klemperer, *The Language of the Third Reich*. Nova York: Bloomsbury, 2013, 12-5.
10. Ibid., 54-5, 30, 118, 44-5.
11. Ibid., 60-2, 5, 101-3.
12. Ibid., 19.
13. Ibid., 222, 227, 223, 224, 228.
14. George Orwell, *ibid.*
15. Rebecca Savransky, “Trump: ‘You Are Witnessing the Single Greatest Witch Hunt in American Political History’”, *Hill*, 15 de junho de 2017, <http://thehill.com/homenews/administration/337901-trump-you-are-witnessing-the-single-greatest-witch-hunt-in-american>; Michael Finnegan, “Trump Attacks on Russia Investigation Threaten U.S. Democracy, Authors Say”, *Los Angeles Times*, 6 de fevereiro de 2018, <http://www.latimes.com/politics/la-na-pol-trump-democracy-levitsky-20180206-story.html>; Anne Gearan, “Trump’s Attacks on Justice and FBI Echo Election Claims of a ‘Rigged System’”, *The Washington Post*, 2 de fevereiro de 2018, https://www.washingtonpost.com/politics/trumps-attacks-on-justice-and-fbi-echo-election-claims-of-a-rigged-system/2018/02/02/a22b1e1c-082e-11e8-b48c-b07fea957bd5_story.html?utm_term=.0c59c59de7b6.
16. Jessica Estepa, “It’s Not Just ‘Rocket Man.’ Trump Has Long History of Nicknaming His Foes”, *USA Today*, 21 de setembro de 2017, <https://www.usatoday.com/story/news/politics/onpolitics/2017/09/21/its-not-just-rocket-man-trump-has-long-history-nicknaming-his-foes/688552001/>; Theodore Schleifer e Jeremy Diamond, “Clinton Says Trump Leading ‘Hate Movement’; He Calls Her a ‘Bigot’”, *CNN Politics*, 25 de agosto de 2016, <https://edition.cnn.com/2016/08/24/politics/donald-trump-hillary-clinton-bigot/index.html>; “Excerpts from Trump’s Interview with the Times”, *The New York Times*, 28 de dezembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/12/28/us/politics/trump-interview-excerpts.html>.
17. George Orwell, *ibid.*
18. Linda Qiu, “Donald Trump Had Biggest Inaugural Crowd Ever? Metrics Don’t Show It”, *PolitiFact*, 21 de janeiro de 2017, <http://www.politifact.com/truth-o-meter/statements/2017/jan/21/sean-spicer/trump-had-biggest-inaugural-crowd-ever-metrics-don/>.

19. Masha Gessen, “The Putin Paradigm”, *NYR Daily*, 13 de dezembro de 2016, <http://www.nybooks.com/daily/2016/12/13/putin-paradigm-how-trump-will-rule/>.
20. George Orwell, *ibid*.
21. Oliver Milman e Sam Morris, “Trump Is Deleting Climate Change, One Site at a Time” *The Guardian*, 14 de maio de 2017, <https://www.theguardian.com/us-news/2017/may/14/donald-trump-climate-change-mentions-government-websites>; Brian Kahn, “The EPA Has Started to Remove Obama-Era Information”, *Climate Central*, 2 de fevereiro de 2017, <https://www.scientificamerican.com/article/the-epa-has-started-to-remove-obama-era-information/>; Leila Miller, “As ‘Climate Change’ Fades from Government Sites, a Struggle to Archive Data”, *Frontline*, 8 de dezembro de 2017, <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/as-climate-change-fades-from-government-sites-a-struggle-to-archive-data/>.
22. Megan Cerullo, “EPA Removes Climate Change Page from Website to Reflect New ‘Priorities’ Under President Trump”, *New York Daily News*, 29 de abril de 2017, <http://www.nydailynews.com/news/politics/epa-removes-climate-change-page-website-article-1.3118529>; Bill McKibben, “The Trump Administration’s Solution to Climate Change: Ban the Term”, *The Guardian*, 8 de agosto de 2017, <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/aug/08/trump-administration-climate-change-ban-usda>; Oliver Milman, “US Federal Department Is Censoring Use of Term ‘Climate Change’, Emails Reveal”, *The Guardian*, 7 de agosto de 2017, <https://www.theguardian.com/environment/2017/aug/07/usda-climate-change-language-censorship-emails>; Lydia Smith, “Trump Administration Deletes Mention of ‘Climate Change’ from Environmental Protection Agency’s Website”, *The Independent*, 21 de outubro de 2017, <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/donald-trump-administration-climate-change-deleted-environmental-protection-agency-website-a8012581.html>; Michael Collins, “EPA Removes Climate Change Data, Other Scientific Information from Website”, *USA Today*, 29 de abril de 2017, <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2017/04/29/epa-removes-climate-change-data-other-scientific-information-website/101072040/>; Oliver Milman e Sam Morris, “Trump Is Deleting Climate Change, One Site at a Time”, *The Guardian*, 14 de maio de 2017, <https://www.theguardian.com/us-news/2017/may/14/donald-trump-climate-change-mentions-government-websites>.
23. Valerie Volcovici e P. J. Huffstutter, “Trump Administration Seeks to Muzzle U.S. Agency Employees”, *Reuters*, 24 de janeiro de 2017, <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-epa/white-house-temporarily-freezes-epa-grants-contracts-idUSKBN15822X>; Lisa Friedman, “E.P.A. Cancels Talk on Climate Change by Agency Scientists”, *The New York Times*, 22 de outubro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/10/22/climate/epa-scientists.html>; Dan Merica e Dana Bash, “Trump Admin Tells National Park Service to Halt Tweets”, *CNN Politics*, 23 de janeiro de 2017, <https://edition.cnn.com/2017/01/21/politics/trump-national-park-service-tweets/index.html>.
24. Michiko Kakutani, “Donald Trump’s Chilling Language, and the Fearsome Power of Words”, *Vanity Fair*, 21 de janeiro de 2017, <https://www.vanityfair.com/news/2017/01/donald-trumps-chilling-language-and-the-power-of-words>.
25. Aidan Quigley, “Make America Spell Again? 25 of Donald Trump’s Twitter Spelling Errors”, *Newsweek*, 25 de junho de 2017, <http://www.newsweek.com/make-america-spell-again-25-donald-trumps-twitter-spelling-errors-628732>; Jennifer Calfas, “Trump’s Official Inauguration Poster Has Glaring Typo”, *Hill*, 12 de fevereiro de 2017, <http://thehill.com/blogs/blog-briefing-room/news/319170-trumps-official-inauguration-poster-has-glaring-typo>; Eli Rosenberg, “‘State of the Union’: Misspelled Tickets to President Trump’s First Address Require a Reprint”, *The Washington Post*, 29 de janeiro de 2018, <https://www.washingtonpost.com/news/politics/wp/2018/01/29/state-of-the-union-misspelled-tickets-to-president-trumps-first-address-require-a-reprint/>

[noredirect=on&utm_term=.6cd9883962ea](#).

26. Elizabeth Landers, “White House: Trump’s Tweets Are ‘Official Statements’”, CNN Politics, 6 de junho de 2017, <https://edition.cnn.com/2017/06/06/politics/trump-tweets-official-statements/index.html>; Matthew Weaver, Robert Booth, e Ben Jacobs, “Theresa May Condemns Trump’s Retweets of UK Far-Right Leader’s Anti-Muslim Videos”, *The Guardian*, 29 de novembro de 2017, <https://www.theguardian.com/us-news/2017/nov/29/trump-account-retweets-anti-muslim-videos-of-british-far-right-leader>.
27. Steven Erlanger, “‘Fake News,’ Trump’s Obsession, Is Now a Cudgel for Strongmen”, *The New York Times*, 12 de dezembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/12/12/world/europe/trump-fake-news-dictators.html>; Anne Applebaum, “The ‘Trump Effect’ Will Help Authoritarians Around the World”, *The Washington Post*, 4 de maio de 2016, https://www.washingtonpost.com/blogs/post-partisan/wp/2016/05/04/the-trump-effect-will-help-authoritarians-around-the-world/?utm_term=.6e280e197446; “Record Number of Journalists Jailed as Turkey, China, Egypt Pay Scant Price for Repression”, Committee to Protect Journalists, 13 de dezembro de 2017, <https://cpj.org/reports/2017/12/journalists-prison-jail-record-number-turkey-china-egypt.php/>.
28. Ruth Ben-Ghiat, “An American Authoritarian”, *The Atlantic*, 10 de agosto de 2016, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/08/american-authoritarianism-under-donald-trump/495263/>.
29. Umberto Eco, “O fascismo eterno”, *Cinco escritos morais*, Rio de Janeiro: Record, 2002.
30. “Full Text: Donald Trump 2016 RNC Draft Speech Transcript”, *Politico*, 21 de julho de 2016, <https://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974>.

6. FILTROS, BOLHAS E TRIBOS

1. Rudyard Kipling, “The Light That Failed”, *Selected Works of Rudyard Kipling*. Nova York: Collier & Son, 1900, 2:61.
2. Deborah Solomon, “Goodbye (Again), Norma Jean”, *The New York Times*, 19 de setembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2004/09/19/magazine/goodbye-again-norma-jean.html>.
3. Pew Research Center, *Partisanship and Political Animosity in 2016*, 22 de junho de 2016, <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/06/22/key-facts-partisanship/>.
4. David Nakamura e Lisa Rein, “It’s ‘Very Gold’: The Presidential Coin Undergoes a Trumpian Makeover”, *The Washington Post*, 22 de dezembro de 2017, https://www.washingtonpost.com/politics/its-very-gold-the-presidential-coin-undergoes-a-trumpian-makeover/2017/12/22/23c8b11e-e5bb-11e7-ab50-621fe0588340_story.html?utm_term=.512d840a7fb7.
5. Bill Bishop, *The Big Sort: Why the Clustering of Like-Minded America Is Tearing Us Apart*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 200, 130-2, 12.
6. Ibid., 216.
7. Ibid., 232.
8. Pew Research Center, “Sharp Partisan Divisions in Views of National Institutions”, 10 de julho de 2017, <https://www.schwartzreport.net/sharp-partisan-divisions-views-national-institutions/>.
9. Ronald Brownstein, *The Second Civil War: How Extreme Partisanship Has Paralyzed Washington and Polarized America*. Nova York: Penguin Press, 2007.
10. Molly Ball, “Why Hillary Clinton Lost”, *The Atlantic*, 15 de novembro de 2016, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/11/why-hillary-clinton-lost/507704/>.
11. Pew Research Center, “Political Polarization in the American Public”, 12 de junho de 2014, <http://www.people-press.org/files/2014/06/6-12-2014-Political-Polarization-Release.pdf>; Pew Research Center, *Partisanship and Political Animosity in 2016*, 22 de junho de 2016, <http://www.people-press.org/files/2016/06/06-22-16-Partisanship-and-animosity-release.pdf>.
12. Julian E. Zelizer, “The Power That Gerrymandering Has Brought to Republicans”, *The Washington Post*, 17 de junho de 2016, https://www.washingtonpost.com/opinions/the-power-that-gerrymandering-has-brought-to-republicans/2016/06/17/045264ae-2903-11e6-ae4a-3cdd5fe74204_story.html; Ronald Brownstein, “America, a Year Later”, *State: The Digital Magazine from CNN Politics*, novembro de 2017, <http://edition.cnn.com/interactive/2017/politics/state/2016-election-anniversary/>.
13. Pew Research Center, “Political Polarization in the American Public”, 12 de junho de 2014, <http://www.people-press.org/2014/06/12/political-polarization-in-the-american-public/>; Pew Research Center, *Partisanship and Political Animosity in 2016*, 22 de junho de 2016, <http://www.people-press.org/2016/06/22/partisanship-and-political-animosity-in-2016/>.
14. “The Four Corners of Deceit: Prominent Liberal social Psychologist Made It All Up”, *Rush Limbaugh Show*, 29 de abril de 2013, https://www.rushlimbaugh.com/daily/2013/04/29/the_four_corners_of_deceit_prominent_liberal_so.
15. Dylan Matthews, “Everything You Need To Know About the Fairness Doctrine in One Post”, *The Washington Post*, 23 de agosto de 2011, https://www.washingtonpost.com/blogs/ezra-klein/post/everything-you-need-to-know-about-the-fairness-doctrine-in-one-post/2011/08/23/gIQAN8CXZJ_blog.html; Yochai Benkler et al., “Study: Breitbart-Led Right-Wing Media Ecosystem Altered Broader Media Agenda”, *Columbia Journalism Review*, 3 de março de 2017, <https://www.cjr.org/analysis/breitbart-media-trump-harvard-study.php>; Maggie Haberman e Glenn Thrush, “Bannon in Limbo as Trump Faces Growing Calls for the Strategist’s Ouster”, *The New York Times*, 14 de agosto de 2017,

- <https://www.nytimes.com/2017/08/14/us/politics/steve-bannon-trump-white-house.html>; Michael J. de la Merced e Nicholas Fandos, “Fox’s Unfamiliar but Powerful Television Rival: Sinclair”, *The New York Times*, 3 de maio de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/05/03/business/dealbook/sinclair-media-expansion-fox-conservative-media.html>.
16. John Ziegler, “How Donald Trump’s Election Has Helped Me Decide to End My National Radio Show”, *Mediaite*, 18 de dezembro de 2016, <https://www.mediaite.com/online/how-donald-trumps-election-has-helped-me-decide-to-end-my-national-radio-show/>.
 17. Charles Sykes, “How the Right Lost Its Mind and Embraced Donald Trump”, *Newsweek*, 21 de setembro de 2017, <http://www.newsweek.com/2017/09/29/right-lost-mind-embraced-donald-trump-668180.html>; Charles Sykes, “Charles Sykes on Where the Right Went Wrong”, *The New York Times*, 15 de dezembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/12/15/opinion/sunday/charlie-sykes-on-where-the-right-went-wrong.html>.
 18. Yochai Benkler et al., “Study: Breitbart-Led Right-Wing Media Ecosystem Altered Broader Media Agenda”, 3 de março de 2017, <https://www.cjr.org/analysis/breitbart-media-trump-harvard-study.php>; Alexandra Topping, “‘Sweden, Who Would Believe This?’ Trump Cites Non-existent Terror Attack”, *The Guardian*, 19 de fevereiro de 2017, <https://www.theguardian.com/us-news/2017/feb/19/sweden-trump-cites-non-existent-terror-attack>; Samantha Schmidt e Lindsey Bever, “Kellyanne Conway Cites ‘Bowling Green Massacre’ That Never Happened to Defend Travel Ban”, *The Washington Post*, 3 de fevereiro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2017/02/03/kellyanne-conway-cites-bowling-green-massacre-that-never-happened-to-defend-travel-ban/>.
 19. Alexander Nazaryan, “John McCain Cancer Is ‘Godly Justice’ for Challenging Trump, Alt-Right Claims”, *Newsweek*, 20 de julho de 2017, <http://www.newsweek.com/mccain-cancer-trump-supporters-terrible-639834>.
 20. Andrew Sullivan, “America Wasn’t Built For Humans”, *New York Magazine*, 19 de setembro de 2017, <http://nymag.com/daily/intelligencer/2017/09/can-democracy-survive-tribalism.html>.
 21. Elizabeth Kolbert, “Why Facts Don’t Change Our Minds”, *The New Yorker*, 27 de fevereiro de 2017, <https://www.newyorker.com/magazine/2017/02/27/why-facts-dont-change-our-minds>.
 22. Cass Sunstein, *Going to Extremes: How Like Minds Unite and Divide*. Nova York: Oxford University Press, 2009, 87.
 23. Ibid., 4.
 24. Charles Sykes, “How the Right Lost Its Mind and Embraced Donald Trump”, *Newsweek*, 21 de setembro de 2017, <http://www.newsweek.com/2017/09/29/right-lost-mind-embraced-donald-trump-668180.html>; Id., “Charles Sykes on Where the Right Went Wrong”, <http://www.time.com/4963229/charles-j-sykes-where-the-right-went-wrong/>.
 25. Charles Sykes, *How the Right Lost Its Mind*. Nova York: St. Martin’s Press, 2017, 180.
 26. Eli Pariser, *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*. Nova York: Penguin Press, 2011, 3.
 27. Ibid., 16.
 28. Eli Pariser, “Beware Online ‘Filter Bubbles’”, TED 2011, www.ted.com.

7. DÉFICIT DE ATENÇÃO

1. William Gibson, *História zero*, São Paulo: Aleph, 2015.
2. Sir Tim Berners-Lee, “History of the Web”, World Wide Web Foundation, <https://webfoundation.org/about/vision/history-of-the-web/>.
3. Jaron Lanier, *Gadget: Você não é um aplicativo!* São Paulo: Saraiva, 2010.
4. Nicholas Carr. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
5. Tim Wu, *The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2016, 320.
6. Ibid., 322.
7. “‘Who Shared It?’ How Americans Decide What News to trust on Social Media”, American Press Institute, 20 de março de 2017, <https://www.americanpressinstitute.org/publications/reports/survey-research/trust-social-media/>; Elisa Shearer e Jeffrey Gottfried, “News Use Cross Social Media Plataforms 2017”, Pew Research Center, 6 de setembro de 2017, http://assets.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/13/2017/09/13163032/PJ_17.08.23_socialMediaUpdate_FINAL.pdf.
8. “Yellow Journalism”, *Crucible of Empire: The Spanish-American War*, PBS, www.pbs.org; Jacob Soll, “The Long and Brutal History of Fake News”, *Politico*, 18 de dezembro de 2016, <https://www.politico.com/magazine/story/2016/12/fake-news-history-long-violent-214535>; “Gaius Julius Caesar: The Conquest of Gaul”, www.livius.org.
9. Kevin Roose, “After Las Vegas Shooting, Fake News Regains Its Megaphone”, *The New York Times*, 2 de outubro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/10/02/business/las-vegas-shooting-fake-news.html>; Jennifer Medina, “A New Report on the Las Vegas Gunman Was Released. Here Are Some Takeaways”, *The New York Times*, 19 de janeiro de 2018, <https://www.nytimes.com/2018/01/19/us/las-vegas-attack-shooting-paddock.html>.
10. Craig Silverman, This Analysis Shows How Viral Fake Election News Stories Outperformed Real News on Facebook”, *Buzzfeed*, 16 de novembro de 2016, https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/viral-fake-election-news-outperformed-real-news-on-facebook?utm_term=.nrqnpZbW0#.cwXp0xLGB.
11. Oxford Internet Institute, “Trump Supporters and Extreme Right ‘Share Widest Range of Junk News’”, 6 de fevereiro de 2018, <http://www.ox.ac.uk/news/2018-02-06-trump-supporters-and-extreme-right-share-widest-range-junk-news>; Ishaan Tharoor, “‘Fake News’ and the Trumpian Threat to Democracy”, *The Washington Post*, 7 de fevereiro de 2018, <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/02/07/fake-news-and-the-trumpian-threat-to-democracy/>; Shawn Musgrave e Matthew Nussbaum, “Trump Thrives in Areas That Lack Traditional News Outlets”, *Politico*, 8 de abril de 2018, <https://www.politico.com/story/2018/04/08/news-subscriptions-decline-donald-trump-voters-505605>.
12. Pierre Omidyar, “6 Ways Socials Media Has Become a Direct Threat to Democracy”, *The Washington Post*, 9 de outubro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/worldpost/wp/2017/10/09/pierre-omidyar-6-ways-social-media-has-become-a-direct-threat-to-democracy/>; Omidyar Group, *Is Social Media a Threat to Democracy?*, 1º de outubro de 2017, <https://www.omidyargroup.com/wp-content/uploads/2017/10/Social-Media-and-Democracy-October-5-2017.pdf>.
13. Olivia Solon, “Tim Berners-Lee on the Future of the Web: ‘The System Is Failing’”, *The Guardian*, 15 de novembro de 2017, <https://www.theguardian.com/technology/2017/nov/15/tim-berners-lee-world-wide-web-net-neutrality>.
14. Roger McNamee, “How to Fix Facebook — Before It Fixes Us”, *Washington Monthly*, janeiro-

- fevereiro-março de 2018, <https://washingtonmonthly.com/magazine/january-february-march-2018/how-to-fix-facebook-before-it-fixes-us/>; Nicholas Thompson e Fred Vogelstein, “Inside the Two Years That Shook Facebook — and the World”, *Wired*, 12 de fevereiro de 2018, <https://www.wired.com/story/inside-facebook-mark-zuckerberg-2-years-of-hell/>.
15. Michael Lewis, “Has Anyone Seen the President?”, *Bloomberg View*, 9 de fevereiro de 2018, https://www.bloomberg.com/view/articles/2018-02-09/has-anyone-seen-the-president?mc_cid=88cbe26fc6&mc.
 16. Matea Gold e Frances Stead Sellers, “After Working for Trump’s Campaign, British Data Firm Eyes New U.S. Government Contracts”, *The Washington Post*, 17 de fevereiro de 2017, https://www.washingtonpost.com/politics/after-working-for-trumps-campaign-british-data-firm-eyes-new-us-government-contracts/2017/02/17/a6dee3c6-f40c-11e6-8d72-263470bf0401_story.html; Nicholas Confessore e Danny Hakim, “Data Firm Says ‘Secret Sauce’ Aided Trump; Many Scoff”, *The New York Times*, 6 de março de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/03/06/us/politics/cambridge-analytica.html>; Joshua Green e Sasha Issenberg, “Inside the Trump Bunker, With 12 Days to Go”, *Bloomberg*, 27 de outubro de 2016, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-10-27/inside-the-trump-bunker-with-12-days-to-go>.
 17. Matthew Rosenberg e Gabriel J.X. Dance, “‘You Are the Product’: Targeted by Cambridge Analytica on Facebook”, *The New York Times*, 8 de abril de 2018, <https://www.nytimes.com/2018/04/08/us/facebook-users-data-harvested-cambridge-analytica.html>; Carole Cadwalladr e Emma Graham-Harrison, “Revealed: 50 Million Facebook Profiles Harvested for Cambridge Analytica in Major Data Breach”, *The Guardian*, 17 de março de 2018, <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>; Olivia Solon, “Facebook Says Cambridge Analytica May Have Gained 37m More Users’ Data”, *The Guardian*, 4 de abril de 2018, <https://www.theguardian.com/technology/2018/apr/04/facebook-cambridge-analytica-user-data-latest-more-than-thought>.
 18. Craig Timberg, Karla Adam e Michael Kranish, “Bannon Oversaw Cambridge Analytica’s Collection of Facebook Data, According to Former Employee”, *The Washington Post*, 20 de março de 2018, https://www.washingtonpost.com/politics/bannon-oversaw-cambridge-analyticas-collection-of-facebook-data-according-to-former-employee/2018/03/20/8fb369a6-2c55-11e8-b0b0-f706877db618_story.html; Isobel Thompson, “The Secret History of Steve Bannon and Alexander Nix, Explained”, *Vanity Fair*, 21 de março de 2018, <https://www.vanityfair.com/news/2018/03/the-secret-history-of-steve-bannon-and-alexander-nix>.
 19. Lesley Stahl, “Facebook ‘Embeds’ Russia and the Trump Campaign’s Secret Weapon”, *60 Minutes*, 8 de outubro de 2017, <https://www.cbsnews.com/news/facebook-embeds-russia-and-the-trump-campaigns-secret-weapon-60-minutes/>.
 20. Joshua Green e Sasha Issenberg, “Inside the Trump Bunker, With 12 Days to Go”, *Bloomberg*, 27 de outubro de 2016, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-10-27/inside-the-trump-bunker-with-12-days-to-go>; David A. Graham, “Trump’s ‘Voter Suppression Operation’ Targets Black Voters”, *The Atlantic*, 27 de outubro de 2016, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/10/trumps-black-voter-dilemma/505586/>.
 21. Shane Harris, “Russian Hackers Who Compromised DNC Are Targeting the Senate, Company Says”, *The Washington Post*, 12 de janeiro de 2018, https://www.washingtonpost.com/world/national-security/russian-hackers-who-compromised-the-dnc-are-targeting-the-us-senate/2018/01/12/7e9169ce-f7a9-11e7-91af-31ac729add94_story.html?utm_term=.7ec48f76b93c; Raphael Satter, “Inside Story: How Russians Hacked the Democrats’ Emails”, *Associated Press*, 4 de novembro de 2017, <https://www.apnews.com/dea73efc01594839957c3c9a6c962b8a>; Priyanka Boghani, “How Russia Looks to Gain Through Political Interference”, *Frontline*, 23 de novembro de 2016,

- <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/how-russia-looks-to-gain-through-political-interference/>; Rick Noack, “Everything We Know So Far About Russian Election Meddling in Europe”, *The Washington Post*, 10 de janeiro de 2018, <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/01/10/everything-we-know-so-far-about-russian-election-meddling-in-europe/>; U.S. Senate, Committee on Foreign Relations, *Putin’s Asymmetric Assault on Democracy in Russia and Europe: Implications for U.S. National Security*, 115º Cong, 2ª sess., 10 de janeiro de 2018, <https://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/Cardin%20Russia%20Report%20Embargoed%20C>
22. David Ingram, “Facebook Says 126 Million Americans May Have Seen Russian-Linked Political Posts”, *Reuters*, 30 de outubro de 2017, <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-russia-socialmedia/facebook-says-126-million-americans-may-have-seen-russia-linked-political-posts-idUSKBN1CZ2OI>; Shane Goldmacher, “America Hits New Landmark: 200 Million Registered Voters”, *Politico*, 19 de outubro de 2016, <https://www.politico.com/story/2016/10/how-many-registered-voters-are-in-america-2016-229993>; Scott Shane, “These Are the Ads Russia Bought on Facebook in 2016”, *The New York Times*, 1º de novembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/11/01/us/politics/russia-2016-election-facebook.html>; Leslie Shapiro, “Anatomy of a Russian Facebook Ad”, *The Washington Post*, 1º de novembro de 2017, https://www.washingtonpost.com/graphics/2017/business/russian-ads-facebook-anatomy/?utm_term=.549d6dd9a083.
23. Craig Timberg et al., “Russian Ads, Now Publicly Released Show Sophistication of Influence Campaign”, *The Washington Post*, 1º de novembro de 2017, https://www.washingtonpost.com/business/technology/russian-ads-now-publicly-released-show-sophistication-of-influence-campaign/2017/11/01/d26aead2-bf1b-11e7-8444-a0d4f04b89eb_story.html.
24. Jack Nicas, “How YouTube Drives People to the Internet’s Darkest Corners”, *The Wall Street Journal*, 7 de fevereiro de 2018, <https://www.wsj.com/articles/how-youtube-drives-viewers-to-the-internets-darkest-corners-1518020478>; Paul Lewis, “‘Fiction Is Outperforming Reality’: How YouTube’s Algorithm Distorts Truth”, *The Guardian*, 2 de fevereiro de 2018, <https://www.theguardian.com/technology/2018/feb/02/how-youtubes-algorithm-distorts-truth>; Jon Swaine, “Twitter Admits far More Russian Bots Posted on Election Than It Had Disclosed”, *The Guardian*, 19 de janeiro de 2018, <https://www.theguardian.com/technology/2018/jan/19/twitter-admits-far-more-russian-bots-posted-on-election-than-it-had-disclosed>; Philip N. Howard et al., “Social Media, News, and Political Information During the US Election: Was Polarizing Content Concentrated in Swing States?”, Computational Propaganda Research Project, 28 de setembro de 2017, <http://comprop.oii.ox.ac.uk/research/working-papers/social-media-news-and-political-information-during-the-us-election-was-polarizing-content-concentrated-in-swing-states/>.
25. Ben Popken e Kelly Cobiella, “Russian Troll Describes Work in the Infamous Misinformation Factory”, *NBC News*, 16 de novembro de 2017, <https://www.nbcnews.com/news/all/russian-troll-describes-work-infamous-misinformation-factory-n821486>; Scott Shane, “The Fake Americans Russia Create to Influence the Election”, *The New York Times*, 7 de setembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/09/07/us/politics/russia-facebook-twitter-election.html>.
26. Ryan Nakashima e Barbara Ortutay, “Russia Twitter Trolls Deflected Trump Bad News”, *USA Today*, 10 de novembro de 2017, <https://www.usatoday.com/story/tech/news/2017/11/10/russia-twitter-trolls-deflected-trump-bad-news/851863001/>; Issie Lapowsky, “Pro-Kremlin Twitter Trolls Take Aim at Robert Mueller”, *Wired*, 5 de janeiro de 2018, <https://www.wired.com/story/pro-russia-twitter-trolls-target-robert-mueller/>.
27. Harper Neidig, “Poll: 83 Percent of Voters Support Keeping FCC’s Net Neutrality Rules”, *Hill*, 12 de dezembro de 2017, <http://thehill.com/policy/technology/364528-poll-83-percent-of-voters-support-keeping-fccs-net-neutrality-rules>; Todd Shields, “FCC Got 444,938 Net-Neutrality Comments from Russian Email Addresses”, *Bloomberg*, 29 de novembro de 2017,

- <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-11-29/fake-views-444-938-russian-emails-among-suspect-comments-to-fcc>; “Over Half of Public Comments to FCC on Net Neutrality Appear Fake: Study”, Reuters, 29 de novembro de 2017, <https://www.reuters.com/article/us-usa-internet-pew/over-half-of-public-comments-to-fcc-on-net-neutrality-appear-fake-study-idUSKBN1DT297>; Susan Decker, “FCC Rules Out Delaying Net Neutrality Repeal over Fake Comments”, *Bloomberg*, 5 de janeiro de 2018, <https://www.reuters.com/article/us-usa-internet-pew/over-half-of-public-comments-to-fcc-on-net-neutrality-appear-fake-study-idUSKBN1DT297>; Jon Brodtkin, “FCC Stonewalled Investigation of Net Neutrality Comment Fraud, NY AG Says”, *Ars Technica*, 22 de novembro de 2017, <https://arstechnica.com/tech-policy/2017/11/fcc-stonewalled-investigation-of-net-neutrality-comment-fraud-ny-ag-says/>; Brian Fung, “FCC Net Neutrality Process ‘Corrupted’ by Fake Comments and Vanishing Consumer Complaints, Officials Say”, *The Washington Post*, 24 de novembro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/the-switch/wp/2017/11/24/fcc-net-neutrality-process-corrupted-by-fake-comments-and-vanishing-consumer-complaints-officials-say/>; James V. Grimaldi e Paul Overberg, “Millions of People Post Comments on Federal Regulations. Many Are Fake”, *The Wall Street Journal*, 12 de dezembro de 2017, <https://www.wsj.com/articles/millions-of-people-post-comments-on-federal-regulations-many-are-fake-1513099188>; James V. Grimaldi e Paul Overberg, “Many Comments Critical of ‘Fiduciary’ Rule Are Fake”, *The Wall Street Journal*, 27 de novembro de 2017, <https://www.wsj.com/articles/many-comments-critical-of-fiduciary-rule-are-fake-1514370601>.
28. Samantha Bradshaw e Philip N. Howard, “Troops, Trolls, and Troublemakers: A Global Inventory of Organized Social Media Manipulation”, Computational Propaganda Research Project, folha nº 2017.12, <http://comprop.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/89/2017/07/Troops-Trolls-and-Troublemakers.pdf>.
29. Pierre Omidyar, “6 Ways Social Media Has Become a Direct Threat to Democracy”, *The Washington Post*, 8 de outubro de 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/worldpost/wp/2017/10/09/pierre-omidyar-6-ways-social-media-has-become-a-direct-threat-to-democracy/>; Omidyar Group, *Is Social Media a Threat to Democracy?*, 1º de outubro de 2017, <https://www.omidyargroup.com/wp-content/uploads/2017/10/Social-Media-and-Democracy-October-5-2017.pdf>.
30. Julia Munslow, “Ex-CIA Director Hayden: Russia Election Meddling Was ‘Most Successful Covert Operation in History’”, *Yahoo News*, 21 de julho de 2017, <https://www.yahoo.com/news/ex-cia-director-hayden-russia-election-meddling-successful-covert-operation-history-212056443.html>; Cynthia McFadden, William M. Arki e Kevin Monahan, “Russians Penetrated U.S. Voter System. Top U.S. Official Says”, *NBC News*, 8 de fevereiro de 2018, <https://www.nbcnews.com/politics/elections/russians-penetrated-u-s-voter-systems-says-top-u-s-n845721>; Shane Harris, “Russian Hackers Who Compromised DNC Are Targeting the Senate”, *The Washington Post*, https://www.washingtonpost.com/world/national-security/russian-hackers-who-compromised-the-dnc-are-targeting-the-us-senate/2018/01/12/7e9169ce-f7a9-11e7-91af-31ac729add94_story.html.
31. Shannon O’Neil, “Don’t Let Mexico’s Elections Become Putin’s Next Target”, *Bloomberg View*, 9 de novembro de 2017, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2017-11-09/don-t-let-mexico-s-elections-become-putin-s-next-target>; Jason Horowitz, “Italy, Bracing for Electoral Season of Fake News, Demands Facebook’s Help”, *The New York Times*, 24 de novembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/11/24/world/europe/italy-election-fake-news.html>; Yasmeen Serhan, “Italy Scrambles to Fight Misinformation Ahead of Its Elections”, *The Atlantic*, 24 de fevereiro de 2018, <https://www.theatlantic.com/international/archive/2018/02/europe-fake-news/551972/>; Nicole Winfield, “Italy Warns of Election Threat as Rival Parties Court Russia”, *The Washington Post*, 21 de fevereiro de 2018, https://www.washingtonpost.com/world/europe/italy-warns-of-election-meddling-as-parties-court-russia/2018/02/20/a4eb489a-1673-11e8-930c-45838ad0d77a_story.html.

32. Olivia Solon, “The Future of Fake News: Don’t Believe Everything You Read, See, or Hear”, *The Guardian*, 26 de julho de 2017, <https://www.theguardian.com/technology/2017/jul/26/fake-news-obama-video-trump-face2face-doctored-content>; Cade Metz e Keith Collins, “How an A.I. ‘Cat-and-Mouse Game’ Generates Believable Fake Photos”, *The New York Times*, 2 de janeiro de 2018, <https://www.nytimes.com/interactive/2018/01/02/technology/ai-generated-photos.html>; James Vincent, “New AI Research Makes It Easier to Create Fake Footage of Someone Speaking,” *The Verge*, 12 de julho de 2017, <https://www.theverge.com/2017/7/12/15957844/ai-fake-video-audio-speech-obama>; David Gershgorin, “AI Researchers Are Trying to Combat How AI Can Be Used to Lie and Deceive”, *Quartz*, 8 de dezembro de 2017, <https://qz.com/1150240/ai-researchers-are-trying-to-combat-how-ai-can-be-used-to-lie-and-deceive/>; *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, s.v. “Jean Baudrillard”.

8. PROPAGANDA E FAKE NEWS

1. Robert A. Heinlein, “If This Goes On”, *Revolt in 2100*. Nova York: Spectrum, 2013.
2. Peter Pomerantsev, “Putin’s Rasputin”, *London Review of Books*, 20 de outubro de 2011, <https://www.lrb.co.uk/v33/n20/peter-pomerantsev/putins-rasputin>.
3. V. I. Lênin, “Report to the Fifth Congress of the R.S.D.L.P. on the St. Petersburg Split and the Institution of the Party Tribunal Ensuing Therefrom”, *Lenin Collected Works*, vol. 12. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1962.
4. Anne Applebaum, “100 Years Later, Bolshevism Is Back. And We Should Be Worried”, *The Washington Post*, 6 de novembro de 2017, https://www.washingtonpost.com/opinions/global-opinions/bolshevism-then-and-now/2017/11/06/830aeca-bf41-11e7-959c-fe2b598d8c00_story.html.
5. Victor Sebestyen, *Lenin: The Man, the Dictator, and the Master of Terror*. Nova York: Pantheon Books, 2017, 3.
6. Ryan Lizza, “Steve Bannon Will Lead Trump’s White House”, *The New Yorker*, 14 de novembro de 2016, <https://www.newyorker.com/news/news-desk/steve-bannon-will-lead-trumps-white-house>.
7. Jane Mayer, “The Reclusive Hedge-Fund Tycoon Behind the Trump Presidency”, *The New Yorker*, 27 de março de 2017.
8. Victor Sebestyen, *ibid.*
9. “Propaganda: Goebbels’ Principles”, www.physics.smu.edu/pseudo/Propaganda/goebbels.html; Michiko Kakutani, “In ‘Hitler,’ an Ascent from ‘Dunderhead’ to Demagogue”, *The New York Times*, 27 de setembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/09/28/books/hitler-ascent-volker-ullrich.html>; *id.*, “‘How Propaganda Works’ Is a Timely Reminder for a Post-Truth Age”, *The New York Times*, 26 de dezembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/12/26/books/how-propaganda-works-is-a-timely-reminder-for-a-post-truth-age.html>.
10. Volker Ullrich, *Hitler: Ascent, 1889-1939*. Nova York: Knopf, 2016, 94. Ver também: Michiko Kakutani, “In ‘Hitler,’ an Ascent from ‘Dunderhead’ to Demagogue”, *The New York Times*, 27 de dezembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/09/28/books/hitler-ascent-volker-ullrich.html>.
11. Adolf Hitler, *Minha luta*. Joinville: Clube dos Autores, 2016. Também conhecido como *Mein Kampf*.
12. Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
13. Christopher Paul e Miriam Matthews, “The Russian ‘Firehose of Falsehood’ Propaganda Model. Santa Mônica: RAND Corporation, 2016, 1.
14. *Ibid.*, 5.
15. *Ibid.*, 3, 4.
16. <http://www.twitter.com/Kasparov63/status/808750564284702720>.
17. T. S. Eliot, *Four Quartets*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, 17.
18. Zeynep Tüfekçi, *Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2017, 228-32.
19. Peter Pomerantsev, “Putin’s Rasputin”, *London Review of Books*, 20 de outubro de 2011, <https://www.lrb.co.uk/v33/n20/peter-pomerantsev/putins-rasputin>.
20. *Id.*, “Russia’s Ideology: There Is No Truth”, *The New York Times*, 11 de dezembro de 2014, <https://www.nytimes.com/2014/12/12/opinion/russias-ideology-there-is-no-truth.html>.
21. Priscilla Alvarez e Taylor Hosking, “The Full Text of Mueller’s Indictment of 13 Russians”, *The Atlantic*, 16 de fevereiro de 2018, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2018/02/rosenstein-mueller-indictment-russia/553601/>; Adrian Chen, “The Agency”, *The New York Times Magazine*, 2 de junho de 2015, <https://www.nytimes.com/2015/06/07/magazine/the-agency.html>.
22. Peter Pomerantsev, “Inside Putin’s Information War”, *Politico*, 4 de janeiro de 2015,

- <https://www.politico.com/magazine/story/2015/01/putin-russia-tv-113960>.
23. Id., “Putin’s Rasputin”, *London Review of Books*, 20 de outubro de 2011, <https://www.lrb.co.uk/v33/n20/peter-pomerantsev/putins-rasputin>.
24. Vladislav Surkov, “Crisis of Hypocrisy. ‘I Hear America Singing’”, RT, 7 de novembro de 2017, <https://russian.rt.com/world/article/446944-surkov-krizis-licemeriya>.
25. Andrew Sullivan, “The Reactionary Temptation”, *New York Magazine*, 30 de abril de 2017, <http://nymag.com/daily/intelligencer/2017/04/andrew-sullivan-why-the-reactionary-right-must-be-taken-seriously.html>; Rosie Gray, “Behind the Internet’s Anti-Democracy Movement”, *The Atlantic*, 10 de fevereiro de 2017, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/02/behind-the-internets-dark-anti-democracy-movement/516243/>; Kelefa Sanneh, “Intellectuals for Trump”, *The New Yorker*, 9 de janeiro de 2017, <https://www.newyorker.com/magazine/2017/01/09/intellectuals-for-trump>.

9. A FELICIDADE DOS TROLLS COM A DESGRAÇA ALHEIA

1. Marie Brenner, “How Donald Trump and Roy Cohn’s Ruthless Symbiosis Changed America”, *Vanity Fair*, agosto de 2017, <https://www.vanityfair.com/news/2017/06/donald-trump-roy-cohn-relationship>.
2. Donald Trump e Bill Zanker, *Think Big*. Nova York: HarperCollins, 2009, 174-5.
3. Rebecca Savransky, “Graham: ‘Financial Contributions Will Stop’ if GOP Doesn’t Pass Tax Reform”, *Hill*, 9 de novembro de 2017, <http://thehill.com/policy/finance/359606-graham-financial-contributions-will-stop-if-gop-doesnt-pass-tax-reform>; Cristina Marcos, “GOP Lawmaker: Donors Are Pushing Me to Get Tax Reform Done”, *Hill*, 7 de novembro de 2017, <http://thehill.com/homenews/house/359110-gop-lawmaker-donors-are-pushing-me-to-get-tax-reform-done>.
4. Thomas Pynchon, *O arco-íris da gravidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
5. F. Scott Fitzgerald, *O grande Gatsby*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
6. Sue Halpern, “The Nihilism of Julian Assange”, *The New York Review of Books*, 13 de julho de 2017, <http://www.nybooks.com/articles/2017/07/13/nihilism-of-julian-assange-wikileaks/>; Haroon Siddique, “Press Freedom Group Joins Condemnation of WikiLeaks’ War Logs”, *The Guardian*, 13 de agosto de 2010, <https://www.theguardian.com/media/2010/aug/13/wikileaks-reporters-without-borders>; Matthew Weaver, “Afghanistan War Logs: WikiLeaks Urged to Remove Thousands of Names”, *The Guardian*, 10 de agosto de 2010, <https://www.theguardian.com/world/the-war-logs>.
7. Laura Sydell, “We Tracked Down a Fake-News Creator in the Suburbs. Here’s What We Learned”, *All Tech Considered*, NPR, 23 de novembro de 2016, <https://www.npr.org/sections/alltechconsidered/2016/11/23/503146770/npr-finds-the-head-of-a-covert-fake-news-operation-in-the-suburbs>.
8. Publius Decius Mus, “The Flight 93 Election”, *Claremont Review of Books*, 5 de setembro de 2016, <http://claremont.org/crb/basicpage/the-flight-93-election/>; Rosie Gray, “The Populist Nationalist on Trump’s National Security Council”, *The Atlantic*, 24 de março de 2017, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/03/does-trumps-resident-intellectual-speak-for-his-boss/520683/>; Michael Warren, “The Anonymous Pro-Trump ‘Decius’ Now Works Inside the White House”, *Weekly Standard*, 2 de fevereiro de 2017; Trosse Gray, “Behind the Internet’s Anti Democracy Movement”, *The Atlantic*, 10 de fevereiro de 2017, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/02/behind-the-internets-dark-anti-democracy-movement/516243/>.
9. Hadley Freeman, “Sandy Hook Father Leonard Pozner on Death Threats: ‘I Never Imagined I’d Have to Fight for My Child’s Legacy’”, *The Guardian*, 2 de maio de 2017, <https://www.theguardian.com/us-news/2017/may/02/sandy-hook-school-hoax-massacre-conspiracists-victim-father>; Charles Rabin, “Parkland Students Face New Attack, This Time from the Political Right on Social Media”, *Miami Herald*, 20 de fevereiro de 2018, <https://www.miamiherald.com/news/local/article201177359.html>.
10. Joseph Goldstein, “Alt-Right Gathering Exults in Trump Election with Nazi-Era Salute”, *The New York Times*, 20 de novembro de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/11/21/us/alt-right-salutes-donald-trump.html>.
11. Marwick e Lewis, “Media Manipulation and Disinformation Online”.
12. Ashley Feinberg, “This Is the Daily Stormer’s Playbook”, *The Huffington Post*, 13 de dezembro de 2017, https://www.huffpostbrasil.com/entry/daily-stormer-nazi-style-guide_us_5a2ece19e4b0ce3b344492f2.
13. Amy B. Wang, “Trump Retweets Image Depicting ‘CNN’ Squashed Beneath His Shoe”, *The Washington Post*, 24 de dezembro de 2017;

twitter.com/realDonaldTrump/status/326970029461614594.

14. Joshua Green, *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency*. Nova York: Penguin Press, 2017, 139, 147-48.
15. Christopher Butler, *Postmodernism*. Nova York: Oxford University Press, 2002, 35.
16. "A Conversation with David Foster Wallace by Larry McCaffery", *Review of Contemporary Fiction* 13, n° 2 (Verão de 1993); David Foster Wallace, "E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction", *Review of Contemporary Fiction* 13, n° 2 (1993), 151-94.
17. Roger Wolmuth, "David Leisure – a.k.a. Joe Isuzu – Finds That the Road to Success Is Paved with Lies, Lies, Lies!", *People*, 10 de novembro de 1986, <https://people.com/archive/david-leisure-a-k-a-joe-isuzu-finds-that-the-road-to-success-is-paved-with-lies-lies-lies-vol-26-no-19/>.

EPÍLOGO

1. Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death*. Nova York: Penguin, 2006, 156, 141.
2. Ibid., 98.
3. Ibid., xix.
4. Ibid., 16.
5. George Saunders, *The Braindead Megaphone: Essays*. Nova York: Riverhead Books, 2007, 12, 6, 18.
6. Michiko Kakutani, “Why ‘1984’ Is a 2017 Must-Read”, *The New York Times*, 26 de janeiro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/01/26/books/why-1984-is-a-2017-must-read.html>.
7. Freedom House, “Freedom in the World 2018”, <http://www.freedomhouse.org>.
8. Charles McGrath, “No Longer Writing, Philip Roth Still Has Plenty to Say”, *The New York Times*, 16 de janeiro de 2018, <https://www.nytimes.com/2018/01/16/books/review/philip-roth-interview.html>.
9. George Washington, “Washington’s Farewell Address 1796”, <avalon.law.yale.edu>.
10. Thomas Jefferson, “First Inaugural Address”, 4 de março de 1801, <avalon.law.yale.edu>.
11. George Washington, *ibid.*
12. Jefferson para John Tyler, 28 de junho de 1804, *The Papers of Thomas Jefferson*, org. James P. McClure, vol. 43, Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2017. Ver também Scott Horton, “Jefferson – Pursuit of the Avenues of Truth”, *Browsings* (blog), Harper’s, 15 de setembro de 2009, <https://harpers.org/blog/2009/08/jefferson-pursuit-of-the-avenues-of-truth/>.
13. James Madison para W. T. Barry, 4 de setembro de 1822, *The Writings of James Madison*, org. Gaillard Hunt, 9 vols. Nova York: G. P. Putnam’s Sons, 1900-1910, vol. 9.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2016.
- AVLON, John. *Washington's Farewell: The Founding Father's Warning to Future Generations*. Nova York: Simon & Schuster, 2017.
- CAMPBELL, Jeremy. *A saga do mentiroso: uma história da falsidade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2008.
- CHERNOW, Ron. *Washington: A Life*. Nova York: Penguin Press, 2010.
- CLARK, Christopher. *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*. Nova York: Harper Perennial, 2014.
- CONFESSORE, Nicholas. "Cambridge Analytica and Facebook: The Scandal and the Fallout So Far". *The New York Times*, abr. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/04/04/us/politics/cambridge-analytica-scandal-fallout.html>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- D'ANTONIO, Michael. *The Truth About Trump*. Nova York: Thomas Dunne Books, 2016.
- DIEPENBROCK, George. "Most Partisans Treat Politics Like Sports Rivalries, Study Shows". *Kansas University Today*, abr. 2015. Disponível em: <<http://news.ku.edu/2015/04/13/study-most-partisans-treat-politics-sports-rivalries-instead-focusing-issues>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- ELIS, Joseph J. *Founding Brothers: The Revolutionary Generation*. Nova York: Vintage, 2002.
- _____. *The Quartet: Orchestrating the Second American Revolution, 1783–1789*. Nova York: Vintage, 2016.
- FRUM, David. "How to Build an Autocracy". *The Atlantic*, mar. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/03/how-to-build-an-autocracy/513872/>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- GRAY, Rosie. "How 2015 Fueled the Rise of the Freewheeling White Nationalist Alt-Movement". *BuzzFeed*, dez. 2015. Disponível: <<https://www.buzzfeed.com/rosiegray/how-2015-fueled-the-rise-of-the-freewheeling-white-nationali>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- HALPERN, Sue. "How He Used Facebook to Win". *New York Review of Books*, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/2017/06/08/how-trump-used-facebook-to-win/>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. *The Federalist Papers*. Dublin, Ohio: Coventry House Publishing, 2015.
- HOFSTADTER, Richard. *Anti-intellectualism in American Life*. Nova York: Vintage, 1963.
- HUGHES, Robert. *Cultura da reclamação*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- IOFFE, Julia. "Why Trump's Attack on the Time Warner Merger Is Dangerous for the Press". *The Atlantic*, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/11/trump-cnn-time-warner-att-press-freedom/546623/>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- JOHNSTON, David Cay. *The Making of Donald Trump*. Brooklyn: Melville House, 2017.
- KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- KAPLAN, Fred. *Lincoln: The Biography of a Writer*. Nova York: Harper, 2008.
- KASPAROV, Garry. *Winter Is Coming*. Nova York: PublicAffairs, 2015.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- LUCE, Edward. *The Retreat of Western Liberalism*. Nova York: Atlantic Monthly Press, 2017.
- MCCULLOUGH, David. *1776. A história dos homens que lutaram pela independência dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- MURPHY, Tim. "How Donald Trump Became Conspiracy Theorist in Chief". *Mother Jones*, nov./dez.

2016. <<https://www.motherjones.com/politics/2016/10/trump-infowars-alex-jones-clinton-conspiracy-theories/>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- O'BRIEN, Timothy L. *TrumpNation: The Art of Being The Donald*. Nova York: Grand Central Publishing, 2007.
- PLUCKROSE, Helen. "How French 'Intellectuals' Ruined the West". *Areo*, mar. 2017. Disponível em: <<https://areomagazine.com/2017/03/27/how-french-intellectuals-ruined-the-west-postmodernism-and-its-impact-explained/>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- POMERANTSEV, Peter. *Nothing Is True and Everything Is Possible*. Nova York: PublicAffairs, 2015.
- REMICK, David. "A Hundred Days of Trump". *The New Yorker*, mai 2017. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2017/05/01/a-hundred-days-of-trump>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- RICKS, Thomas E. *Fiasco: The American Military Adventure in Iraq*. Nova York: Penguin Press, 2006.
- ROSENBERG, Matthew; DANCE, Gabriel J.X. "'You Are the Product': Targeted by Cambridge Analytica on Facebook". *The New York Times*, abr. 2018. Disponível: <<https://www.nytimes.com/2018/04/08/us/facebook-users-data-harvested-cambridge-analytica.html>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- SNYDER, Timothy. *Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- STANLEY, Jason. *How Propaganda Works*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2015.
- TIMBERG, Carl; ADAM, Karla; KRANISH, Michael. "Bannon Oversaw Cambridge Analytica's Collection of Facebook Data, According to Former Employee". *The Washington Post*, mar. 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/bannon-oversaw-cambridge-analyticas-collection-of-facebook-data-according-to-former-employee/2018/03/20/8fb369a6-2c55-11e8-b0b0-f706877db618_story.html?noredirect=on>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- WOLFE, Tom (org.). *The New Journalism*. Nova York: Picador Books, 1975.
- WOLFF, Michael. *Fogo e fúria: por dentro da Casa Branca de Trump*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- WOOD, Gordon S. *The Radicalism of the American Revolution*. Nova York: Vintage, 1993.
- WYLIE, Christopher. "Why I Broke the Facebook Data Story — and What Should Happen Now". *The Guardian*, abr. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2018/apr/07/christopher-wylie-why-i-broke-the-facebook-data-story-and-what-should-happen-now>>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- YGLESIAS, Matthew. "American Democracy Is Doomed". *Vox*, out. 2015. Disponível em: <<https://www.vox.com/2015/3/2/8120063/american-democracy-doomed>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

SOBRE A AUTORA



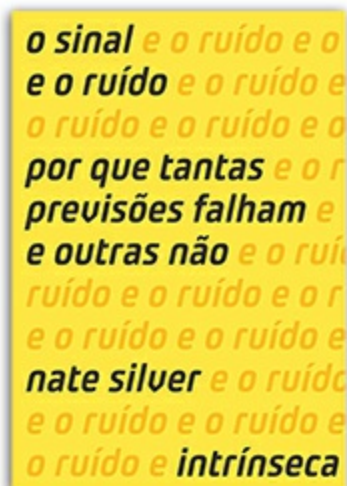
©Petr Hlinomaz

MICHIKO KAKUTANI foi crítica literária do *The New York Times* por quase quatro décadas. Considerada uma das melhores críticas de literatura em língua inglesa, ajudou a alçar a carreira de escritores como David Foster Wallace, George Saunders e Ian McEwan. Em 1998, foi agraciada com o Prêmio Pulitzer, um dos mais importantes do mundo.

LEIA TAMBÉM



Você foi enganado
Chico Otavio e Cristina Tardáguila



O sinal e o ruído
Nate Silver



Notícias: manual do usuário
Alain de Botton

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[1. O declínio e a queda da razão](#)

[2. As novas guerras culturais](#)

[3. “Moi” e a escalada da subjetividade](#)

[4. O desaparecimento da realidade](#)

[5. A apropriação da linguagem](#)

[6. Filtros, bolhas e tribos](#)

[7. Déficit de atenção](#)

[8. Propaganda e fake news](#)

[9. A felicidade dos trolls com a desgraça alheia](#)

[Epílogo](#)

[Notas](#)

[Outras referências](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)